

N.º 5
3-2-51

REVISTA DA SEMANA

CR$ 3,00
EM TODO O BRASIL



CARNAVAL
DE 1951

VIAGENS AÉREAS



NACIONAL

TRANSPORTES AÉREOS

COBRINDO O INTERIOR DO BRASIL, SERVINDO A MAIS DE 50 CIDADES NOS ESTADOS DE MINAS GERAIS — MATO GROSSO — GOIÁS — BAHIA — SÃO PAULO, COM LIGAÇÃO PARA O RIO DE JANEIRO.

Oferece perfeito serviço de

PASSAGEIROS - CARGA - ENCOMENDAS - VALORES - REEMBOLSOS - FRETAMENTOS

RIO DE JANEIRO Passagens: - R. St. Luzia 685-A, fones: 32-7399 e 32-6119 Cargas: Av. Beira-Mar, 514 — Fones 42-9850 e 32-9455.

SÃO PAULO — Rua Conselheiro Crispiniano, 28 Fone 6-3264

BELO HORIZONTE — Passagens: Av. Amazonas, 511 — Fone 2-0818 — Cargas: Rua Goitacazes, 29-loja — Fone 2-0368.

SALVADOR — Rua Santos Dumont, 21 - Fone: 2 - 381 — Praça Municipal, 1 — Fone 4-210.





MESMO QUE CHOVA

TÔDAS as atenções do povo se voltam, exclusivamente, para os três dias de embriaguez que Rei Momo conduz para a festa sem par dêste país. Uma semana antes do Carnaval, já ninguém pode fazer nenhum negócio, comprar ou vender, combinar uma visita, preparar planos para desenvolver uma indústria, conseguir uma empregada, uma "babá", uma simples copeira. A cidade em pêso não tira o pensamento da folgança que se desenha nos horizontes. E' a farra generalizada, a festa pagã, os três dias que nivelam os homens, misturando raças, mesclando idades, confundindo os destinos, na algazarra dos loucos, nos bailes dos recalcados, da efusão de euforias que estavam armazenadas desde a última quarta-feira de cinzas.

O Rio de Janeiro sempre foi uma cidade carnavalesca. O leitor conhece aquêle episódio de certo Carnaval, quando D. Pedro II, nosso magnânimo e sábio Imperador, passava despreocupadamente sob a sacada de certa casa da rua do Ouvidor, num domingo de Carnaval? Pois fique sabendo que, lá de cima lhe jogaram uma bacia cheia d'água, dando sensacional banho no Imperador filósofo!

E' que, àquele tempo, o Carnaval se caracterizava pelo uso do entrudo. Sòmente os que já estão aí pelos sessenta janeiros devem recordar-se do que era isso. Entrudar constituía a maior glória para o carnavalesco do século XIX.

Pegar-se um "cartola" e deixá-lo ensopado de água e todo sujo de tinta ou maizena, era a coisa mais gozada dêste mundo. E nem o sr. Imperador pode escapar à brincadeira.

Depois, com o perpassar do tempo, quando a cidade começou a vestir-se melhor, belas avenidas a suceder às vielas imundas, o Rio foi afastando-se do entrudo e adotando a bisnaga perfumada, passando em seguida, aí por volta de 1912, ao lança-perfume, apesar da grita da imprensa e dos atestados médicos, condenando o esguicho nos... olhos!

A evolução carnavalesca é muito grande; mas, de uma coisa ninguém pode duvidar: o carioca é mesmo da farra. O que êle quer é movimento...

Os dias que antecederam o Carnaval, não foram de ordem a deixar tranqüila a população carioca em relação às perspectivas do tempo. Embora o povo tenha consagrado a marchinha "Tomara que chova três dias sem parar", como uma de suas preferidas, no íntimo o que todo folião deseja é mesmo o contrário: "Tomara que não chova, meu Deus!"

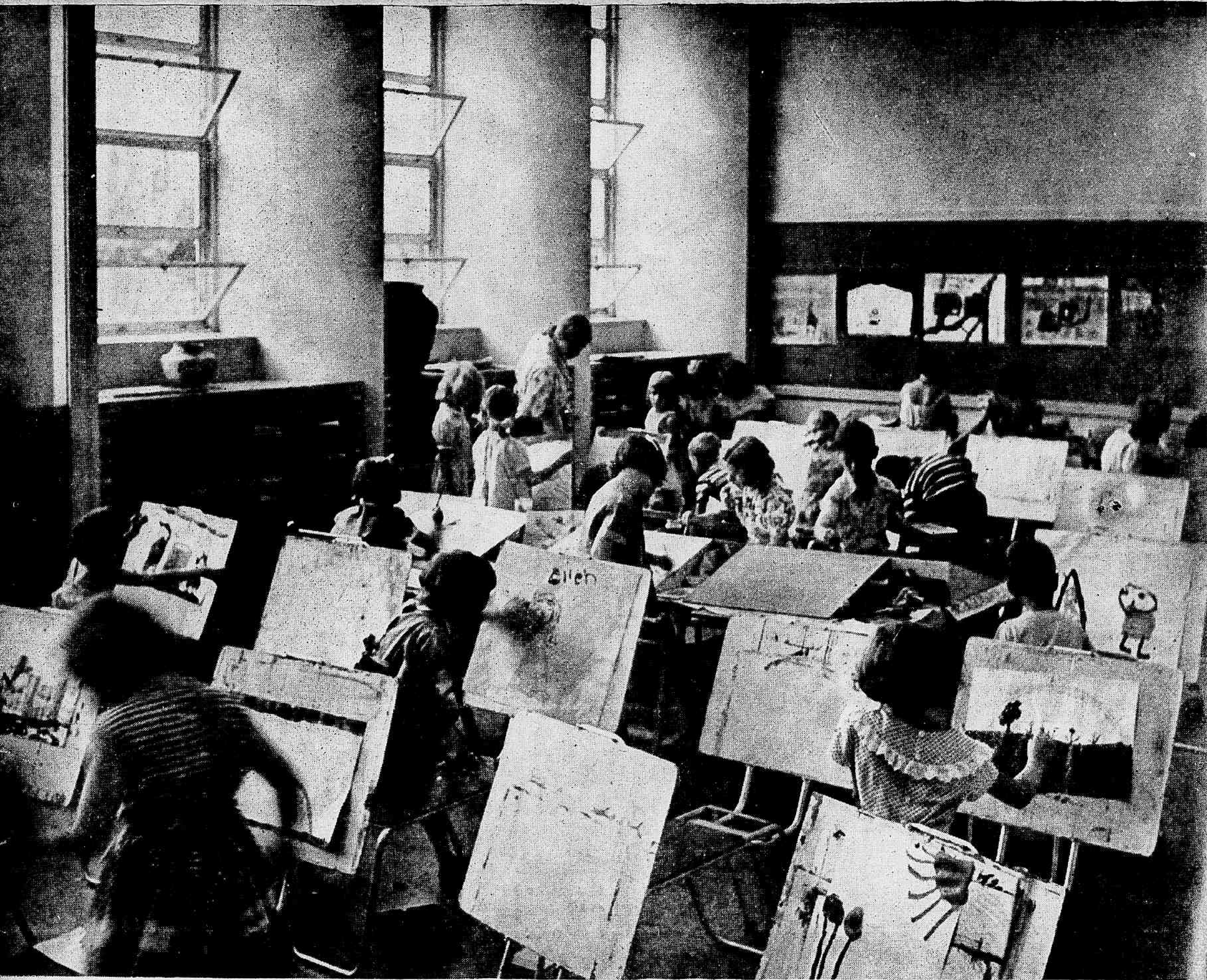
E assim pensam mesmo os que fogem do Rio, da abafadora canícula dêstes dias de fins de janeiro para fevereiro, quando vão centenas e centenas de pessoas em busca das serras do sul de Minas, para o bucolismo de Teresópolis ou a aristocracia imperial de Petrópolis.

Quantos sonhos desfeitos em lágrimas quando o Carnaval se banha em aguaceiros de desabar o Corcovado! Fantasias caríssimas, excursões projetadas, passeios ao ar-livre, tudo se reduzindo a desolação, a expressões de mágoa estampada em cada rosto...

Pierrots e Colombinas derrotados pelos temporais! Que espetáculo triste e desolador! O Rio é uma cidade que não pode suportar aguaceiros de três horas, quanto mais de três dias, "sem parar"...

Como estamos na esperança de que a profecia da marchinha não se realize, oferecemos nesta gravura uma sugestão carnavalesca de Lucille Bremer, de belíssimo efeito, inclusive as borboletas coloridas que ornamentam o penteado dessa encantadora bonequinha, capaz de entontecer qualquer cidadão desprevenido dentro ou fora do Carnaval.

Que todos se divirtam no tríduo, que é a maior festa brasileira, "mesmo que chova três dias sem parar"...



As aulas para crianças são dadas várias vêzes por semana, durante o verão, em lugares amplamente ventilados e iluminados por processos racionais, de modo a favorecer a visão de cada aluno. E cada um dêles desenha ou pinta o que melhor entender, dentro do seu temperamento inato, em obediência ao princípio das vocações expontâneas, sistema muito bem sucedido



Êste jovem artista-estudante examina a pintura de uma locomotiva feita por outra criança. Os melhores trabalhos são exibidos no «Studio Hall» do Centro Artístico Baltimore.

PEQUENOS GRANDES ARTISTAS

NOVA YORK, janeiro (Especial da USIS para a REVISTA DA SEMANA) — Basta que se dêem a uma criança tintas e pincéis para que sua imaginação criadora comece a se manifestar. Uma mancha quadrada de tinta brilhante marcada com "janelas" pode transformar-se em sua casa; uma estranha figura de quatro pernas será o seu cão de estimação.

Artistas e professôres acreditam que se as crianças receberem encorajamento em seus esforços artísticos iniciais, grande número delas se transformará em artistas criadores e quase tôdas adquirirão uma apreciação das formas, côres e linhas que enriquecerá suas vidas.

Muitos museus de arte dos Estados Unidos têm classes e exposições especiais para crianças. O novo Centro Artístico Para Jovens, inaugurado no decorrer do ano 1950, em Baltimore, no Estado de Maryland, foi, porém, construído e organizado especialmente para as crianças.

As atividades do Centro Artístico Para Jovens, por exemplo, o qual foi uma doação da sra. Sadie A. May, artista e colecionadora de objetos de arte de Baltimore, incluem aulas de desenho para crianças de 6 a 15 anos de idade, exposições de arte de tôdas as partes do mundo, apresentações especiais de trabalhos de crianças e conferências ilustradas sôbre educação artística para crianças, pais e professôres.

Agora, o "Lions Clube", de Taos, nos Estados Unidos, organização internacional de negócio, decidiu mostrar ao mundo que as crianças



Peças de vestuário e objetos de arte de países latino-americanos são apresentados nessa exposição. Uma pequena biblioteca anexa ao salão contém livros sôbre os países latino-americanos.

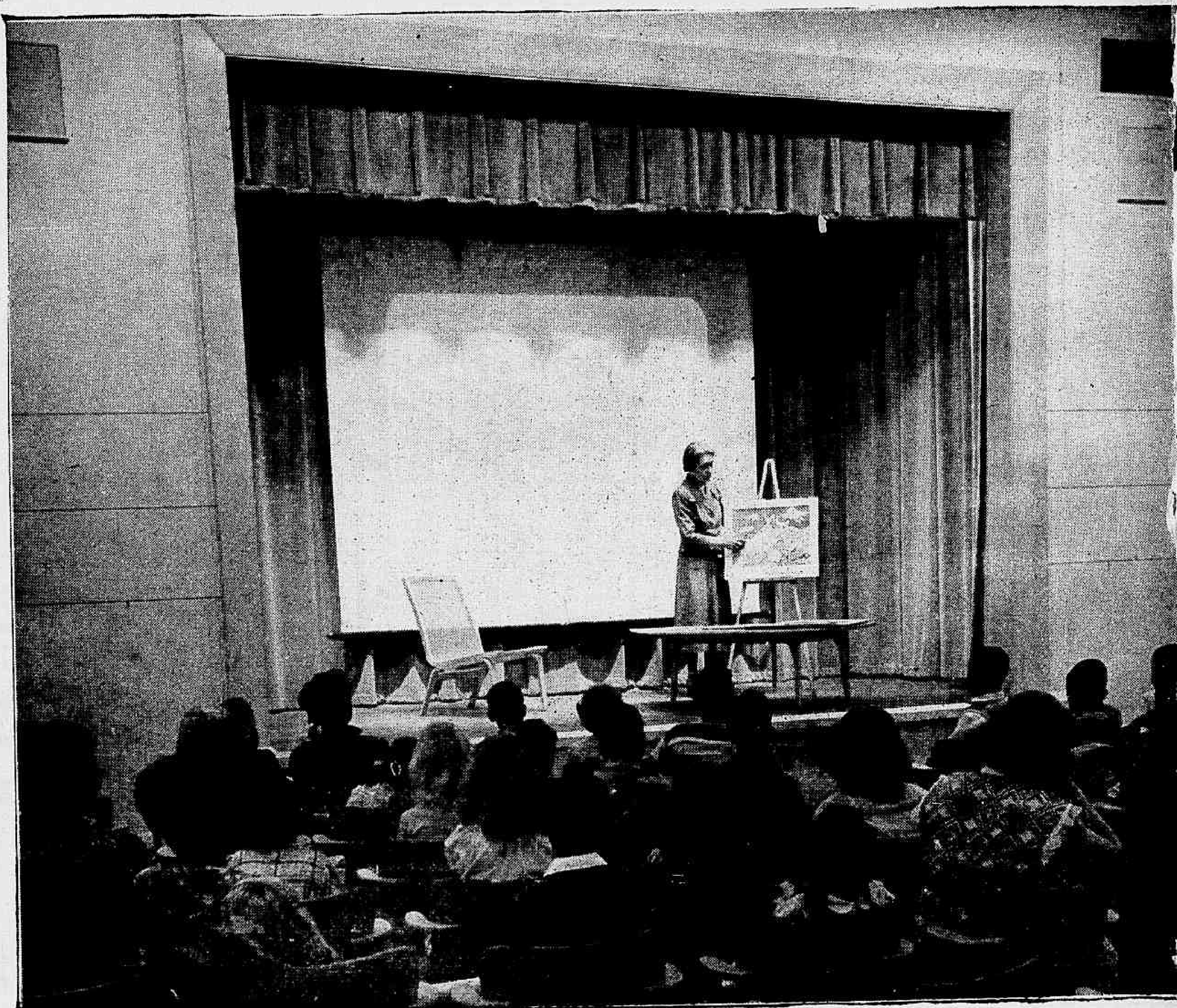
são inerentemente tão bem dotadas quanto os artistas adultos de cada um dêsses grupos.

O grande êxito obtido pela primeira exposição de arte dos escolares da cidade de Santa Fé (New México), promovida pelo "Lions Clube", estimulou uma segunda exposição nas mesmas bases. Esta, realizada em 1950 na Galeria de Artes do Estado, demonstrou-se ainda melhor do que a primeira. Com êsse contínuo êxito, nasceu a idéia de um amplo movimento estadual, patrocinado nas diversas cidades pelos "Lions Clube".

Criaram-se primeiros, segundos e terceiros prêmios; os quadros assim premiados seriam expostos na Galeria de Arte do Estado, em Santa Fé, para concorrer a novos prêmios. Todavia, o início foi tardio e apenas seis clubes realizaram o trabalho, com a Aliança das Artes de New México patrocinando a exposição estadual e os "Lions Clube" locais patrocinando as mostras nas diversas cidades. Embora o trabalho haja sido iniciado tarde, o entusiasmo dos que dêle participaram, especialmente as escolas e os escolares, foi muito grande, proporcionando incentivo para futuras exposições.

O valor da arte infantil não reside nos quadros que a criança possa criar. Reside no fato de a criança ter criado algo próprio, uma expressão do que sente e que para ela se torna um quadro, pareça o que

(Cont. na pág. 37)



O auditório do Centro Artístico tem capacidade para cem pessoas. Filmes e dispositivos ilustrativos são apresentados na tela que se vê ao fundo, muito auxiliando as crianças.

REVISTA DA SEMANA

N.º 5 ★ 3-2-51

A SEMANA EM REVISTA

Redator-Chefe:
CELESTINO SILVEIRA

Chefe de Publicidade:
J. M. COSTA JUNIOR

Paginação de
VICTOR TAPAJÓS

PUBLICAÇÃO DE ARTE,

LITERATURA E MODAS

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo, em 1933

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano ..	Cr$ 140.00
Seis meses	Cr$ 70.00
Registrada — Um ano	Cr$ 170.00
Seis meses	Cr$ 85.00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr$ 270.00
Seis meses	Cr$ 140.00

O número avulso custa Cr$ 3.00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 3,50

Correspondentes — Na Bahia: J. Mamede Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: vendas na Capital a cargo da «Agência Zambardino», à rua Capitão Salomão, 67, tel. 4-1569; Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, rua da Conceição n. 58, 1.º andar, sala 101, telefone 6-6718

TEM AGENTES EM TÔDAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

Representantes — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2.º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: «Interprensa», Florida 299, tel. 32, avenida 9109, Buenos Aires

Tôda correspondência deve ser endereçada ao diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

Êste número consta de 52 páginas

Propriedade da COMPANHIA EDITORA AMERICANA

Rua Visconde de Maranguape, 15
Rio de Janeiro

Diretor-Presidente
GRATULIANO BRITO

Diretor-Secretário:
R. PEIXOTO DE ALENCAR

TELEFONES — Redação: 22-4447; Publicidade: 22-9570; Gerência: 22-8647; Contabilidade: 22-2550; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

A FERA ENJAULADA



Ilse Koch, cognominada «A fera de Buchenwald», acaba de ser condenada à prisão perpetua pelo tribunal da Alemanha Ocidental. Ilse é uma das criaturas mais odiadas do mundo. Sua história começa quando dirigia, com o espôso, — uma hiena nazista — o campo de concentração de Buchenwald. Ambos se especializaram em atrocidades contra prisioneiros, judeus, inimigos políticos do Reich hitleriano, organizando os mais terríveis processos de martírio e crueldade. Essa fera que não se satisfez com tanto sangue derramado e com tanta morte provocada pelos seus metodos de perseguição e tortura, fôra absolvida no primeiro julgamento; mas a Justiça Pública apelou da Sentença da primeira instância e a fera sanguinária foi submetida a novo julgamento e condenada à cela enquanto viver. Durante o novo processo, vieram a público os mais incríveis crimes da pantera alemã. Contra as provas exibidas pelas vítimas e pessoas de suas famílias, não foi possível conseguir a confirmação de sua liberdade. E Ilse Koch teve que voltar à prisão, definitivamente. Antes, porém, ela quis apelar para simulações de loucura, a fim de atrair a piedade dos juizes e do povo. Mas seus gritos e atos de vandalismo na prisão, quebrando móveis e a dizer palavrões, foram examinados por psiquiatras, chegando-se à conclusão de que tudo aquilo era simulação. E lá se foi a criminosa de guerra para a cadeia, até à morte.

TOMARA QUE CHOVA



..Se chover «três dias sem parar», esta cidade desaparecerá do mapa dos vivos... Se, com quarenta minutos de aguaceiro, o Rio fica em estado de imobilidade, com todos os meios de transportes parados, ruas alagadas, taboas na praça, etc., que não sucederá se chover mesmo durante o período desejado pela marchinha popular? A 16 e a 17 de janeiro foi o que todos vimos. Nem os trens da Central puderam trafegar. Riachos humildes, sem nenhuma expressão hidrográfica, tão modestos que nem mesmo figuram em mapas, surgem de improviso e desmoralizam os senhores engenheiros oficiais, invadindo lares, alagando ruas, arrebentando pontes, matando gente. Isso vem sucedendo desde que o Rio tomou forma de cidade populosa, movimentada e culta. E não há um prefeito que consiga dominar as enxurradas. Até parece «coisa feita» contra os cariocas. Será impossível executar-se um plano de escoamento das águas pluviais? Claro que não! O que falta é vontade de atacar o problema e resolvê-lo, em um, em dois, ou dez gestões prefeiturais. Se os governadores desta cidade, maravilhosamente ensopável, vivessem tratando cuidadosamente do assunto desde os saudosos tempos das Intendências, o Rio não estaria sofrendo as calamidades por que passa todos os anos, três, cinco, dez vêzes por ano. Aí está um palpite ao novo Prefeito: ataque as águas, Senhor, e ficará consagrado como o maior benfeitor da cidade. «Contra as águas em Sete Dias...»

CARNE SÊCA



Desta vez a polícia ficou por baixo da Carne Sêca... Já é, segundo dizem, a terceira vez que êsse delinqüente foge da cadeia do Distrito Federal. Desta vez há até uma curiosa circunstância: os guardas que o vigiavam são os mesmos que montavam sentinela quando de sua última fuga... Mera coincidência? Ou habilidade que tem o esperto Carne Sêca de iludir os seus carcereiros? O fato chegou a atrair as atenções públicas, ocupando várias colunas dos jornais que abriram manchetes para comentar o fato. Mas ainda não está o público informado do processo de que lançou mão o inteligente condenado. Por onde escapou? Pelo fôrro? pelo esgôto? Travestido de guarda como nos filmes policiais? Usando medicamentos de «invisibilidade» como em certas produções de Hollywood? Essa história de prisão na Cadeia de Detenção do Rio é um tanto pitoresca. De quando em quando foge um meliante devidamente condenado. A polícia lhe deita a mão, trá-lo novamente para «descansar» do esfôrço dispendido e nenhuma providência é tomada para impedir tamanhas proezas. Alguma cousa deve estar fora do lugar lá na cadeia carioca. Ou os guardas, ou as traves, ou os forros... De tudo isso se vão aproveitando os sabidos e sabidões da marca de Carne Sêca, rapaz de aspecto até humilde, dando a impressão de que é antes um mártir do que um criminoso. Até quando voltará a brincar de esconder com a polícia?

A CAMPANHA DAS LETRAS



Não se trata de campanha literária como parece à primeira vista. A campanha das letras a que nos referimos é a guerra dos que estão aí pelas alturas do H e do I, enquanto outros já chegaram ao ambicionado O (oh!) Dizem que tudo começou pelas benemerências da Lei nº 200, do Ministro da Fazenda. A medida que tinha por fim beneficiar determinada classe do Serviço Público, está provocando indisfarçável agitação entre todos os demais serventuários da Fazenda Pública. Com o aumento para a letra O, os outros funcionários abriram a bôca e gritaram: «Também queremos!» O brado ecoou do Amazonas ao Prata e do Rio Grande ao Pará. As florestas se encresparam com o vendaval, os rios se arripiaram e o mar rugiu na areia das praias. Tal a fôrça dos pulmões dos prejudicados. Diante do clamor, não teve o Ministro outro jeito que não o de ir satisfazendo às exigências dos seus auxiliares e elevando todo mundo dos começos do alfabeto até ao O almejado. Muitos já fizeram grandes promessas a Nossa Senhora do O, certos de que a milagrosa santa os ajude a vencer tanta letra cabulosa entre o I e o N, parte do alfabeto que já está, desde muito, intolerável pelos que sabem ler e pelos analfabetos. Os auxiliares de escritórios do Ministério da Fazenda se julgaram com os mesmos direitos do O, isto é, da letra O. E não há verba que chegue para satisfazer a tantos Oh! Oh! Oh!

A PERSONAGEM DA SEMANA

QUANDO circular esta edição já estará o país sob o govêrno do Sr. Getúlio Vargas que acaba de receber o seu diploma de Presidente da República por fôrça da vitória que lhe foi conferida no último prélio eleitoral, em que as preferências do povo brasileiro, divididas entre três candidatos, se manifestaram a favor do senador riograndense do sul. E' intensa, como jamais se viu igual a expectativa em tôrno do govêrno que se vai iniciar. Porque, na história do Brasil nunca aconteceu o que vem de suceder com o Presidente recém-eleito. Leva S. Excelência para o poder, não apenas as lições de um periodo normal de govêrno. Ex-deputado federal, ex-Ministro da Fazenda, ex-Governador do Rio Grande do Sul, ex-Presidente Constitucional da República, ex-Chefe de longo período de Govêrno Ditatorial, ex-Senador da República, volta, desta feita, S. Excelência, às alturas do Catete por fôrça de uma eleição realmente livre em que o povo votou como quis. E', por tudo isso, forçoso reconhecer que nunca jamais, um homem público no Brasil assumiu o poder com maior soma de responsabilidades do que o Sr. Getúlio Vargas o faz nesta oportunidade. Poder-se-á dizer que, em 1930, quando chefiou uma revolução e assumiu as rédeas do govêrno com poderes ilimitados, sua responsabilidade foi imensa. Mas é mister ponderar que, embora não se pudesse considerar Sua Excelência um inexperiente em 1930, não há como comparar o manancial de conhecimentos que o Presidente eleito deve hoje possuir de vida pública, em comparação com o de vinte anos passados. E, durante êsse período abriram-se-lhe todos os problemas, e até, podemos dizer, os segredos do Brasil. E S. Excelência os viu de cima para baixo e de baixo para cima. Que a sua estrêla, nesta hora, brilhando intensamente, sirva de guia eficiente ao seu govêrno. E que, dest'arte, realize uma grande obra administrativa de que a nação tanto carece e pela qual tanto tem esperado.



Getúlio Vargas

PUXE PELO CEREBRO

NOSSA PÁGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA

Nenhuma resposta certa ...	Estado primitivo	Homem-macaco
De 1 a 3	Cultura inferior	Selvagem
De 4 a 10	Cultura média	Estudante ginasial
De 10 a 15	Cultura superior	Universitário
De 18 a 19	Genial	Um sábio
Tôdas as vinte		O gênio em pessoa

1 — O ABACAXI É FRUTO DE UMA:

Leguminosa?
Bromeliácea?
Cucurbitácea?

2 — QUAL O NOME DE FÊMEA DO RINOCERONTE:

Rinoceronta?
Abada?
Júgula?

3 — QUAL O NEOLOGISMO INVENTADO PELO FILÓLOGO CASTRO LOPES, PARA SUBSTITUIR «ABAT-JOUR»

Pantalha?
Quebra-luz?
Lucivelo?

4 — QUE QUER DIZER «ABLATIVO»:

Um dos casos de declinação latina?
Réu confesso?
O último dente a sair?

5 — QUE SIGNIFICAVA, ENTRE OS ANTIGOS, A PALAVRA «ABRACADABRA»:

Epidemia?
Têrmo de magia?
Tempestade?

6 — QUE QUER DIZER A PALAVRA «OBSOLETO»:

Estrangeiro?
Clássico?
Fora de uso?

7 — QUE SIGNIFICA «ACAIACA»:

Nome de um fruto?
De um rio?
De uma árvore?

8 — QUE NOME TEM O INDIVÍDUO QUE NASCE SEM O CORAÇÃO:

Acardíaco?
Apodógino?
Cirrósico?

9 — QUE NOME SE DÁ A MOLÉSTIA DE CERTOS DOENTES QUE NÃO PODEM FICAR SENTADOS:

Abulia?
Acatisia?
Distorcia?

10 — QUE QUER DIZER «ACÉFALO»:

Sem pés?
Sem mãos?
Sem cabeça?

11 — COMO CHAMAMOS AS PESSOAS QUE TÊM MÊDO DE SUBIR A LUGARES MUITO ALTOS:

Acrófabos
Antropóides?
Cerúleas?

12 — QUE NOME TEM A INTERPRETAÇÃO DA VIDA PELA LEITURA DA PALMA DAS MÃOS:

Manigância?
Dactilologia?
Quiromancia?

13 — QUE NOME DÃO A AVERSÃO A LEITURA:

Bibliomania?
Citologia?
Deslexia?

14 — QUAL DENTRE ÊSTES VOCABULOS É SINÔNIMO DE «INSTRUIR»:

Erudir?
Enxarciar?
Periclitar?

15 — ONDE MORREU NAPOLEÃO BONAPARTE:

Na batalha de Waterloo?
Na ilha de Santa Helena?
Em Elba?

16 — QUE SIGNIFICA «FRAGOSO»:

Escabroso?
Aromático?
Elevado?

17 — QUAL, DENTRE ESTAS PALAVRAS, É SINÔNIMO DE CIGANO:

Globífero?
Gitano?
Gladiário?

18 — COMO DEVEMOS DIZER, REFERINDO-NOS A MAQUINISMOS MECANICOS:

Maquinaria (acento em ri)?
Maquinário (acento em na)?
Maquinária (acento em na)?

19 — QUE NOME DÃO AOS GRANDES GUINDASTES:

Grumixa?
Pororoca?
Grua?

20 — QUE NOME TÊM AS AVES QUE SE ALIMENTAM DE SEMENTES:

Granívoras?
Estentóricas?
Primíparas?

(Respostas na página 58)

Homens que trabalham

Se V. S. sofre de prisão de ventre e esqueceu-se de tomar **Ventre-Livre** ontem à noite, antes de dormir, não esqueça hoje.

Tome uma dose de **Ventre-Livre** hoje à noite, antes de ir para a cama, que amanhã passará o dia bem e trabalhará com prazer.

Os homens ativos, que trabalham com afinco, devem cuidar especialmente da saúde, pois precisam ter o estômago, os intestinos, o fígado, enfim todos os órgãos, e também os nervos, em bom estado, para conservar as suas energias.

A prisão de ventre intoxica o organismo, abate as fôrças e, por conseguinte, diminui a capacidade de trabalho.

Combata a prisão de ventre sem perda de tempo, usando **Ventre-Livre.**

Ventre-Livre tonifica as camadas musculares do estômago e intestinos e limpa-os das substâncias infectadas e fermentações tóxicas, verdadeiros venenos, que perturbam as funções de todos os órgãos e causam tão grande mal aos nervos.

Tome **Ventre-Livre** hoje, à noite.

* * *

Lembre-se sempre:
Ventre-Livre não é purgante

* * *

Tenha sempre em casa
alguns vidros de **Ventre-Livre**

CONTOS PARA A "REVISTA"

"REVISTA DA SEMANA" ESTIMULA AS APTIDÕES LITERÁRIAS DE SEUS LEITORES

1 — Só serão aceitos contos escritos em tôrno de temas brasileiros, sôbre os quais os nossos leitores possam discorrer com pleno conhecimento e com facilidade.

2 — Os contos devem ser invariàvelmente dactilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos.

3 — A redação manterá informações no «Correio da Revista» sôbre os contos selecionados e os considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores procurar a importância de sua colaboração na caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem.

4 — Os contos devem ter no mínimo quatro folhas dactilografadas, tipo ofício, em espaço dois, e, no máximo, oito folhas.

5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na folha de rosto e na página final do mesmo. No caso de usarem pseudônimo e o nome verdadeiro, êste será utilizado apenas para efeito de pagamento.

6 — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interêsse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade, etc.. Os autores devem procurar, acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literàriamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.

REPRODUZIMOS neste local a informação que sistemàticamente vem sendo publicada no expediente desta revista: **"O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaborações solicitadas pela redação".** Essa advertência precisa ser ratificada quando chega ao nosso conhecimento que elementos estranhos, ou que não mais pertencem ao nosso corpo de colaboradores, estariam procurando entidades para serem entrevistadas, assegurando que suas reportagens serão publicadas em nossas páginas. **Os colaboradores desta revista estão munidos de credencial com data periòdicamente renovada, cuja exibição deve ser exigida pelos interessados.**



liso e livre de eventuais transtornos. Desde que o homem começou a registrar, através da história da civilização, tôdas as etapas da evolução, é à "loucura" de certos homens que devemos em grande parte o aperfeiçoamento da humanidade.

Os estudos do menino Frederico continuaram no Anglo-Brasileiro e no Mackenzie-College de São Paulo. Fêz-se notar desde logo pelo gôsto da matemática e da física, pelas experiências, junto com o professor Slater, da telefonia sem-fio, isso no princípio do século. Iniciou a publicação de livros científicos, cuja autoria lhe era negada. Na politécnica, segundanista, dá lições de electrotécnica a quintanistas. Perde o pai. Segue então com a mãe para a pátria dessa, a Itália, onde continua os estudos em Roma. Torna-se aluno de Rigli e de Donati, físicos famosos. Forma-se em medicina. Viaja pela França, Inglaterra e Alemanha. Publica mais um livro, sôbre a maré electro-telúrica. Procura Guglielmo Marconi, na Villa Griffone, em Bolonha. Marconi era então o cientista italiano mais em evidência, e difícil era se aproximar dêle. Não conseguindo a entrevista, percebendo a espôsa do mestre no jardim da Villa, sai falando alto e queixando-se da má sorte. O estratagema dá resultado, desperta a atenção da senhora inglêsa, por meio da qual é admitido à presença de Marconi. Desde aquêle momento priva do convívio do sábio. Estuda, faz experiências, ganha bôlsas do Município de Bolonha, pesquisa e, finalmente, volta a Araraquara, sua querida cidadezinha do interior paulista. Essas pesquisas, agora, estão voltadas para a Microscopia luminescente, com raios X moles, precursores do microscópio electrônico. Continua os estudos com ar líquido, que vinha realizando e conseguindo desde a época de estudante, em 1917. Volta a viajar — Buenos Aires, e novamente a Europa: Bruxelas, Madrid, Paris, Berlim... Em Paris, conhece Marie Curie; em Berlim, troca idéias com Einstein. Época de miséria, deve abandonar as pesquisas para trabalhar e conseguir o próprio sustento. E' agora assistente do professor Augusto Murri, médico de pessoas alto-colocadas, na Itália. Lembra quando passou a ser o médico de Gabriele D'Annunzio. Mas, as saudades da pátria distante e da mãe sòzinha o forçaram a voltar para o Brasil. Araraquara não era mais a cidade ideal para um pesquisador. Faltavam-lhe os meios mais rudimentares. Em atenção à mãe, velha e quase cega, ficou, clinicando e pesquisando nas horas vagas. Não compreendido nem mesmo pelos colegas, era combatido, insultado na rua pela chusmalha, especialmente quando se espalhou a notícia de que êle percorria os arredores da cidade estudando os fenômenos meteorológicos, os relâmpagos, a chuva, as nuvens e quando foram conhecidas suas experiências para provocar chuva artificial. Então sim, é que se confirmou a fama de louco que o perseguia desde menino. E, não estava só; Edmundo Lupo, Graziato e mais alguns o auxiliavam, voavam horas seguidas, dentro das nuvens, e as observações eram comunicadas a diversas academias de ciência, nacionais e estrangeiras. Veio a guerra, tudo ficou sob a supervisão das autoridades. Terminado o conflito, um belo dia, em 1946, os americanos do norte apregoam a todo o mundo que êles, em primeiro lugar, haviam descoberto o meio de provocar chuva ar-

O "MANDA CHUVA" DE MARCO

UMA INFÂNCIA DIFERENTE ★ ESTUDOS CIENTÍFICOS NO BRASIL E NA EUROPA ★ AR LÍQUIDO, CHUVA ARTIFICIAL, MEDICINA E RAIOS CÓSMICOS ★ INCREDULIDADE POPULAR, INDIFERENTISMO OFICIAL ★ OS AMERICANOS DO NORTE QUEREM LEVAR A PALMA ★ "O HOMEM JÁ PODE FAZER CHOVER!" ★ PROSSEGUIMENTO DOS ESTUDOS PARA CONTRÔLE DOS FENÔMENOS PROVOCADOS ★ CHUVA NA POLÍTICA ★ E O GOVÊRNO O QUE FAZ?

Reportagem de SABINO CANALINI

ERA uma vez um menino que, como todos os de sua idade, gostava de brincar. Seus passatempos, porém, intrigavam não sòmente aos companheiros de folguedos como à gente grande, principalmente a seus pais. O pequeno Frederico De Marco gostava da chuva, das tempestades, corria dentro da neblina, puxando sacos de papel que queria encher com a mesma para guardá-la em estoque para os dias de calor, queria engarrafar a luz; aos oito anos, seu brinquedo era um barômetro, fabricou um balão aerostato de sêda, adaptou-lhe uma cesta, encheu-o, subiu, soltou-o e... graças a Deus, uma árvore acolhedora freiou uma viagem talvez fatal.

— Meu filho não é normal! — chorava a pobre mãe apreensiva.

— Poderá ser um gênio, minha velha! — respondia esperançoso o pai.

E' dessa criança, hoje com 55 anos, que relataremos um pouco da vida e das lutas atrás de coisas absurdas, que serviram para lhe grangear desde menino a fama de louco. Mas, quem somos nós para apelidar outra pessoa de louca? Será que em nossa intimidade nunca havemos agido de maneira que, se vistos por outros, com tôda certeza seríamos tidos por hóspedes da colônia Juliano Moreira? Ora, quantas vêzes! E o leitor amigo, num rápido exame de consciência, será que não confessa também de, às vêzes, haver perseguido quimeras selênicas? Sempre que alguém procura evoluir pelo esfôrço próprio e por caminhos inexplorados, fàcilmente torna-se alvo da ignorância da maioria, que trilha veredas seculares e por isso mais cômodas de serem percorridas, pois a terra já está batida, o solo é

tificial. Em Araraquara gozaram da presunção, pois desde 1939 estavam habituados a ver tais maluquices por intermédio de Frederico de Marco. Se não bastassem as provas existentes, os relatórios enviados aos serviços meteorológicos do país e de fora, se não bastasse o testemunho visual de centenas de pessoas, aí está reproduzida uma fotografia, justamente a da primeira experiência, perto do Salto Grande, nos arredores de Araraquara. Em 1940, as experiências começaram a ser efetuadas em avião. Pul-



EM 1939 Frederico De Marco fêz a primeira experiência coroada de sucesso perto da cascata do Salto Grande, na fazenda Lupo, em Araraquára, no Estado de São Paulo.

verizavam-se as nuvens com combinações químicas de sódio puro, iodureto de prata e outras sais radioativos. Experiências oficiais, preanunciadas e divulgadas, foram poucas, umas quatro ou cinco, para não ir contra a opinião generalizada, mas contou-nos o professor De Marco que, pelo menos duas vêzes por semana, realizou pesquisas e experiências em vários lugares perto de Araraquara e mesmo longe, avolumando-se a centenas o número de observações fiscalizadas, anotadas e comunicadas aos meios interessados. O que os americanos realizaram com gêlo sêco, aqui foi feito com outras substâncias, pois a indústria nacional não produz gêlo sêco. Foram usados sais de amônia, ar liquido e até sal de cozinha super-resfriado. Na maioria das vêzes, o comentário que seguia a experiência, classificava-a como coincidência.

— Choveu por que devia chover mesmo!... ,

— De maneira, então, que o sr. podia provar — perguntamos — que a chuva provocada era mesmo conseqüência da experiência efetuada?

— Resolvi borrifar as nuvens com composições químicas em que havia diluido prèviamente misturas de anilinas. Chegamos assim a ver cair chuva colorida na localidade que havia sido alvo da experiência. Maior prova seria impossivel.

— Quer nos dizer ràpidamente em que consiste a operação para provocar a chuva?

— Antes de mais nada é necessária uma série de estudos locais para verificação meteorológica de que, de fato, não haverá chuva dentro das próximas 48 horas. Verifica-se a temperatura, a pressão barométrica, a curva de umidade, a direção e a fôrça dos ventos e outros dados que possam interessar. Por meio de um avião (em Araraquara uso um teco-teco), percorrem-se as nuvens propicias e, por meio do bombardeio das mesmas, provoca-se a condensação das particulas positivas com as negativas, o que ocasionará a precipitação, isto é, a chuva.

— O emprêgo da aviação dá bons resultados?

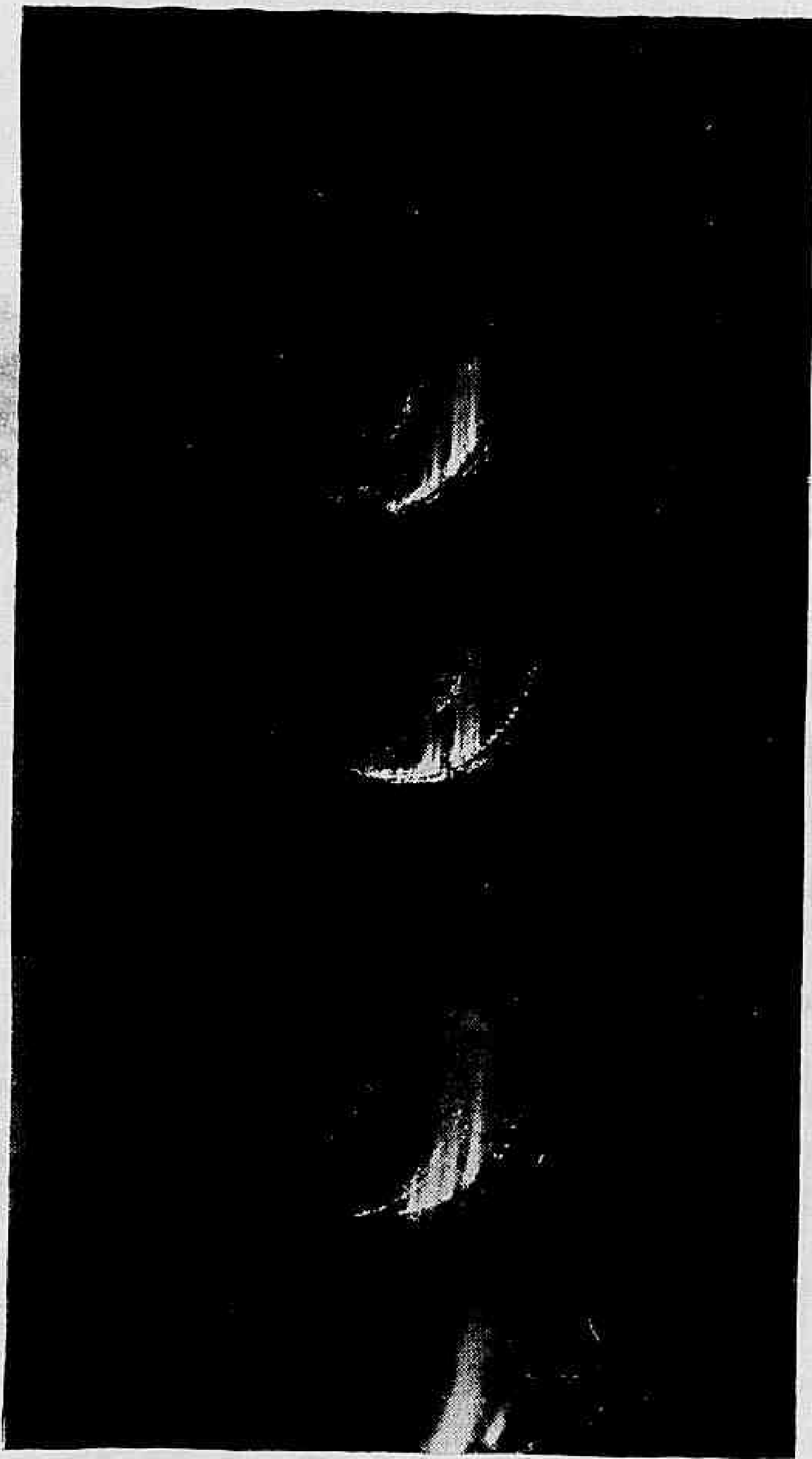
— ótimos. Apenas dispendiosos. Por isso, há muito tempo venho usando outro método. Faço explodir foguetes carregados com as mesmas substâncias que usaria no avião, a alturas que variam de 80 a 150 metros. A repetição de tais explosões provoca a chuva tão bem quanto a experiência de avião. Êsse método, mais ao alcance de nossas posses, está fadado a ser dos mais utilizados em futuro próximo, para refrescar o clima local das cidades em periodo de calor.

— E' possivel o contrôle das chuvas provocadas, quanto à duração, intensidade e extensão da zona afetada?

— Por enquanto é cedo para se falar nisso. As observações prèviamente realizadas podem auxiliar nesse contrôle, mas ainda são insuficientes os meios ao nosso alcance. Por isso, as experiências continuam, para aperfeiçoar a chuva artificial e criar mais um trunfo nas mãos dos homens bem intencionados.

— Qual a reação dos vários meios religiosos a essas descobertas, experiências e conseqüências?

— Encontrei sempre a maior boa-vontade, inclusive por parte de padres estudiosos, desejosos de saber. Apenas em



Cópia do negativo obtido na experiência sôbre raios cósmicos. Vêem-se perfeitamente as marcas das moedas.



COM ESSA caixinha tentamos uma experiência para provar a existência dos raios cósmicos. O material foi fornecido pelo prof. De Marco. Em contáto com as moedas, puzemos chapas virgens, sendo tudo coberto com papel preto e mergulhado numa camada de grafite em pó, e a caixa lacrada.



VAI CHOVER TRÊS DIAS SEM PARAR! parece estar dizendo o cientista brasileiro ao contemplar as nuvens que se acumulavam sôbre a cidade. E de fato choveu mesmo.



Produção de nuvem e provocação de chuva local, nos arredores da cidade do interior paulista, em julho de 1949.

uma ou outra cidadezinha do interior ouvi referências ao meu trabalho como desafio ao temor de Deus.

★

Passando a falar sôbre raios cósmicos, o professor De Marco entrega-nos uma caixinha para fazer uma experiência, já que êle, apenas de passagem pelo Rio, de volta de Buenos Aires com destino a São Paulo, não dispõe de tempo suficiente para realizá-la. Explica-nos como devemos proceder e assim de fato fizemos. Visa essa experiência provar a existência de raios cósmicos, capazes de atravessar corpos considerados infiltráveis, até impressionar chapas fotográficas virgens em contacto com moedas. Essa mesma experiência foi documentada pelo jornal argentino "La Razón", de 8 de janeiro de 1951. Em Buenos Aires, o prof. De Marco realizou com pleno êxito uma chuva artificial, fiscalizada pelas autoridades científicas da capital portenha.

Em São Paulo, uma das chuvas artificiais que tiveram repercussão na imprensa foi a que havia sido "patrocinada" por um dos candidatos políticos ao govêrno do Estado. Como os meios justificam os fins, não se importou De Marco em utilizar uma campanha política para realizar um experiência científica. Completamente à margem de qualquer corrente partidária, aproveitou a ocasião de outra forma difícil de se conseguir. A chuva caiu, o patrocinador também...

No Rio, quis êle fazer a mesma experiência. Não obteve o auxílio por parte das autoridades competentes e a estas horas cremos que já não deve estar com muito mais vontade de fazer chover aqui na capital, depois do que se pôde observar na tarde de têrça-feira, 16 de janeiro passado, quando, à saída da Rádio Globo, onde fôramos para obter mais dados sôbre sua existência com o produtor-radialista Amaral Gurgel. Saímos juntos, assistimos ao breve temporal que açoitou o Rio, verificamos o completo transtôrno da vida carioca, alguns raios, falta de energia elétrica, ausência absoluta de táxis, enchentes. Espantados ficamos quando nos confessou que era em parte o responsável pelo que acontecia, pois realizara experiências sem compromisso nas encostas do Pão-de-Açúcar, no domingo e na segunda-feira anteriores. Explicou De Marco que, sendo o ambiente novo em tais bombardeios de nuvens, era possível que os efeitos fôssem um pouquinho exagerados. Diante disso pedimos-lhe que escolhesse outro lugar para fazer suas próximas experiências, pois o Rio demonstrou não estar à altura de agüentar quinze minutos de chuva torrencial. Imaginem se, além do mais, a chuva fôsse colorida!... O prof. De Marco pensou na possibilidade de provocar chuvas artificiais em local conhecido pelas sêcas, por exemplo o nordeste brasileiro, mas atualmente tudo está mudado, verificam-se enchentes no Ceará e sêcas no Rio Grande do Sul, onde morrem milhares de cabeças-de-gado

(*Cont. na pág.* 45)



COM êsse avião se realizam as experiências aéreas do professor. De bordo do avião as nuvens são bombardeadas.

A CIENCIA, DOMINANDO A NATUREZA!

CHUVA ARTIFICIAL EM S. PAULO

DENTRO DE 48 HORAS



Dentro de 48 horas, S. Paulo irá assistir a uma experiencia inédita no continente sul-americano: uma chuva artificial, provocada pela ciencia! Trata-se de uma tentativa que, nos Estados Unidos e na Italia tem sido coroada de êxito. Agora, tenta o Brasil pela primeira vez dominar as forças da natureza, provocando uma chuva artificial.

Essa experiencia será realizada pelo conhecido cientista paulista, prof. FREDERICO DE MARCO, tem o patrocinio de

HUGO BORGHI

e a cooperação das EMISSORAS UNIDAS

* O Serviço Meteorologico de S. Paulo informou às Emissoras Unidas que AS PREVISÕES DE TEMPO NÃO INDICAM CHUVA PARA AS PROXIMAS 48 HS.

BORGHI PATROCINA AS EXPERIENCIAS DO PROF. DE MARCO

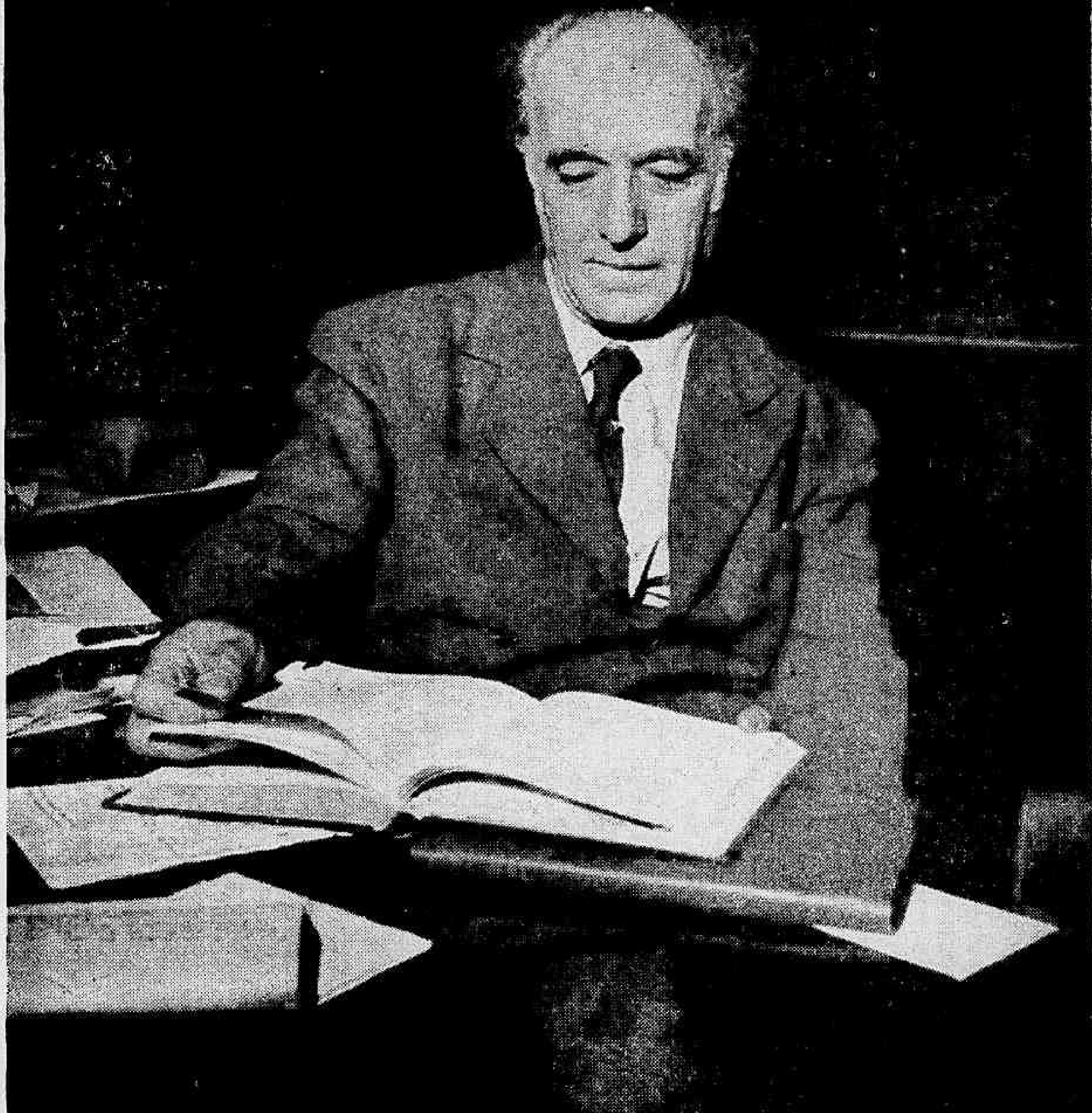
Demonstrando o seu espirito dinamico, HUGO BORGHI proporcionou ao prof. De Marco, os meios necessários para a experiencia que vai ser tentada. Um arrojo que a ciencia paulista levará para além das fronteiras do nosso continente! Com este apoio, HUGO BORGHI tem em vista, tão somente, incentivar a obra de um cientista brasileiro, mostrando ao mundo a capacidade realizadora de S. Paulo e beneficiar a lavoura prejudicada com a longa estiagem, de quase 3 meses sem chuvas. Se fôr coroada de êxito a experiencia da chuva artificial caberá seu mérito exclusivamente ao prof. Frederico De Marco, pioneiro da ciencia de S. Paulo, nos céus do Brasil!

ASSISTA A MAIOR EXPERIENCIA CIENTIFICA DO CONTINENTE:

CHUVA ARTIFICIAL EM S. PAULO PRODUZIDA PELA CIENCIA, sob o patrocinio de HUGO BORGHI, com a cooperação das Emissoras Unidas.

★ Os trabalhos de preparação da atmosfera já foram iniciados. Aviões especiais sobrevoam os céus de S. Paulo, seguindo as instruções do prof. De Marco. A equipe da Radio Record, a bordo de um dos aviões, transmitirá hoje e amanhã todos os detalhes dessa sensacional experiencia.

DURANTE A CAMPANHA ELEITORAL, a especulação política se aproveitou da ciência para conseguir mais alguns dos almejados votos. Não deu certo.



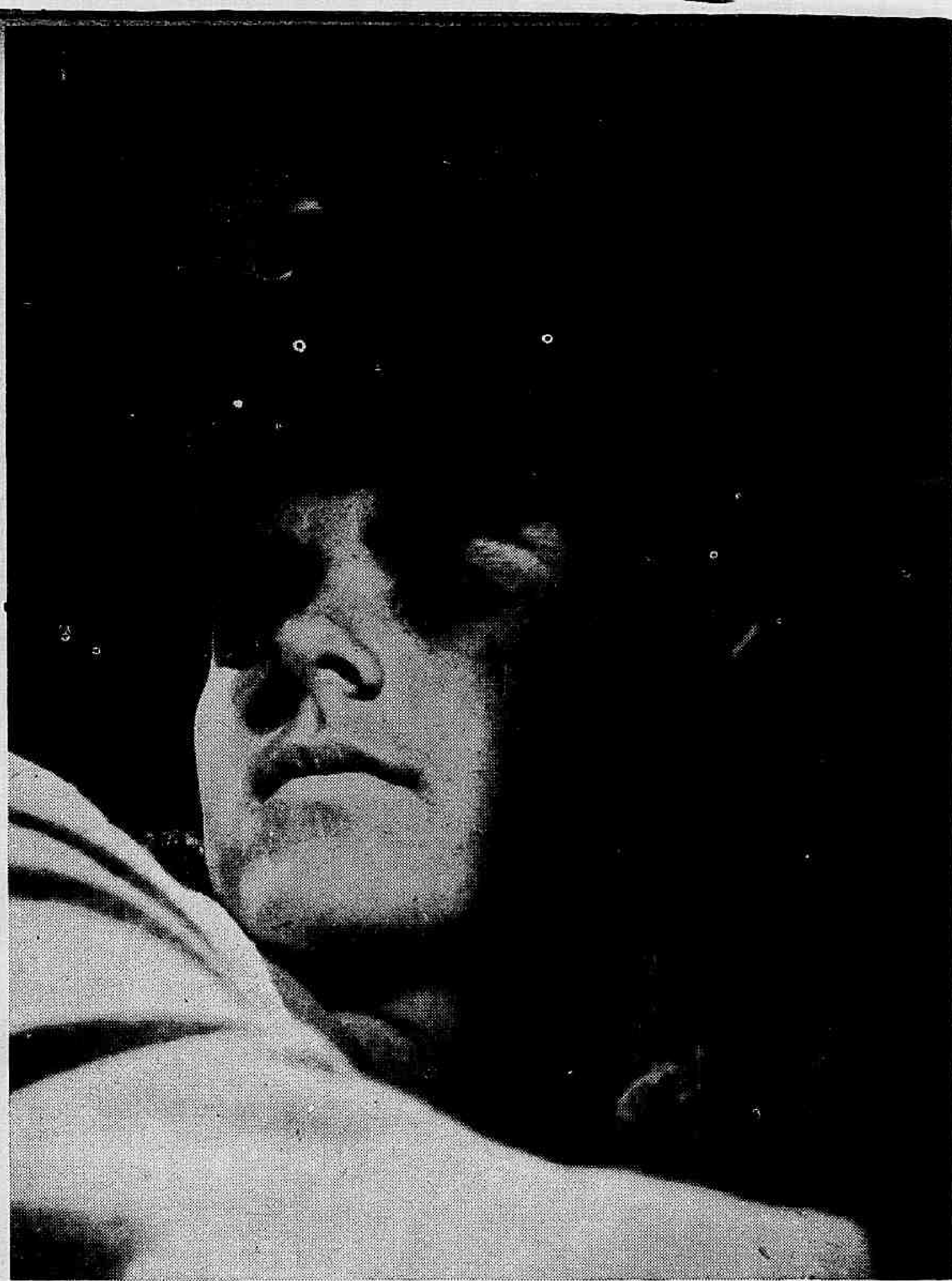
FREDERICO DE MARCO, que também é médico, folheia um livro que lhe foi doado pelo dr. Mário Bittencourt, e onde está registrado o nome do cientista com algumas de suas contribuições no campo da medicina.

NA BEIRA da Caixa Dágua do edifício Delamare, colocamos a caixinha para a experiência dos raios cósmicos. A altura era suficiente para permitir a impressão das chapas virgens.





Há motivos para acreditar que o trabalho fotográfico dêste primeiro filme rodado nos Pampas e ali produzido por uma entidade local, seja, como mostra a gravura, da melhor classe.



Parece material de filme europeu quando, na realidade, foi realizado no Brasil. Os produtores gaúchos estão dispostos a entrar na grande competição com um trabalho categorizado.

OS GAÚCHOS FAZEM CINEMA

"VENTO NORTE"

APOS cinqüenta dias ininterruptos de filmagem, acaba de regressar da Praia de Tôrres, Rio Grande do Sul, a equipe técnica e artística da primeira produção da Horizonte: "Vento Norte". Pela primeira vez em nosso país as tomadas de cenas interiores são feitas no próprio local das filmagens de exterior, dando à película que está em vias de conclusão um realismo muito mais acentuado e dominante.

"Vento Norte" conta a história simples e humana de uma colônia de pescadores à beira do Atlântico, sob o império de um vento de maus presságios e portador de paixões e tragédias. O entrecho cinematográfico é de autoria do jornalista Josué Guimarães, que se baseou numa idéia original de Salomão Scliar e Eduardo Tanon e tem como intérpretes principais os atores Roberto Bataglin, no papel de João, Patrícia Diniz, em Maria, Berta Scliar, como Luiza, e Manuel Peixoto, no papel de Manuel, chefe do grupo de pescadores marítimos.

Salomão Scliar, produtor e diretor da primeira película da Horizonte, tem como seus co-produtores os industrialistas Abel Carvalho e Jenor C. Jarros, como assistente-geral Eduardo Tamon e ainda, como membros de sua equipe técnica Artur Felsinger, som, Gleb, luz, e Slavos, cymera.

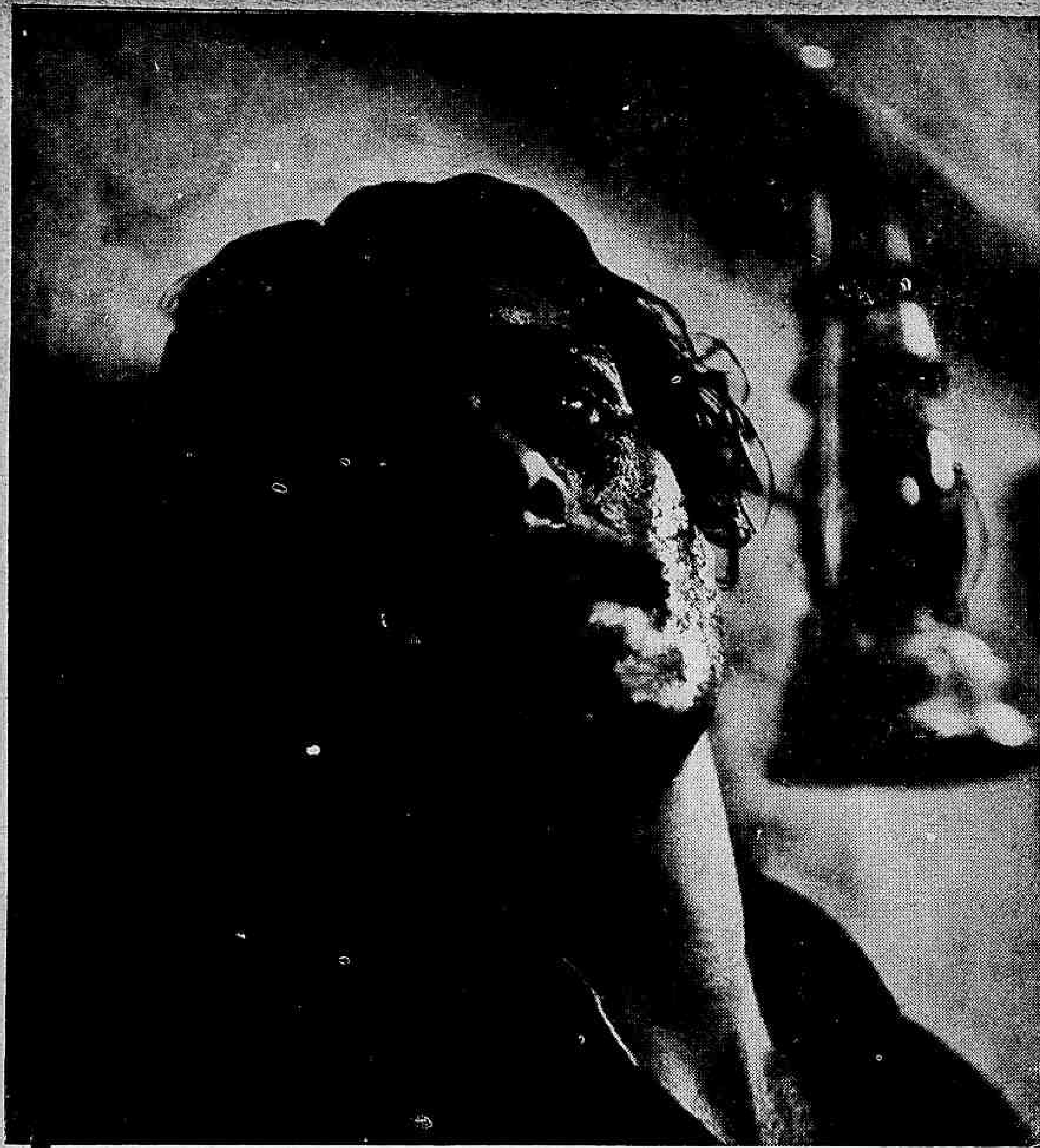
Vence assim a primeira emprêsa gaúcha de filmes de longa metragem a sua grande batalha inicial na produção de "Vento Norte", estando bastante adiantados os trabalhos de montagem e gravação do fundo musical, de autoria de Cláudio Santoro, regente da orquestra da Rádio Nacional, bem como a regravação geral do som no local da filmagem.

O lançamento dêsse filme deverá se efetuar em março próximo, num

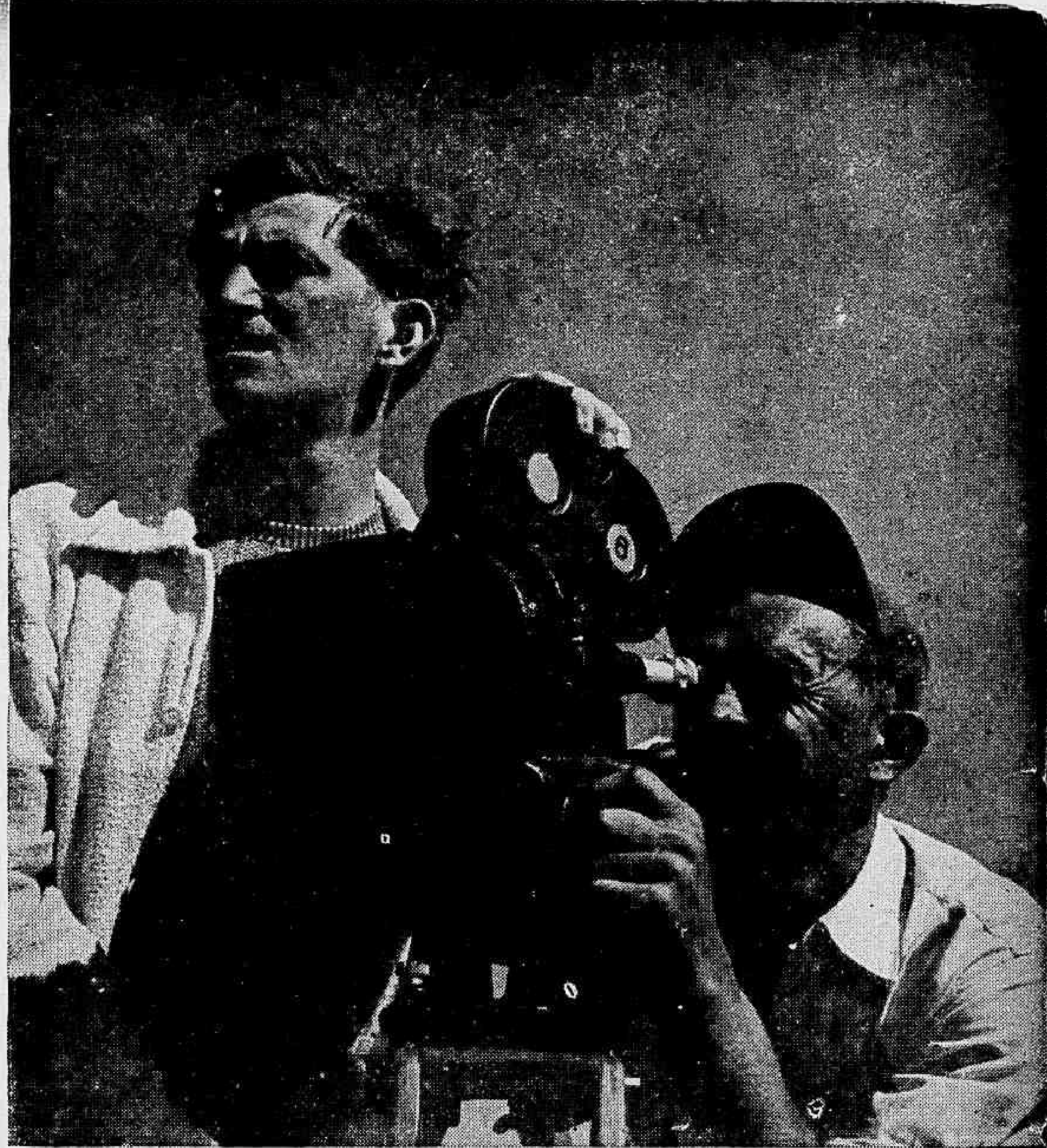
★



A Praia de Tortes, nos arredores de P. Alegre, oferece uma visão panorâmica excepcional dessa natureza. A mulher, postada à margem do precipício, ganha um relêvo marcante.



Expressões trabalhadas com apuro, jôgo de luz e sombras, efeitos que não demandam outra coisa senão um requintado artista fotográfico, transparecem em «Vento Norte, filme gaúcho.



Os operadores trabalham com material do melhor, apurando cada «tomada» e obtendo ricos efeitos da paisagem gaúcha. O filme está sendo concluido sem a menor precipitação

…los grandes cinemas de Pôrto Alegre, em espetáculo especial, com a presença dos artistas principais da película e seus produtores. Logo após a primeira produção da Horizonte será lançada simultâneamente nos cinemas das principais capitais do Brasil.

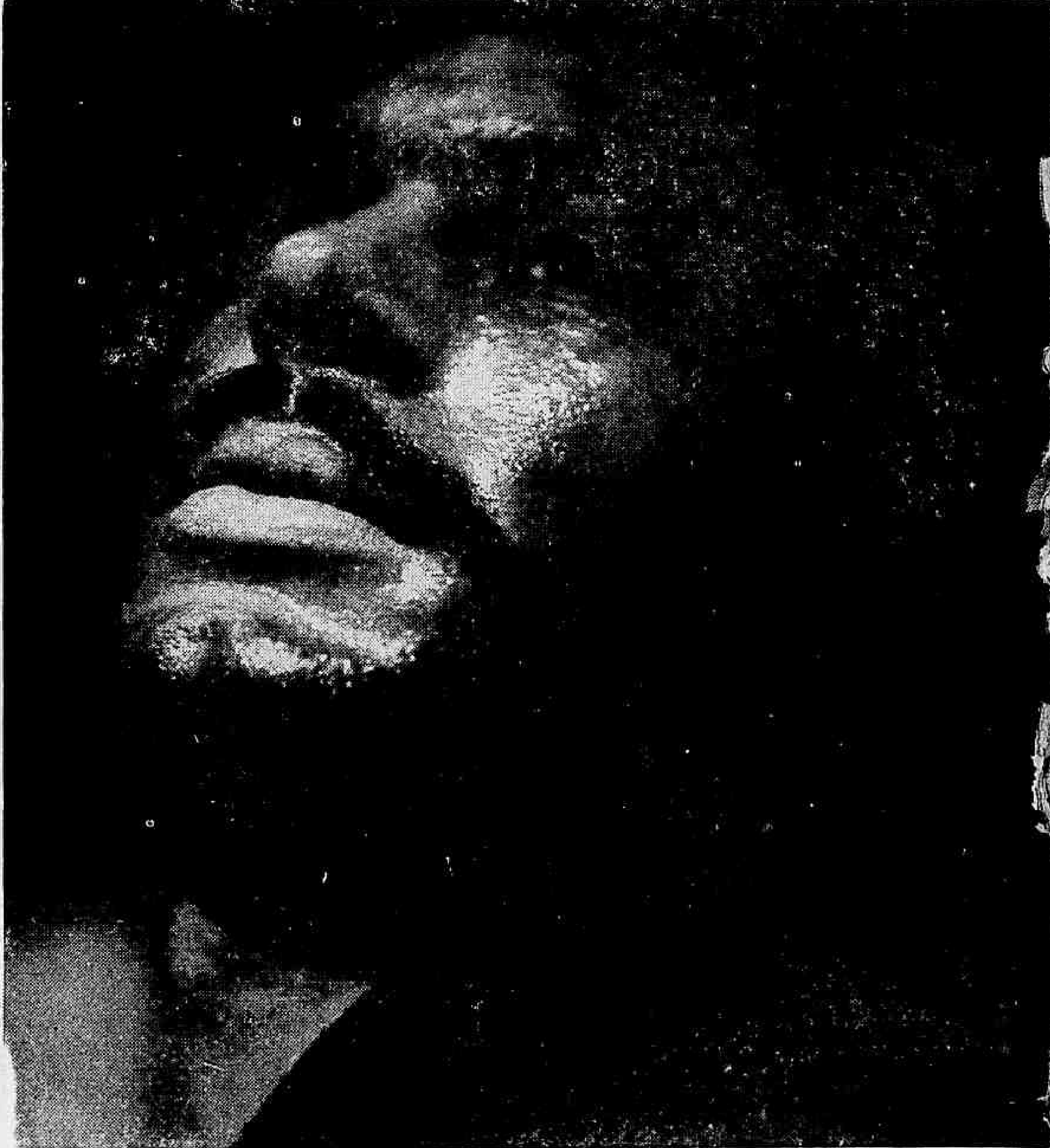
Já se encontra em preparo a segunda produção da mesma fábrica, que deverá rodá-la em meados de abril.

Confirma-se, pois, a excelência do clima e das condições de luz do Rio Grande do Sul para a indústria cinematográfica, há muito preconizadas pelo inesquecível camera-man Greg Tollend, e largamente comprovadas pela parte fotográfica de "Caminhos do Sul" e agora ainda pela escolha de Cavalcânti para rodar a sua terceira película no Brasil "Angela", na cidade de Pelotas.

A direção do filme está confiada a Salomão Scliar, tambem autor da idéia original, mas o entrêcho foi confiado ao jornalista Josué Guimarães. Ha ainda a colaboração de E. Tanon.



Outro herói da historia simples e humana que o filme conta, passada numa colônia de pescadores à beira do Atlântico, sob um vento de maus presságios, paixões e tragédias





Robert Douglas, na pele do protagonista de «The Hawk And The Arrow», produção da Warner, em companhia de Violet Kinney, nossa correspondente em Hollywood. — «Pretendo realizar minha maior ambição, conhecer o Brasil, ainda êste ano», disse o galã.

Bárbara Stanwyck e Clark Gable numa cena romântica do filme da Metro, «To Please a Lady». Na vida real, ela está pleiteando o divórcio de Robert Taylor, que se apaixonou de uma jovem italianinha quando, em Roma, foi filmar «Quo Vadis», no ano passado.



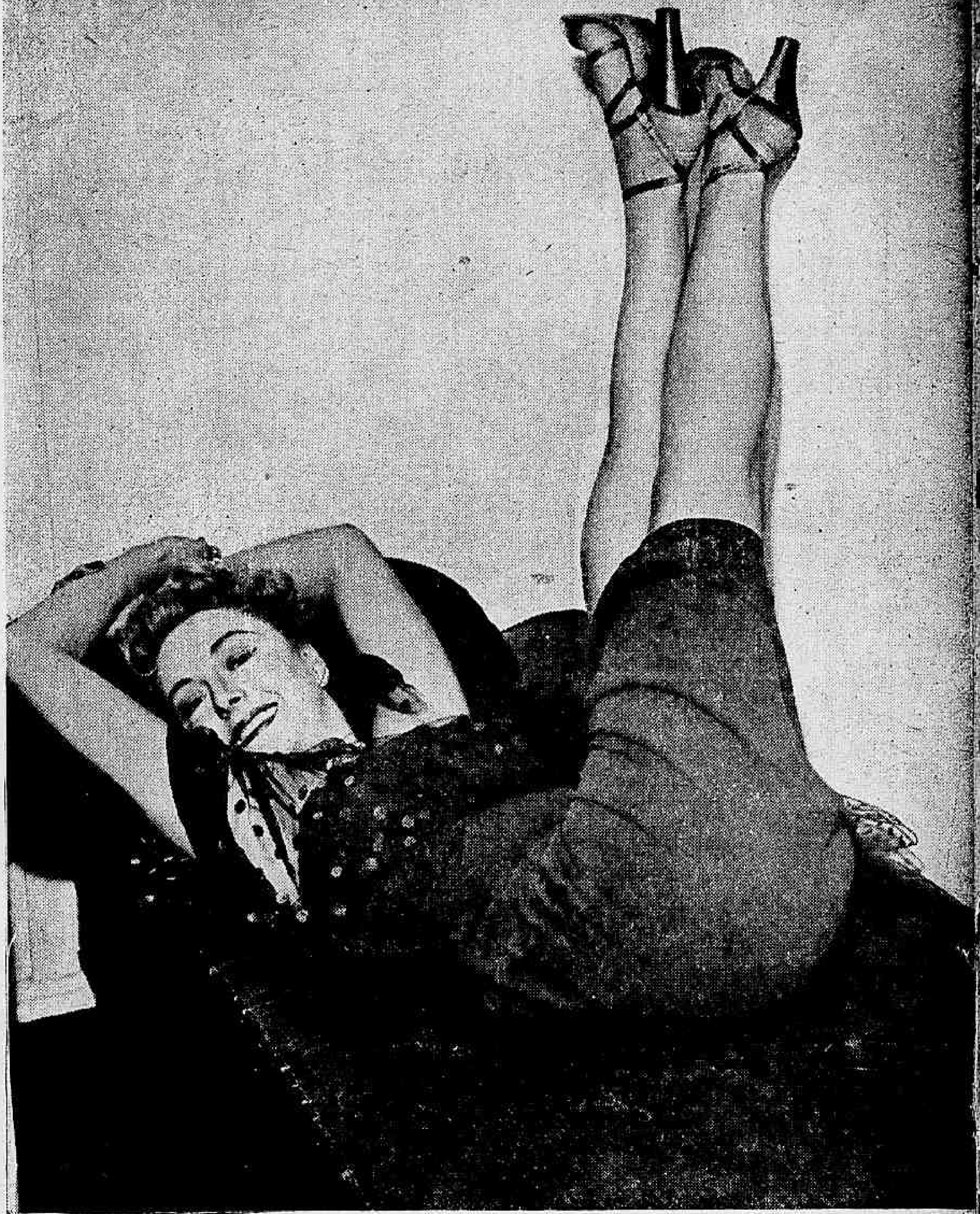


June Allyson e Ricardo Montalban aproveitam um intervalo na filmagem de «Right Cross» (Metro), para ensaiar alguns passos de baile destinados a uma seqüência vindoura. A direção é de John Sturges e ao que parece, Montalban está gostando de sua companheira...

GRÁFICAS DE HOLLYWOOD



Errol Flynn, o incorrigível don Juan de Hollywood, dá lições de tiro ao alvo a uma «partnaire» de «Rocky Mountain» (Warner Bros.). O alvo pode ser o coração da jovem cujo nome permanece no anonimato. Errol Flyn gosta de consagrar suas espôsas...



— «Assim se descansa melhor» — afirmou Virgínia Field quando fêz essa pôse excentrica. De pernas para o alto, encostadas na parede, os músculos relaxam com maior facilidade e o repouso é de maior eficiência. Não custa nada experimentar, leitora amiga!

Shelley Winters faz uma cantora de Nova-Orleans dos tempos da colonização, em «Frenchie», tecnicolor da Universal. O «mocinho» é Joel McCrea — e foi durante essa filmagem que também surgiram rumores muito intensos de uma grande paixão entre os dois.



HOLLYWOOD, janeiro. (De Violet Kinney, correspondente da **REVISTA DA SEMANA**) — Temos um principio de ano movimentado e atraente de novidades, no setor cinematográfico desta-cidade. Para começar, há o rumoroso caso do divórcio solicitado por Bárbara Stanwyck, desiludida de reaver Robert Taylor, que se enamorou na Itália. Em sentido contrário, invertendo-se os papéis, aí está a repetição do episódio Ingrid Bergman-Rosselini. Positivamente a Itália é um perigo para os «astros» norte-americanos que ali vão filmar, quando deixaram a outra metade da laranja na Califórnia!

Há quem admita a possibilidade de uma reconciliação entre Taylor e Stanwyck, levando em conta os bons ofícios de um grupo de amigos e particularmente dos diretores da Metro. Sabe-se, porém, que em casos dessa natureza, os amigos nada conseguem, principalmente se a voz do coração fala mais alto...

A reposição de Vivien Leigh e seu marido Laurence Olivier, no cinema americano, é outra notícia de palpitante curiosidade. O trabalho da heroína de «... e o vento levou», na versão cinematográfica da peça teatral «Uma rua chamada pecado», pelo que se diz, servirá para consagrar definitivamente Vivien Leigh. E quanto a seu espôso, é certo que êle pretende fixar-se definitivamente em Hollywood, não desiludido com o cinema inglês, mas acreditando que nesta terra está mais à vontade para trabalhar e... «pode-se alimentar melhor »(textual).

Errol Flynn continua dando assunto aos comentaristas bisbilhoteiros. Êle casa e descasa com uma facilidade espantosa, como se tudo fôsse uma questão de ordem comercial. E quando qualquer revista publica uma pôse do incorrigível Don Juan, junto a uma garôta desconhecida — é romance na certa. Por mais que êle desminta o conflito sentimental, ninguém lhe dá crédito...

SAPATO DE POBRE...

Cantam os cariocas, com euforia suspeita e demasiada insistência, a marchinha carnavalesca:

«Sapato de pobre é tamanco,
Almôço de pobre é café.
Maltrata o corpo como que, porque
O pobre vive de teimoso que é.

Fôlha de zinco, caixão de banha
Faz um buraco em qualquer favela.
Se tem Amélia, que o acompanhe
Embora pobre é feliz com ela.»

Parece um draminha de morro salpicado de filosofia. Mas, não é. Basta dissecar o conteúdo da letra, para chegar-se à verdadeira interpretação, ao sentido coletivo causador do êxito entre indivíduos de variadas classes sociais.

Existe no Rio atual um tipo nitidamente fixado, o do «novo-pobre», uma antítese ao «novo-rico» mais raro na sociedade moderna. No advento dos «novos-ricos», notavam-se a bôlsa farta dêles para gastos supérfluos, a fuga a antigos hábitos para experiências inéditas, o conflito de personalidade na aquisição de comportamentos diferentes ante as imposições do meio, das condições de confôrto e cultura a que se obrigavam pela fortuna adquirida.

O «novo-pobre» oferece a característica de avanço sob um evidente retrocesso no poder aquisitivo. E' o cidadão que vive com o produto do emprêgo, mistificado pela alta de salário em todos os ramos de trabalho. A economia tornou-se privilégio de poucos. A vida normal, agora, decorre em ritmo binário: o indivíduo labuta o mês inteiro para pagar, no início do mês vindouro, as dívidas contraídas pelo influxo dos gastos essenciais, como os de alimentação, luz, gás, telefone, empregada, colégio para os filhos, etc., E não ficam aí os compromissos. O «novo-pobre» compra roupas feitas, geladeira, rádio, automóvel, até aparelho de televisão. Tudo é previsto no orçamento do ordenado, criando a fila dos fornecedores a crédito, sempre ávidos no recebimento das prestações.

Parece que o método implica num clima de pânico geral, fruto de preocupações e problemas imediatos. Ao contrário, o «novo-pobre» é um eufórico, veja-se:

«...................................
Se tem Amélia, que o acompanhe
Embora pobre é feliz com ela.»

São as amélias as construtoras do mundo dos «novos-pobres». E' preciso distinguir duas classes de amélias: as do lar, e as outras. Raros são os «novos-pobres» que se contentam com possuir amélia apenas para uso doméstico.

«Fôlha de zinco, caixão de banha
Faz buraco em qualquer favela»

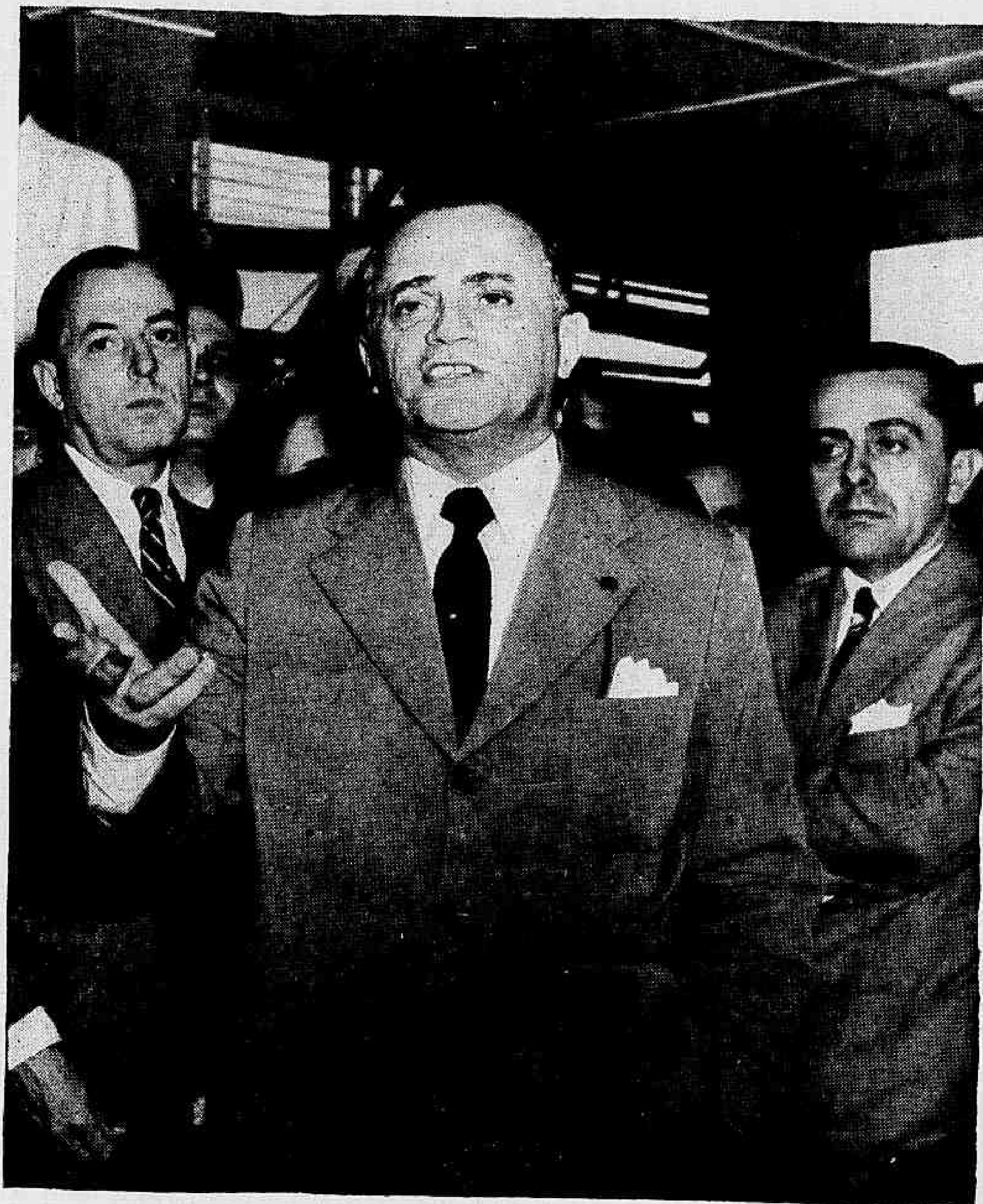
Buracos são, igualmente, os apartamentos minúsculos dos edifícios. Também em Copacabana proliferam os clãs dos «novos-pobres». Crescem, em cada esquina do bairro, em adolescências de cimento armado, corpos imensos de arranha-céus em construção. Ônibus e automóveis passam correndo no asfalto. A vida intensa de uma cidade de mentira, erguida a crédito, vivendo de crédito e evoluindo a crédito. Arranha-céus? Poucos estão pagos. Vendidos em pedaços, a longo prazo. Os cariocas de Copacabana têm a volúpia dos grandes carros. Querem ser milionários, no menos, para uso externo, os habitantes dessa cidade-prestação. Poucos possuem, no entanto gozam de crédito ilimitado. Excluídas as exceções, tudo em Copacabana é belo, mas falso. Território dos «novos-pobres», como a Favela, o Méier, o Grajaú ou qualquer recanto do Rio.

Compreende-se, assim, o sabor da marchinha carnavalesca. Encerra a consagração de um princípio:

«O pobre vive de teimoso que é»

Teimando, o pobre vence a preguiça e trabalha mais. Aceita dois, três empregos, embora sabendo que um dia poderá cair morto de fadiga durante o «show» da boite que freqüenta. Teimando, candidata-se a vereador ou deputado. Teimando, torna-se membro eminente de uma escola de samba. Teimando, compra fantasia e diverte-se nos quatro dias de Carnaval. Teimando, vai vender amendoim ou coca-cola nas ruas. Teimando, toma um elevador direto da letra H para a letra O. Teimando, o «novo-pobre» consegue enganar que é rico. Alguns, viram ricos mesmo. Deixam para sempre o tamanco. Almoçam caviar, não café. Quando cantam a marchinha, sentem a sensação eufórica do caminho percorrido. O tamanco é um símbolo de progresso. A alavanca dos teimosos, dos que acabam por vencer na vida, com prestações e tudo.

MAGDALA DA GAMA OLIVEIRA



DESPEDE-SE DO IPASE O SR. ALCIDES CARNEIRO

No dia 11 de janeiro passado, realizou-se a cerimônia de transmissão de posse da presidência do IPASE, por haver sido o sr. Alcides Carneiro eleito deputado federal pelo Estado da Paraíba.

No Gabinete da presidência do Instituto estiveram presentes autoridades e todos os funcionários da Casa, chefes de serviços e departamentos, bem como admiradores e amigos do sr. Alcides Carneiro que lhe foram testemunhar o seu aprêço e felicitá-lo pela administração que acabava de encerrar-se, após quatro anos de desenvolvimento da obra de assistência social ao servidor público levada aos mais longínquos recantos do território brasileiro.

Transmitindo o cargo ao sr. Paulo Gentile de Carvalho Mello, diretor do Departamento de Aplicação de Capital do IPASE, pronunciou o sr. Alcides Carneiro belo discurso de despedida, no qual teve oportunidade de fixar o espírito de sua obra administrativa que, segundo as suas expressões, foi um trabalho de grupo e cooperação, no sentido de cumprir e, se possível, ampliar as próprias diretrizes partidas do Govêrno da República no campo da previdência e assistência sociais. Dirigindo-se aos seus colaboradores imediatos e a todo o funcionalismo da casa, disse o sr. Alcides Carneiro: "No universo só existe uma obra que é obra de um só: o próprio universo. Tudo o mais é obra de todos, fruto do suor e da fadiga de muitos. O que aqui existe, o que aqui fizemos é obra de todos nós. Nossa obra aí está. Em todos os recantos do país, em todos os setores da administração, há um traço do nosso esfôrço, um traço de nossa vontade. Quem tiver olhos para ver, veja; quem tiver consciência para julgar, julgue. Mas, a verdade é que essa obra, diminuta ou vultosa, existe."

Falou em seguida o sr. Paulo Gentile que, recebendo a presidência do Instituto, fêz a despedida oficial da Casa ao sr. Alcides Carneiro e traçou em nítidas linhas a síntese de sua própria administração. Disse, num dado trecho, o sr. Paulo Gentile: "Viaje-se pelo Brasil afora, e nas capitais ricas ou pobres, e no interior esquecido, ver-se-á a obra notável que Alcides Carneiro planejou, executou e concluiu, nas casas próprias, nos grandes edifícios-sede, nos hospitais, em tudo, afinal, em que se note as cinco letras em que êste grande Instituto, a nossa Casa, resume a assistência ampla e real aos servidores do Estado". Em nome do funcionalismo do IPASE, usou então da palavra o sr. Bolivar Martins Pereira, cujas palavras constituiram caloroso preito de admiração e aprêço ao sr. Alcides Carneiro.

Nesse momento, foi descerrada uma placa de bronze, aposta no Gabinete e assinalando a homenagem mais duradoura dos funcionários da Autarquia, cujos sentimentos também foram expressos pelo sr. Lourival Cruz.

Encerrando a cerimônia, falou ainda o sr. Alcides Carneiro, que agradeceu a homenagem, após o que foi cumprimentado por todos os presentes.

Conto de GUIDO WILMAR SASSI



INQUIETAÇÃO impressa na cara, passos rápidos, cabeça baixa, olhos fitos na calçada, ouvidos alheios ao que ia em derredor, bufidos de cansaço pela boca entreaberta — pressa nos gestos... angústia na alma. Dr. Antero mora no casarão da rua Quinze. Êle conhece muito bem o caminho. Já o percorreu vêzes sem conta: de noite, de dia, a-desoras, com chuva ou com sol, quando há bulício nas ruas, quando elas estão desertas e silentes Aquela ocasião será por certo a última. Pai está mal, muito mal. Não adianta chamar o médico. E' só — como diz a mãe, chorosa e aflita — para descargo de consciência. E' para não dar o que falar, para se ter a satisfação de que se tentou o impossível, que se fêz tudo, que não faltou nada. "Teu pai está morrendo, meu filho. Vá chamar o dr. Antero." Susto, tristeza e aquela coisa ruim por dentro. Parece uma bola, crescendo, crescendo, subindo, subindo; e o chôro não vem. O chôro não vem. Fica trancado, dentro do peito, a se dilatar, êle sai meio às tontas, numa corrida, buscando um remédio — seu pai vai morrer. Que bom se choraasse! Era um alívio... mas o chôro não vem.

As luzes dos postes fazem a sombra da criança estender-se pela calçada. E' sombra gigante, grotesca, comprida. E' sombra disforme, e vai adiantada, vai longe e distante do corpo mirim. Parece que o menino, na sua carreira, quer alcançar a sombra. Mas é uma corrida inútil, embora renhida; adiantar não adianta, correr atrás da sombra. Pressa nos gestos... angústia na alma, êle dobra a esquina

A confusão o envolve. Pela rua principal se precipita o corso. Carros desfilam. Mascarados dançam. Serpentinas cruzam-se no ar, enroscam-se, entrelaçam-se. Mãos vomitam golfadas de confete. A música se escangalha na cadência de um samba. Os estandartes e flâmulas acompanham o ritmo sensual. Nas calçadas, os gaiatos acendem fósforos e vertem sôbre êles os esguichos dos lança-perfumes. Cobras de fogo serpeiam pelas lajes, numa versão atualizada do boitatá. Há um odor forte no ar: cheiro de suor, de éter e da queima dos fogos de bengala. Há luz, muita luz. Há barulho, um barulho ensurdecedor, louco — cuícas, pandeiros, apitos, gritos e cantos. Deslocado entre aquêle cáos dantesco, o menino quer avançar — não pode. Quer recuar — é impossível. E' o recalque amargurado de trezentos e sessenta dias de mesma coisa que se expande em ruídos, em espoucar de risos, em saracoteios e trejeitos, na irresponsabilidade, no que-me-importa de poucas horas. Há um bate-bate desordenado também na cabeça da criança. Dentro dela, mandona, impera a masorca mental. O luzir inconstante dos fogos ofusca-lhe os olhos, desnorteia-lhe os passos. Ali não há sul nem norte. Tudo é um emaranhado confuso de pesadelo, um labirinto intrincado e angustioso de sonho ruim. A máscara enorme que lhe dança na frente é um avantesma saído não sei de onde. Lá adiante, os vultos vermelhos, têm de ser, por fôrça, diabos fugidos do inferno. Uma sensação de agonia, de afogamento lhe invade a alma. Parece que vai desaparecer, submergir no torvelinho humano. Derrubam-no. Espesinham-no. Apertam-no. Os tropeções se sucedem aos acotovelamentos. E' em vão, é debalde que êle tenta a fuga. Os mil braças do polvo não o largam. Mal êle se desvencilha de um dos tentáculos, e já outro o segura, coleando, no vai-e-vem contínuo dos grupinhos de fantasiados, no agitar e remexer sem fim de membros e corpos a se movimentarem a esmo. O cheiro acre do suor lhe penetra nas narinas. Doem-lhe os olhos, castigados pelo sadismo de alguns grandalhões, que dêles fazem alvo para os seus Rodos metálicos. A dor é insuportável. Privada temporàriamente da visão, a criança leva as mãos aos olhos, de onde brotam, ardidas, as lágrimas artificiais. Da escuridão provocada pelo ardume do éter, surgem estrêlas fantásticas, coriscos e estrias luminosas. Mãos nos olhos, êle continua a caminhar, cata-cego, empurrado para cá e para lá, como um joguete, um pedacinho de pau atirado em mar bravio. Nos ouvidos, é sempre aquêle zum-zum diabólico, incessante, enlouquecedor.

Recupera a vista. O ardor persiste ainda. O quadro é o mesmo. Continuam sempre os saracoteios, o requebrar interminável de cadeiras e ombros, o menear estonteante de braços e pernas. As figuras semelham marionetes desengoçadas, a escoicearem no palco de um teatrinho de fantoches malucos. O menino é também um ator. Também êle está prêso aos cordões, aos cordões manejados à tôa, por um contra-regras demente ou desequilibrado. Não tem movimentos próprios. A turba é que lhe dirige os passos, obrigando-o a ser comparsa do pandemônio, do borborinho de hospício, da cena que mais parece a tela de um pintor surrealista. Bah! Surrealista! Como se êle entendesse alguma coisa de surrealismo — palavras difíceis para impressionar. . Mas, se não é surrealismo é pesadelo. E' sonho mau, do qual êle procura escapar, abrindo desmesuradamente os olhos, esforçando-se por se ver livre, por fugir, por acordar.

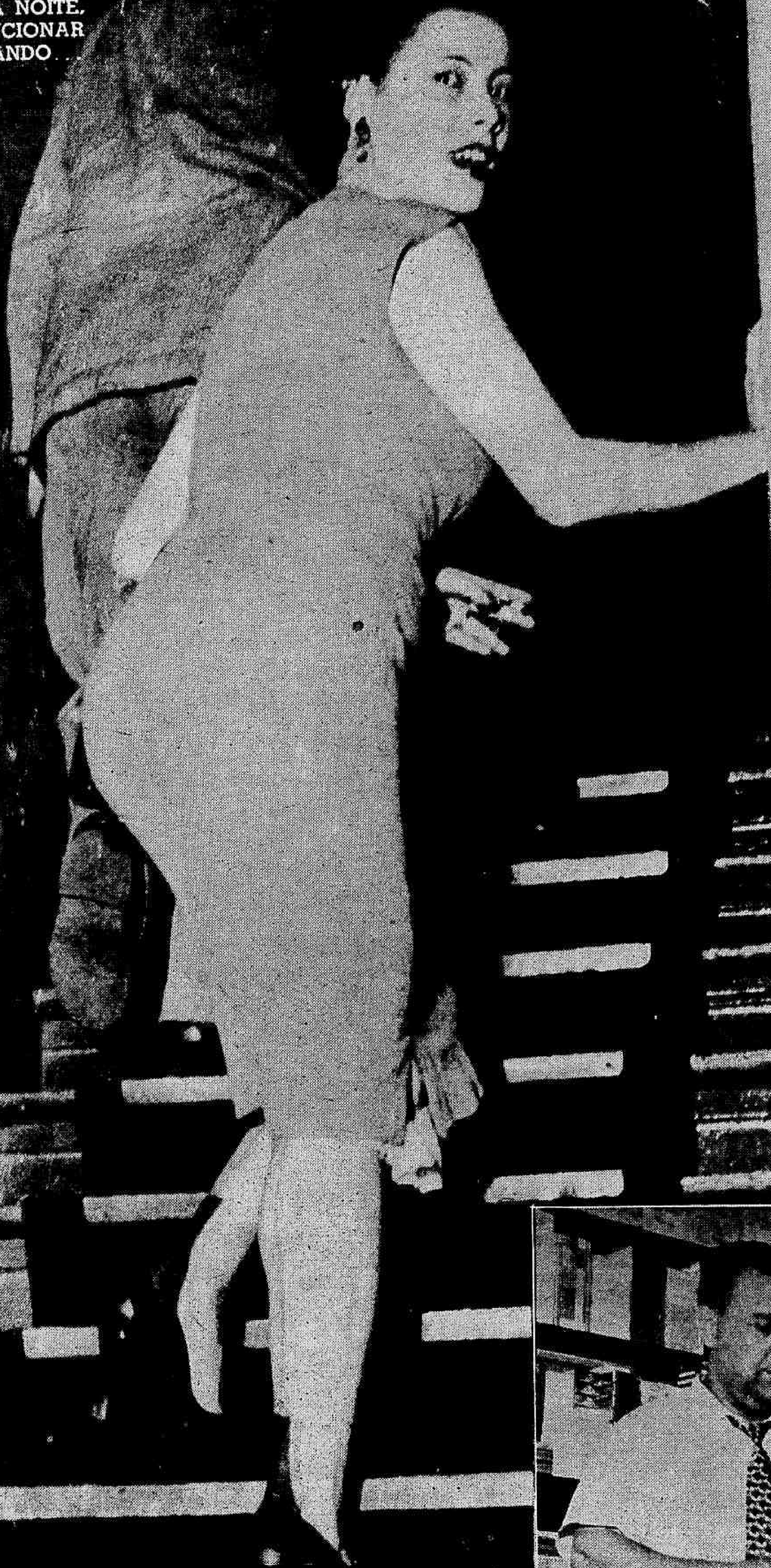
Tal qual o graveto judiado pelas ondas, os movimentos dos cordões e ranchos, acabam por atirá-lo a um desvão de porta, onde êle se refugia e se agarra, trêmulo e assustado, o coração aos pulos, confete no rosto e mêdo na alma.

Fica ali muito tempo, olhos arregalados, zunidos, tonteira, idéias tolas na cabeça. A respiração aos poucos, retoma o seu ritmo normal. Volta-lhe a calma. Ah! — compreende — é o carnaval. Sim, é o carnaval. O carnaval, cujos ecos ruidosos não haviam alcançado os arrabaldes mesquinhos onde êle vivia. O carnaval pelo qual esperara tanto tempo, contando os dias, esperando divertir-se, a seu modo, com a súcia de moleques do bairro. Por que esquecera? Por que não havia saído à rua, antes, junto com o Mateus e o Neco? Ahn!... por que?

Moça despida, barriga de fora, — que barbaridade! uma pouca vergonha— — que passa gingando, os seios tremendo, a pular, a pular... O que é que pula?... Ah, o peito do pai! E' mesmo. E' o peito do pai, costelas à mostra, por sob as cobertas, num sobe, num desce, no arfar da agonia. "Teu pai está morrendo. Vá chamar o dr. Antero". Agora, seus pensamentos estão bem claros. A lucidez já lhe voltou aos miolos. A sua missão é ir buscar o médico. Por que está ali parado? Por que não vai depressa? Parece-lhe que andou sonhando. Sonho ou realidade? Tolice! — não foi sonho nem nada. Vinha distraído, metera-se no meio dos blocos — era isso. Será que andara mesmo por entre os fantasiados?

(Cont. na pág. 45)

ILUSTRAÇÃO DE ORLANDO MATTOS



ENTRE AS DEZ E AS ONZE HORAS DA NOITE, OS "DANCINGS" COMEÇAM A FUNCIONAR — E AS "TAXI-GIRLS" VÃO CHEGANDO...



O HOMEM DA CHARUTARIA PRONTO PARA SERVIR A SUA FREGUEZIA NOTURNA



Sim, a Lapa tem duas caras: esta é a sua fisionomia rotineira e comercial, durante o dia, com os bondes virando na curva de Maranguape para Mem de Sá e a perspectiva da rua da Lapa, vendo-se à esquerda a tradicional igreja. À noite, o panorama é inteiramente outro e os freqüentadores dêsse reduto também. Gente-família, senhoras sós, desaparecem da circulação

"A LAPA ESTÁ VOLTANDO A SER A LAPA"

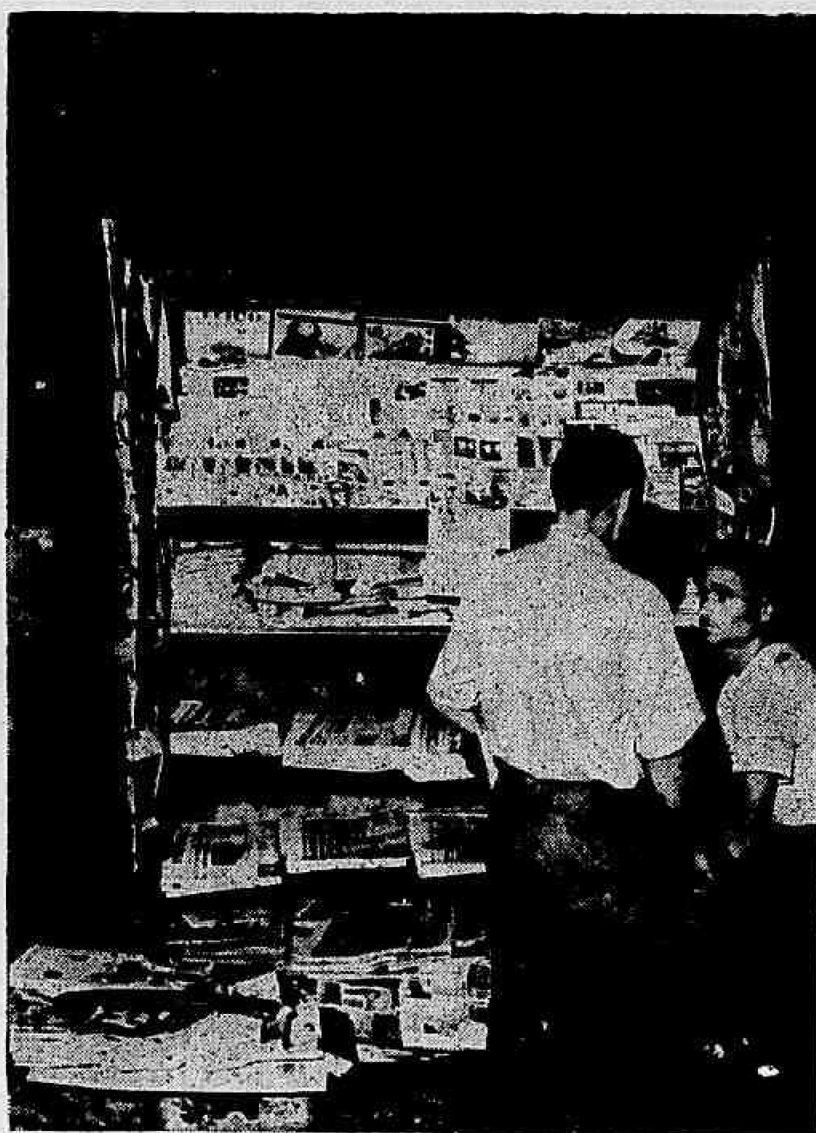
PONTO FINAL DE MUITOS BONDES ★ O LARGO SEMPRE FOI ATRAVANCADO ★ ONDE UM BAR NEM SEMPRE É APENAS UM BAR ★ AS DUAS CARAS DA LAPA ★ O CABARÉ É UM BOM NEGÓCIO ★ O MULHERIO.

Texto de DANIEL CAETANO ★
Fotos de WALTER MORGADO

A Lapa é um lugar do Rio muito conhecido? Quando o dia começa, aí pelas seis, os bondes 29, 30, 31, 32 e 33 enchem o largo de gente, não falando no 36, que também passa por lá, mas não faz ponto final. A esta hora viajam milhares de operários e comerciários, moradores nos subúrbios, a caminho da oficina ou do balcão. Mais tarde, descem os funcionários públicos e senhoras para as compras ou para o cinema. O largo da Lapa é muito atravancado: os automóveis cruzam em várias direções, as pessoas também e os bondes, ainda por cima, se metem no meio.

Ali, homens de tôdas as profissões, e principalmente sem nenhuma profissão, marcam encontro. Os cafés estão sempre de mesas tomadas. Mas, um bar na Lapa nem sempre é apenas um bar. No de certa esquina, os bilhetes de loteria não estavam há pouco como agora, pendurados numa das portas lembrando roupa na corda a secar. Acontece que a briga entre os concessionários para a exploração do negócio já acabou e por isso não se pode mais tomar um chope sossegado. Volta-e-meia um homem, um menino ou uma senhora de cara triste está oferecendo ao freguês um *jacaré* a correr amanhã.

O rapaz, que dá uma chave Yale pronta em cinco minutos, segundo a tabuleta, se mantém na porta do meio com sua banca. Para falar a verdade, êle gasta muito mais de quinze minutos preparando a chave e nem sempre ela abre a porta. O senhor ou a senhora tem de voltar outra vez para uma reclamação, a propósito do que, o rapaz explica: é que certas fechaduras guardam uns tantos defeitos, mas limando um pouquinho, na marca deixada pelo trinco, quando o freguês procurou abrir a porta, ela afinal acabará abrindo mesmo.



Mas o jornaleiro é madrugador: desde o alvorecer, serve à freguezia — operários, homens de negócios, banhistas, meninas colegiais, etc. — o jornal com as notícias fresquinhas.

A manicure do lado vem de vez em quando tomar uma coisa qualquer e fica de conversa com seus conhecidos, o que melhora o aspecto interior do estabelecimento, ainda que se trate de uma senhora avançada nos anos. Ela usa de ordinário uns cabelos bem queimados por água oxigenada e está visto que tem passado...

A LAPA TEM DUAS CARAS

Além de possuir uma banca para venda de bilhetes e pequena oficina para fabricação de chaves, um bar da Lapa comporta ainda outros ramos de comércio. Um depósito de frutas avança pela casa a dentro. São maçãs, pêras, uvas, e tantas outras, bem arrumadas em pilhas, sob os olhares quase sempre de um português.

Parece que a nacionalidade muito tem a ver com a espécie do negócio. No canto de uma porta dêsses bares de muitas portas na Lapa, a venda



Enquanto o sol faz ato de presença, a Lapa é um lugar igual aos mais familiares. As senhoras vão fazer compras, as jovens transitam livres de qualquer perigo. Mas só durante o dia...



É falso dizer que uma família não possa transitar, desacompanhada de cavalheiro, na Lapa, durante o dia. Os ônibus para a zona norte ali fazem ponto e seus passageiros são decentes.

de gravatas, perfumes e bugigangas está sempre nas mãos de um gringo. Uma ou duas cadeiras de engraxate ficam entregues a italianos, mas o negro, de algum tempo para cá, vem se interessando muito pela profissão. A venda de cigarros anda na mão de brasileiros. Nada menos, como se vê, de sete negócios diferentes agregados a um só.

A Lapa, que abrange as ruas da Lapa pròpriamente dita, Taylor, Conde Laje, Joaquim Silva, Maranguape, Mem de Sá, segundo a delimitação territorial levada a cabo pelos boêmios, conta com seis bares grandes, e nada menos de treze de outro gênero com uma ou duas portas. Mas há um bar diferente. E' estreito e comprido, escuro e mal-cheiroso, a barba de todo o mundo lá dentro anda sempre por fazer. A peculiaridade está na presença de um violinista bêbado e de um pianista nas mesmas condições a noite inteira fazendo barulho. Todos êsses bares são especialistas em *batidas*. A de maracujá e limão sempre foram muito apreciadas. Vendem em média cinco mil litros de cachaça por mês, centenas de pastéis, sanduíches e ovos cozidos por dia.

Mas, a Lapa tem duas caras, uma de dia e outra de noite.

Antigamente eram bem distintas, agora não, ainda assim a seperação existe. De manhã, nas soleiras daqueles sobrados velhos são vistas umas senhoras gordas e de ares decididos, quase sempre portuguêsas. Essas casas velhas constituem negócio para muitos. Os quartos são alugados e da renda vivem os senhorios, o que não é uma particularidade da Lapa, mas de tôda parte hoje em dia. As crianças dos sobrados brincam nas ruas transversais, vão à escola pública, de vez em quando acabam atropeladas. As três padarias da zona sustentam os milhares de quartos velhos e mal iluminados. Os seis armazéns de secos e molhados cuidam do mesmo. A Lapa, na parte da manhã, funciona pacatamente.

À NOITE A PAISAGEM MUDA

Depois do meio-dia é que ela se anima. Não faz muito, suas ruas dos fundos eram o *bas-fond* do Rio. Um chefe de polícia baixou um dia certa portaria terminando com aquilo. A fisionomia do quarteirão mudou, mas não por muito tempo. Aquêle mundo suspeito está voltando. Depois das duas da tarde já se vê a passagem de umas senhoras amáveis a caminho de conhecidas portas, onde se detêm, apertam um botão de campai-

As osquestras são baruhentas mas afinadas (às vêzes), e as canteras primam pela simplicidade no trajar. Um quinteto é o bastante para animar as dansas das 11 às 4 da madrugada.



A mesa está animada e as quatro damas trocam impressões íntimas. Reparem que há um balde com a clássica «champagne» no gêlo, embora ninguem saiba quem irá pagá-la...







Os cabarés do ponto tradicional da boêmia tem grande movimento: um dêles faz em média Cr$ 8.000,00 por noite — as despesas são apenas: orquestra, garçons e algumas pequenas.

Há 5 dêsses estabelecimentos noturnos na Lapa: Casanova, Novo México, Primor, Vitória e Brasil, freqüentados não só pela fina flor da malandragem, mas também pelos forasteiros.

nha e esperam. Alguém abre a porta, a mulher entra. A seguir, vem um homem. Mas, a fôrça da repetição vem tornando essas manobras rotineiras e nenhuma vizinha lhes dá maior importância. Entrou nos hábitos do lugar.

À noite é que a paisagem muda. Quando escurece, o vai-vem aumenta, e a Lapa de dez anos atrás, agora de volta, começa a viver. As calçadas estreitas ficam intransitáveis. Os moradores dos quartos, nesses dias de calor, descem para tomar cerveja bem gelada. As mocinhas chegam do trabalho. Dali a pouco, de cara lavada, elas dão um pulo na padaria e de lá voltam com um pão fino e comprido. Param. Conversam com o namorado, a amiguinha, os vizinhos, enquanto o mulherio profissional, com o desaparecimento do sol, passeia de banho tomado.

O RIO EVOLUI...

Um samba do passado falava nos cabarés da Lapa. Êles são em número de cinco: Novo México, Casanova, Primor, Vitória e Brasil. São lugares freqüentados pela malandragem do Rio e forasteiros. Vivem do preço das bebidas, muito caras. A garrafa de cerveja custa em qualquer parte quatro cruzeiros e cinqüenta centavos, mas uma tabuleta bem grande avisa aos fregueses do cabaré que naquele estabelecimento ela é vendida por vinte cruzeiros. O negócio dá. Um dos cabarés faz em média oito mil cruzeiros por dia. As despesas são apenas com a orquestra, os garçons e meia dúzia de mulheres. Elas ganham comissão sôbre o consumo da bebida para naturalmente levarem um freguês a pedir e recebem trinta e cinco cruzeiros por noite. São mulheres velhas, pois as novas correm para os *dancings*, mais rendosos e de melhor ambiente.

A Lapa famosa já não existe mais. As pensões suspeitas saíram de lá e se espalharam por tôda a cidade. O bairro mais atingido pela transferência foi Copacabana, onde tôda semana se inaugura uma *boite*. O Rio, como se vê, evolui...

NUNCA MAIS SERÁ A MESMA

Certo matutino fêz as contas no fim do ano passado e acrescentou à crônica policial da Lapa mais os seguintes fatos, ocorridos nos últimos trezentos e sessenta e cinco dias: uma pequena de 19 anos, mundana, chamada Lucinda, bebeu for-

O café-expresso, servido em alta temperatura, queimando os lábios do freguês, é um café «comprido», para economizar o pó que está custando trinta e seis cruzeiros o quilo. Pudera!

O bar e restaurante serve à clientela de tôda a espécie, desde o operário que não teve tempo de ir almoçar em casa, ao boêmio que desde cêdo vai para a Lapa, fazendo horas...







Êste é o flagrante milhares de vezes reproduzido durante o dia: bondes repletos, pingentes que são pingentes por hábito ou por falta mesmo de lugares. Um suplício, subir ou descer!

micida porque o amante não a queria mais; outra, esta uma doméstica de 21, ateou fogo às vestes pelas mesmas razões; nada menos de oito assassinatos; dezenas de vêzes a polícia teve de resolver questões, tôlas e sérias, naquelas ruas estreitas e de má fama.

Mas, tais quarteirões, apesar de tudo, não vivem em meio de arruaças o tempo todo. As suas calçadas só começam a ser perigosas de dez horas da noite em diante. No mais, é comum e sem maiores conseqüências a vida da Lapa. Um carvoeiro, de saco na cabeça e montado na sua bicicleta, com um pé no meio-fio e outro no pedal da máquina, enquanto namora uma crioula gorda e descalça, faz um quadro visto muitas vêzes por dia. As pequenas oficinas que se espalham nas imediações, põem, durante a hora do almôço, seus operários na rua com imensa vontade de jogar futebol. Qualquer bola de borracha serve para a disputa de uma partida confusa, no meio de automóveis, carroças, carrinhos de mão e pessoas que passam.

O rapaz da lavanderia é outra figura muito conhecida. Êle entrega vestidos e ternos pendurados nos cabides que ficam no traseiro das bicicletas. As tinturarias na redondeza são muitas. O interior delas, sempre escuro e mal arejado, esconde magras mocinhas que batem o ferro de engomar o dia inteiro. Ao anoitecer, quando as casas comerciais descem as portas, a pequena multidão que trabalha ali mesmo pega a condução no largo da Lapa a caminho de casa.

Sob o telheiro, no ponto do bonde, depois das seis, não há um pedaço de chão vago para alguém ficar. E' pequeno demais. Em dias de chuva, o abrigo nada significa; todo o mundo se molha, ainda que em baixo dêle. Qualquer bonde quando chega, antes mesmo de parar, acaba cheio. Êles se esvaziam na frente da Central, de onde os trens saem, conduzindo muitos milhares de pessoas por dia.

Mas, a espera no telheiro do largo da Lapa talvez dê fome. Para atender a êsse apetite, em volta das colunas que sustentam o teto, há frutas e doces, cuja venda nem sempre se verifica de acôrdo com as mais comezinhas noções de higiene.

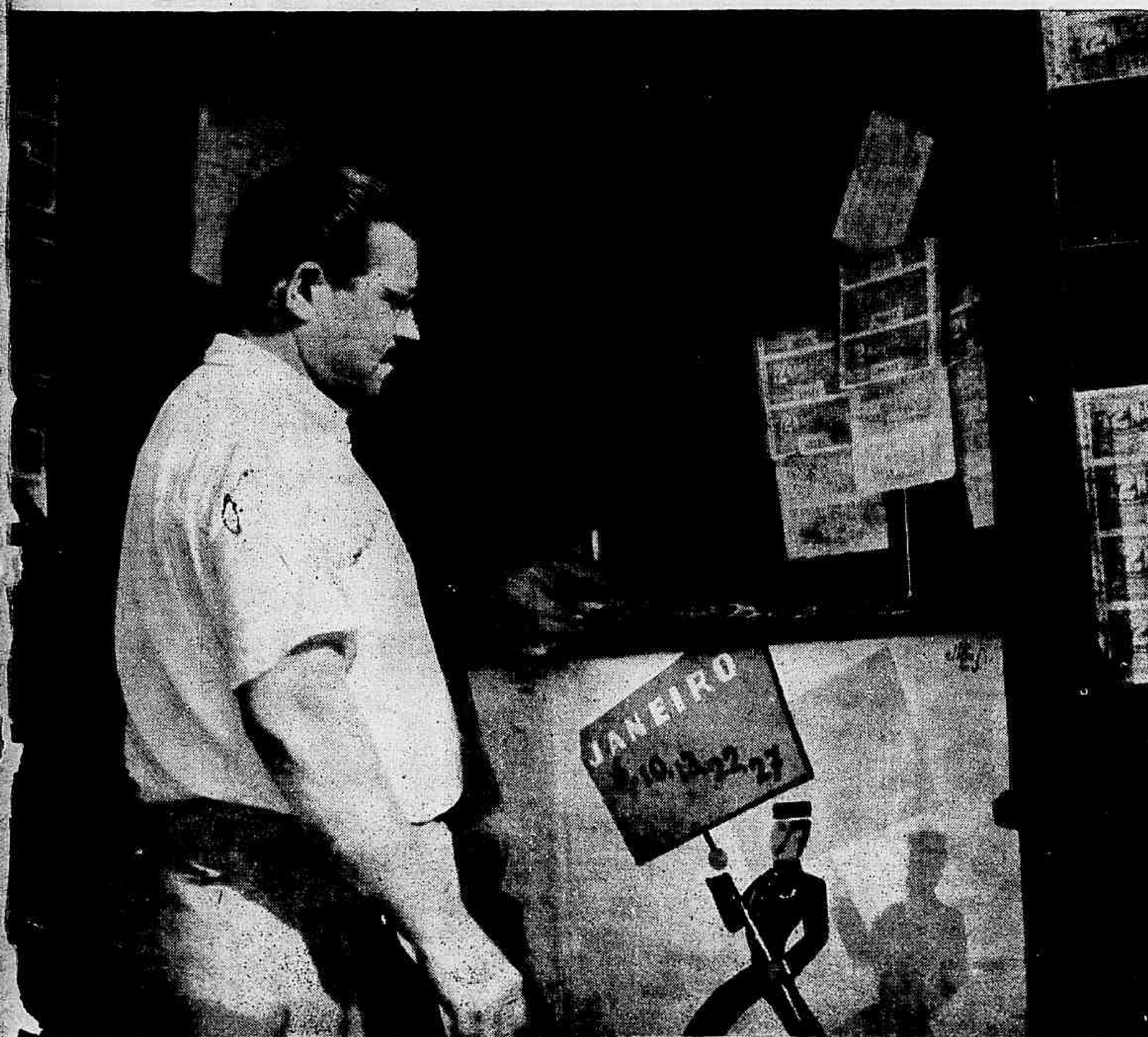
Perto, dezenas de meninos, brancos e negros, ao lado de adultos, exploram o pouco trabalhoso e nada rendoso negócio de engraxar sapatos. Êles não pagam licença nem aluguel, apenas arranjam uma caixa de madeira, geralmente de vela de cêra e, com ligeiras adaptações, fazem de tais caixas o principal instrumento de trabalho. O freguês ali é quase sempre disputado a socos. Cobram, naturalmente, mais barato que os italianos nas suas cadeiras de espaldar.

Andando de um lado para o outro, nas imediações, são vistos uns homens robustos. Êles usam, prêsa na camisa de meia, uma placa de papelão com certo número. São carregadores. Quem precisa fazer mudança pequena ou tem um objeto qualquer para transportar, coisa que possa ir na cabeça do homem ou no seu carrinho de mão, procura um português daqueles e está bem servido. São honestos, não exploram e trabalham bem. Para carreto maior, há caminhões perto dos Arcos. Aceitam qualquer espécie de serviço a preço de frete.

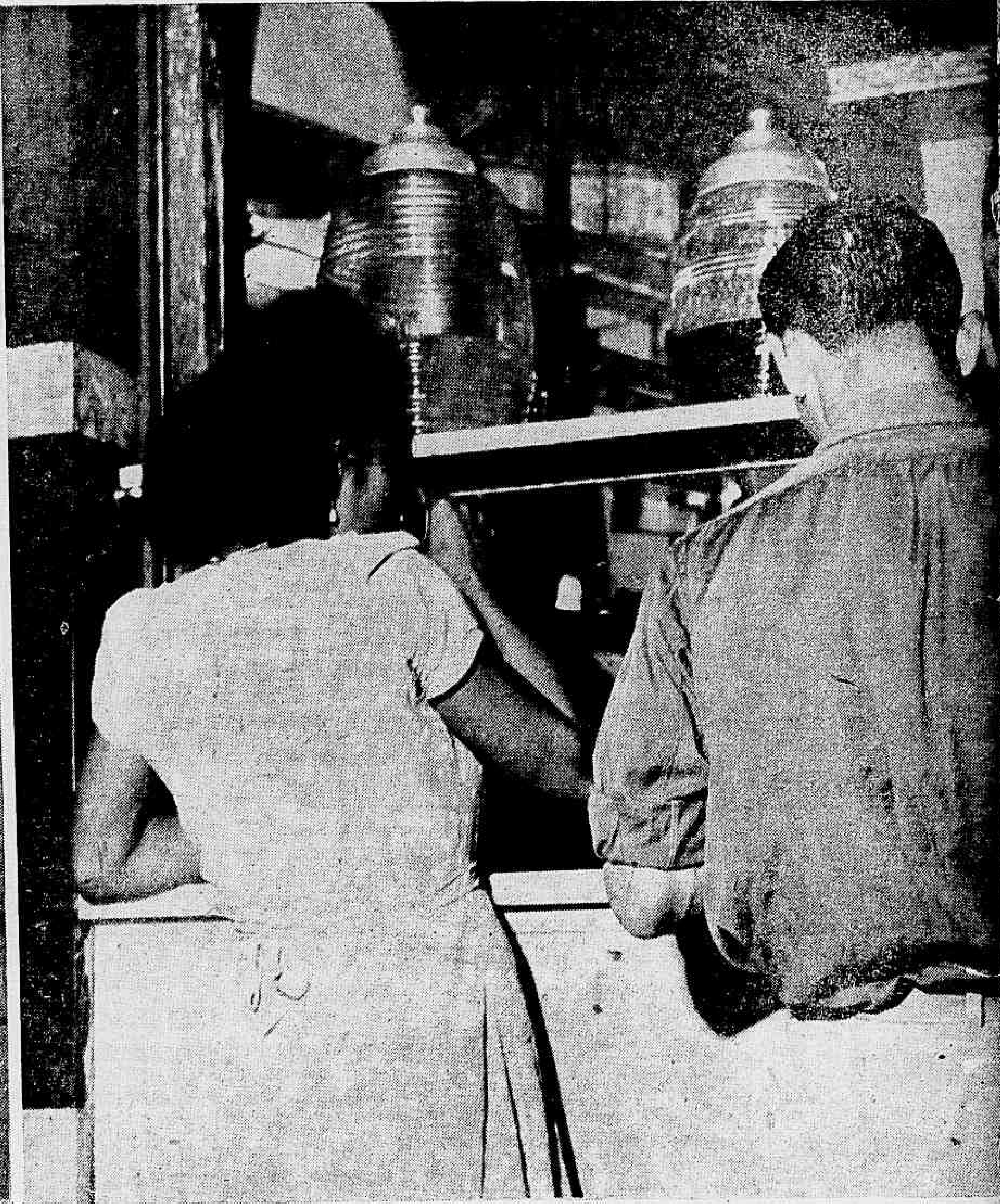
Mas esta Lapa, a dois passos da Cinelândia, onde a cidade faz ponto, tem dois cinemas para seu uso. O preço é mais acessível no Lapinha e no Colonial, que passam dois filmes no mesmo programa, em vez de um. Não possuem ar refrigerado, é verdade, mas servem. Certamente, pensa dêste modo o comerciário, quando sai de um daqueles sobrados quentes e velhos, de braço com a namorada ou a companheira. E' uma gente simples que ainda assobia quando o mocinho monta a cavalo e sai em disparada para salvar a mocinha.

A Lapa sempre estêve nas modinhas. Foi, durante algum tempo o reduto obrigatório da malandragem, dessa malandragem de tôdas as latitudes, barulhenta e por vêzes perigosa. Anda muito diferente agora, quando se atenta no que já foi. O samba diz que a "Lapa está voltando a ser a Lapa", mas os boêmios acham que ela nunca mais será a mesma. E' possível.

A banca de loterias (só de loterias?) estêve de portas fechadas du rante muitos meses, mas voltou a vender a «sorte». E os «gasparinhos» são comprados pelos esperançosos da Lapa...







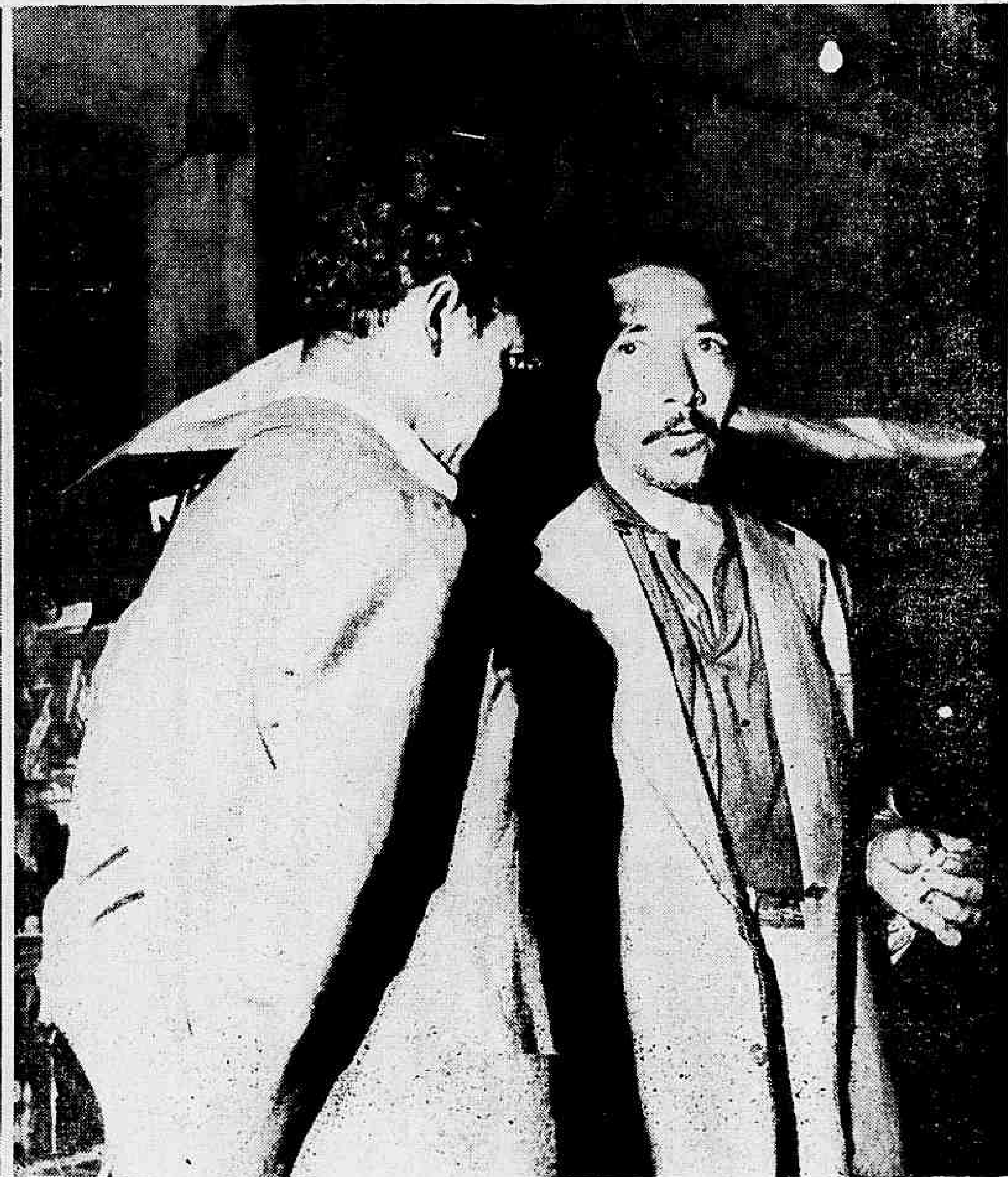
O caminhão das frutas e verduras recebe a visita de madame que compra guloseimas para o filho. De dia, a Lapa é assim, tìpicamente familiar, com ambulantes e muitos pregões...

E os refrescos, bem gelados, a água hidrolitol, o mata-sêde das horas de calor, atende à freguesia. Um cruzeiro e 50 centavos por um copo de água e algumas gotas de essência...

Mas o cabaré lá está, de porta fechada durante o dia, enquanto se faz a limpeza para a noite seguinte. O barbeiro, nesse ponto, tem a sua freguesia certa. Certa e generosa!

Figuras habituais dos arredores da Lapa. Êles aparecem ao pôr do sol, confabulam, dizem, na surdina, (não pode ser ouvido por terceiros) — ou talvez façam a confidência da miséria...

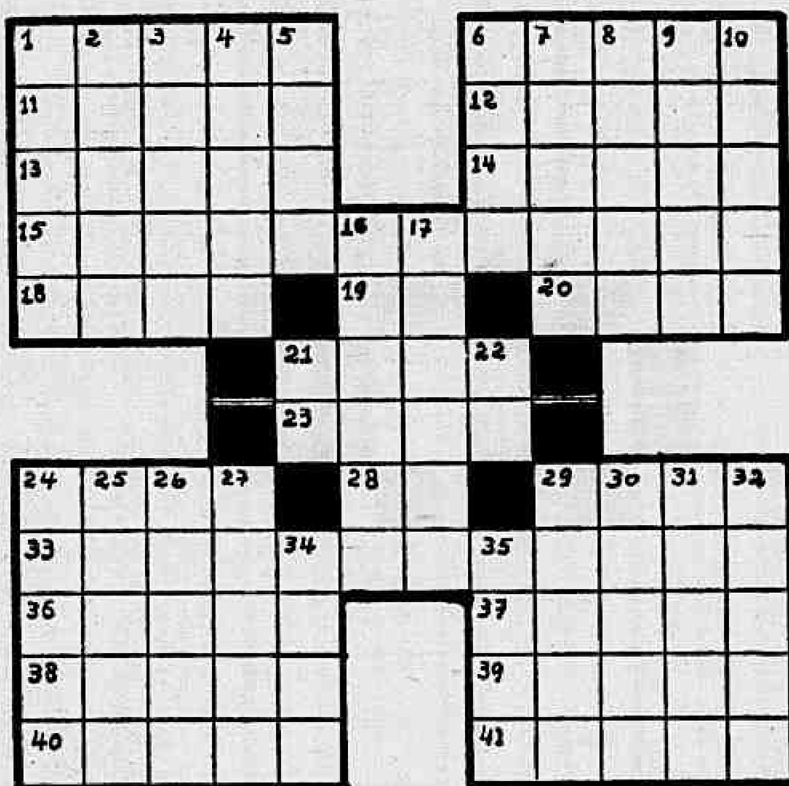




PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 37 - PARA VETERANOS

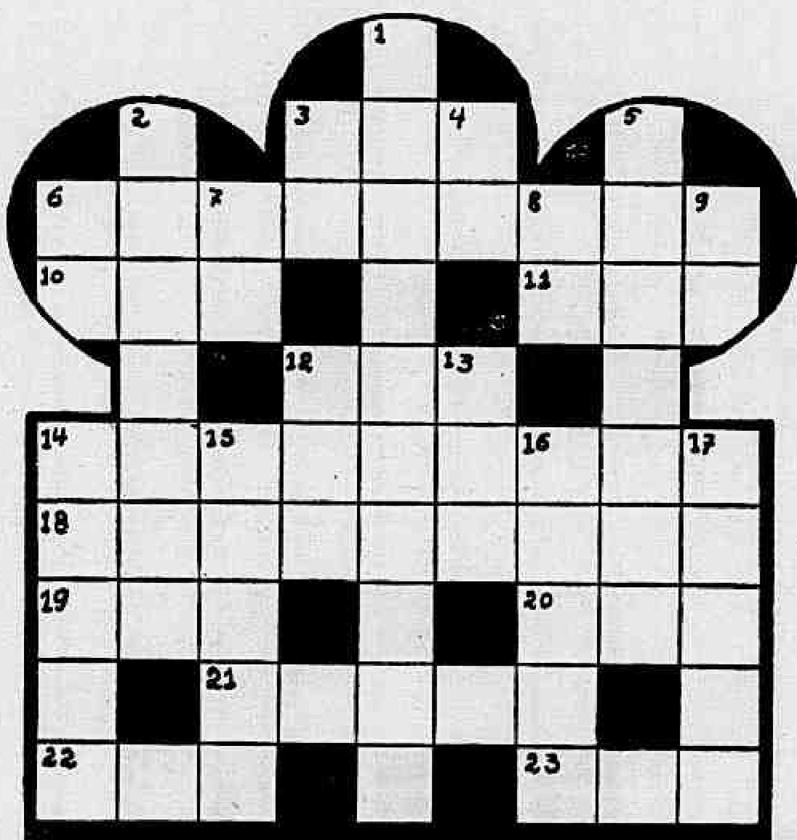
HORIZONTAIS — 1. Inhapa (pl.) — 6. Oprime — 11. Meta na mala — 12. Demitir — 13. Governar — 14. Preguiçoso — 15. Arranhariam — 18. Parte da caiçara onde permanece o gado — 19. Interjeição de apelo — 20. Lingua indica falada em Orixa — 21. Escrava egípcia, mãe de Ismael — 23. Habilidade — 24. Imprestável — 28. Contração — 29. Chefe dos anjos rebeldes — 33. Face do lado das volutas num capitel de ordem jônica (pl.) — 36. Prazer entre desgostos — 37. Canoa pequena e esguia — 38. Abraça — 39. Hostilizar — 40. Nivelou — 41. Amargo.



VERTICAIS: — 1. Sem mistura (pl.) — 2. Fim — 3. Das Filipinas — 4. Pequena ala — 5. Índio da tribo que vive ao noroeste do Amazonas — 6. Pequena enseada entre rochedos — 7. Jaez. — 8. Suavizar — 9. Buscai — 10. Essência odorífera — 16. Sombrias — 17. Lacunas — 21. Rio da França — 22. Nota musical — 24. Levar a reboque — 25. Colérica — 26. Navios — 27. Que procede dos antepassados — 29. Continuem — 30. Aguardente extraida do arroz fermentado — 31. Ir-se embora — 32. Planta da família das Aristoloquiáceas — 34. — Filho de Isaac e Rebeca — 35. Interjeição que exprime alegria ou incitamento.

★

PROBLEMA N.º 37 - PARA NOVATOS



HORIZONTAIS: — 3. Qualquer pedaço de madeira — 6. Prateadas — 10. O que se opõe ao bem — 11. Ligo — 12. Porém — 14. Cidade e pôrto do Estado do Paraná — 18. Pálido — 19. Óxido de cálcio — 20. Língua negro-africana — 21. Pátio — 22. Existir — 23. Atua.

VERTICAIS: — 1. Criador de gado, fazendeiro — 2. Nome de uma árvore cuja madeira é própria para construções — 3. Base — 4. Antiga nota musical — 5. Lanudo — 6. Prefixo que traz a idéia de em derredor — 7. Símbolo químico do glucínio — 8. Pronome pessoal — 9. Isolado — 12. Oceano — 13. Cloreto de sódio — 14. Tolos — 15. Amofinar — 16. Chuvisco — 17. A que lugar.

★

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 36

PARA VETERANOS

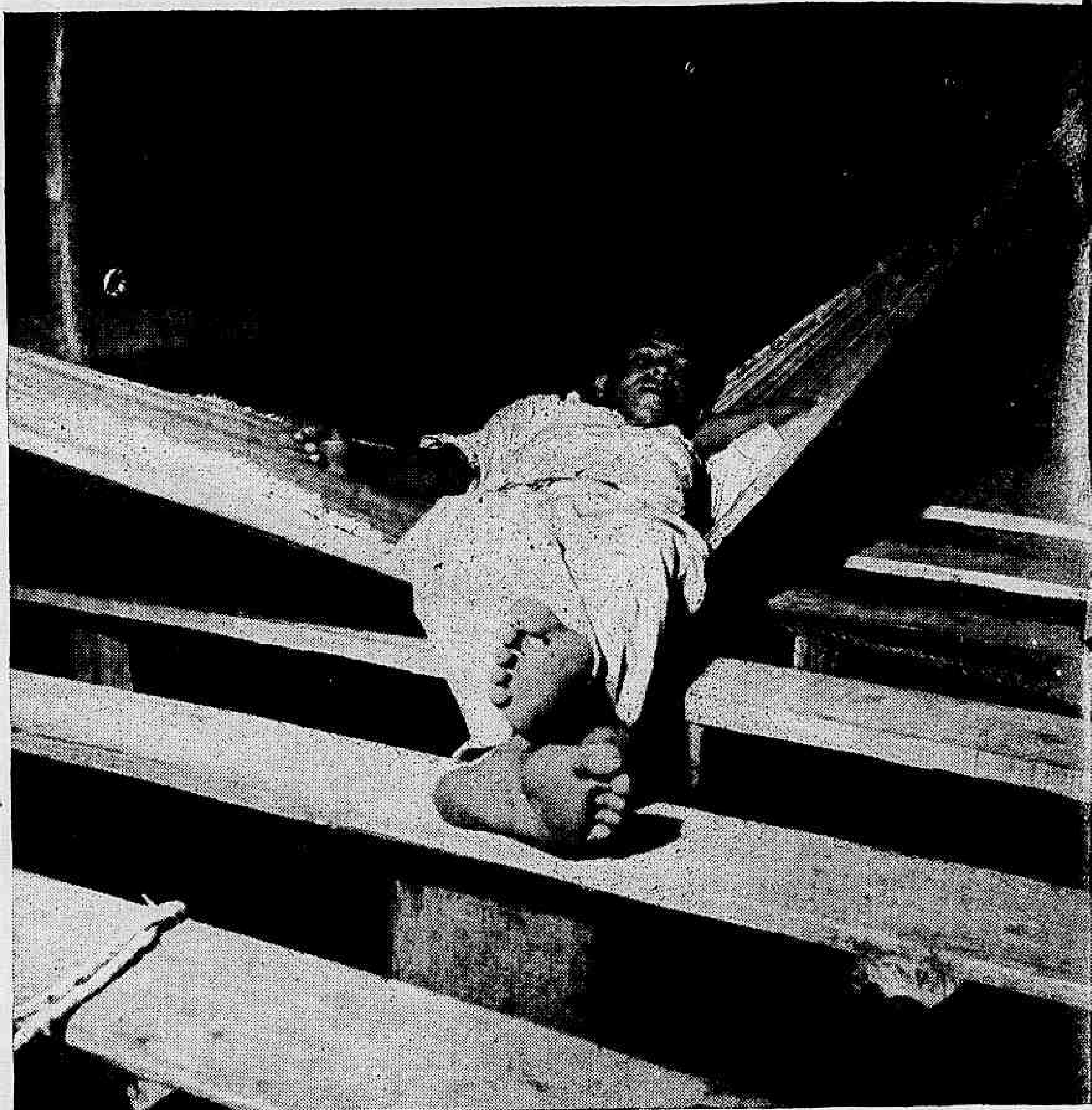
HORIZONTAIS: — Axa — Tal — Útil — Orlem — Burocracia — Aripo — Vate — Sere — Retos — Rita — Ser — Acinésia — Acoria.

VERTICAIS: — Aturará — Xiririca — Alopético — Travessia — Alcatéia — Leitora — Ubás — Or — Mães — So — Ano — Er.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — Baba — Dama — Ari — Iam — Caco — Mala — Ourar — Ris — Tosco — Abas — Abra — Mar — Rei — Arar — Maus.

VERTICAIS: — Baco — Ara — Bico — Aiar — Mal — Amar — Ouros — Masca — Ris — Cama — Tara — Obra — Cais — Bar — Réu.



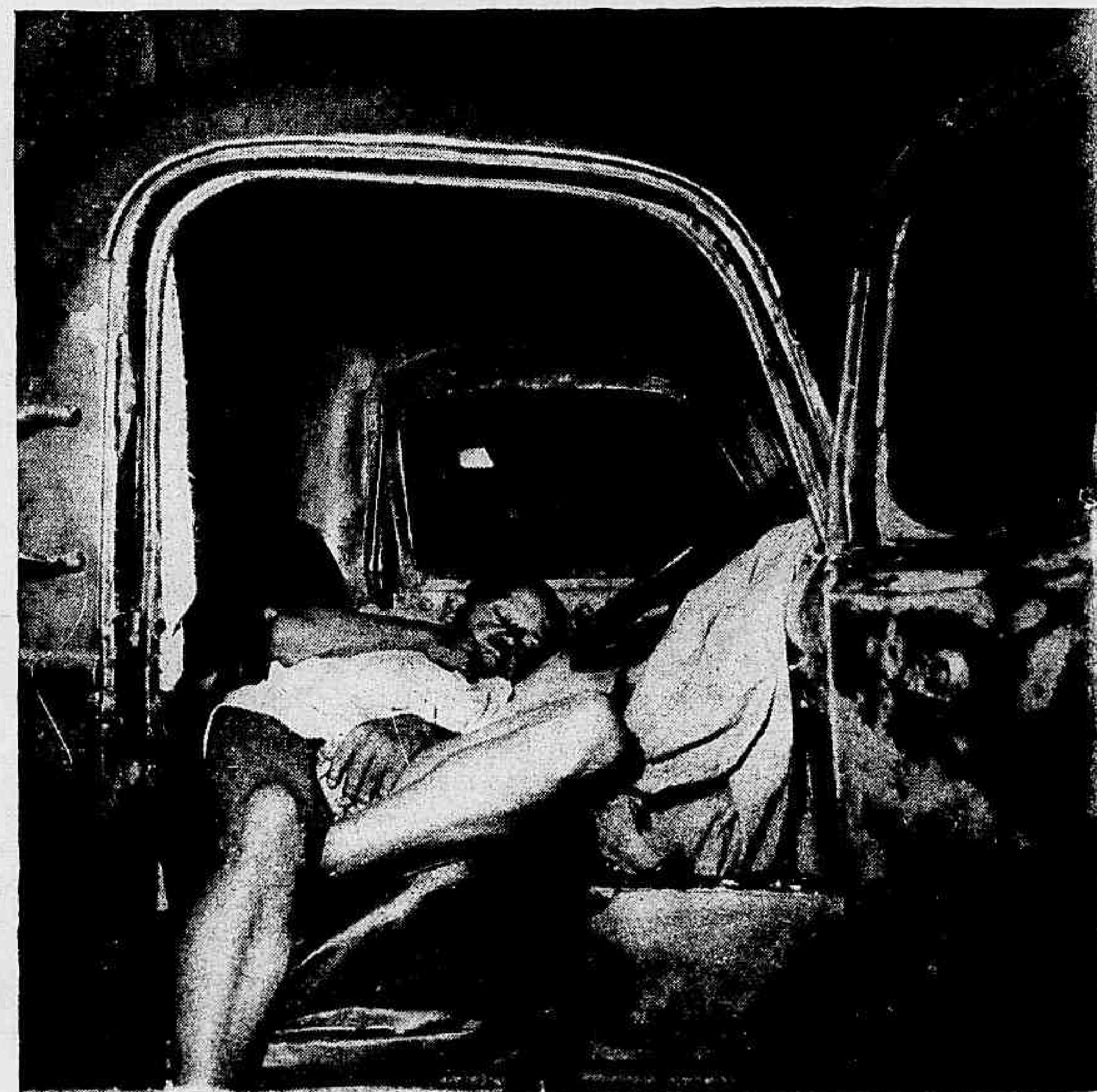
ASSIM DORMEM os nordestinos. À noite, quando o motorista pára, êles armam a rêde, mesmo dentro do caminhão, e ficam a «ouvir estrêlas», contemplando o céu.

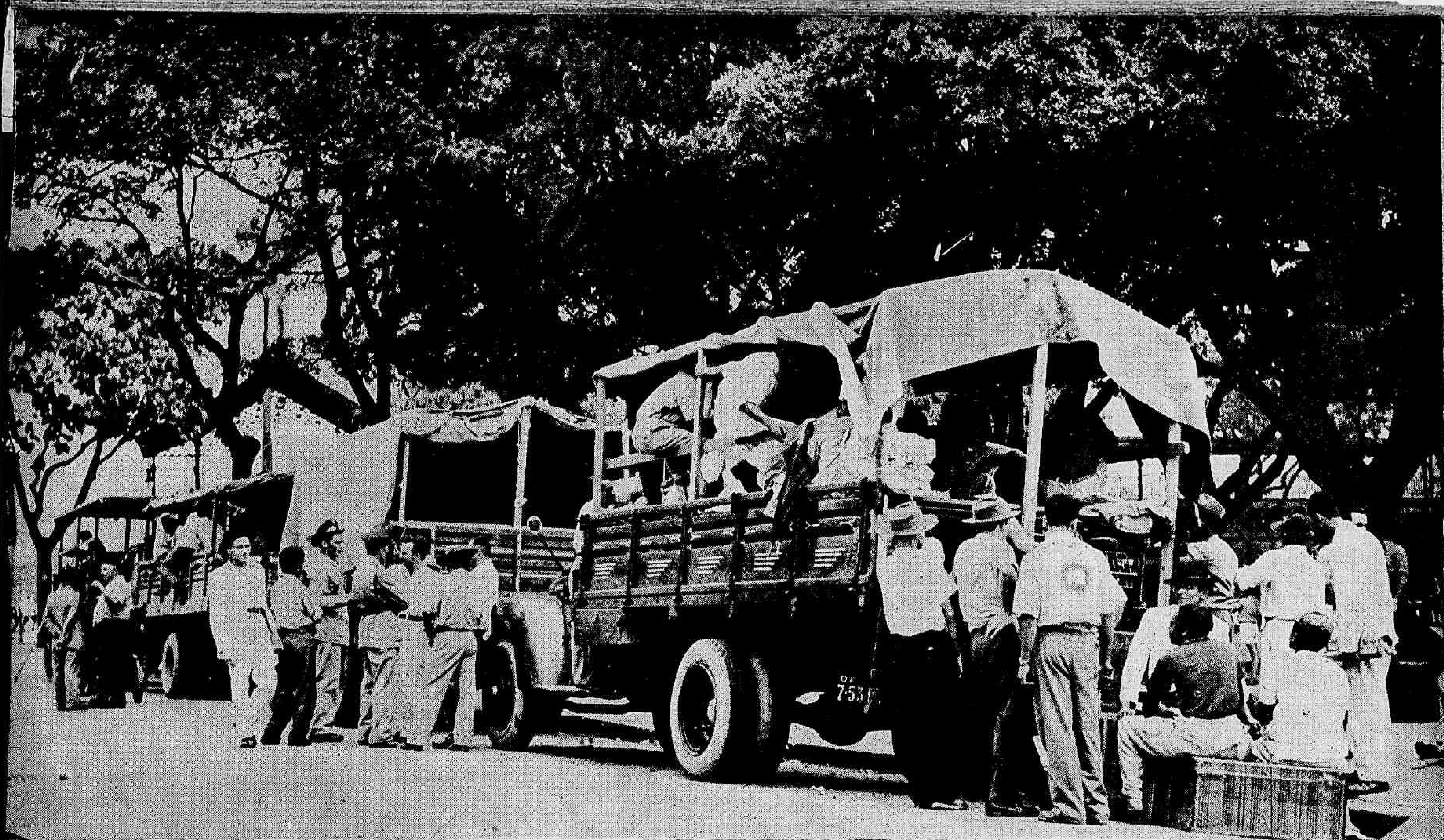
DA PARAÍBA AO RIO...

ENTRE os grandes problemas que o novo govêrno terá que enfrentar, está o que diz respeito à fixação do homem ao solo, isto é, o Presidente Vargas terá que proporcionar ao trabalhador rural e ao habitante do interior os meios de subsistência necessários a fim de evitar o êxodo de tais elementos para os grandes centros.

O problema é complexo e tem ligação com muitos outros. Não é assunto para ser resolvido de um dia para outro, assim como não é fácil focalizá-lo numa única reportagem. Evidentemente, não vamos apontar o remédio para o mal, pois isso cabe a quem de direito, mas, sim, mostrar a sua propagação. Todos os esforços nesse sentido serão inúteis se não fôr resolvido ime-

DEPOIS DE UMA viagem exaustiva, um sono reparador na boléia do carro. O cansaço ajuda a dormir, pois nem com o clarão do «flash» o motorista acordou.





OS CARIOCAS QUEIXAM-SE quando são obrigados a utilizar um «Amigo da Onça» da Praça Mauá a Vigário Geral. Que dirão, então êstes nordestinos que, semanalmente, vêm da Paraíba ao Rio, viajando nos chamados «Paus de Arara», durante 7, 8 e às vêzes dias consecutivos. Ademais, os «Paus de Arara» não transportam apenas homens, mas mulheres e crianças.

VIAJANDO NUM "PAU DE ARARA"

... E OS CARIOCAS AINDA SE QUEIXAM... ★ PIOR QUE O "AMIGO DA ONÇA" O TRANSPORTE DOS PARAIBANOS ★ O CAMPO DE SÃO CRISTÓVÃO TRANSFORMADO EM "QUARTEL GENERAL" DOS NORDESTINOS ★ CORREIO PARTICULAR COM NOTÍCIAS, ENCOMENDAS E VALÔRES ★ A "CIDADE MARAVILHOSA" E A GRANDE ILUSÃO... ★ A LUTA PARA NÃO MORRER DE FOME ★ A PROMISCUIDADE REINANTE E O "VEXAME" DE UMA "PARAÍBA"...

Reportagem de ABDIAS RODRIGUES

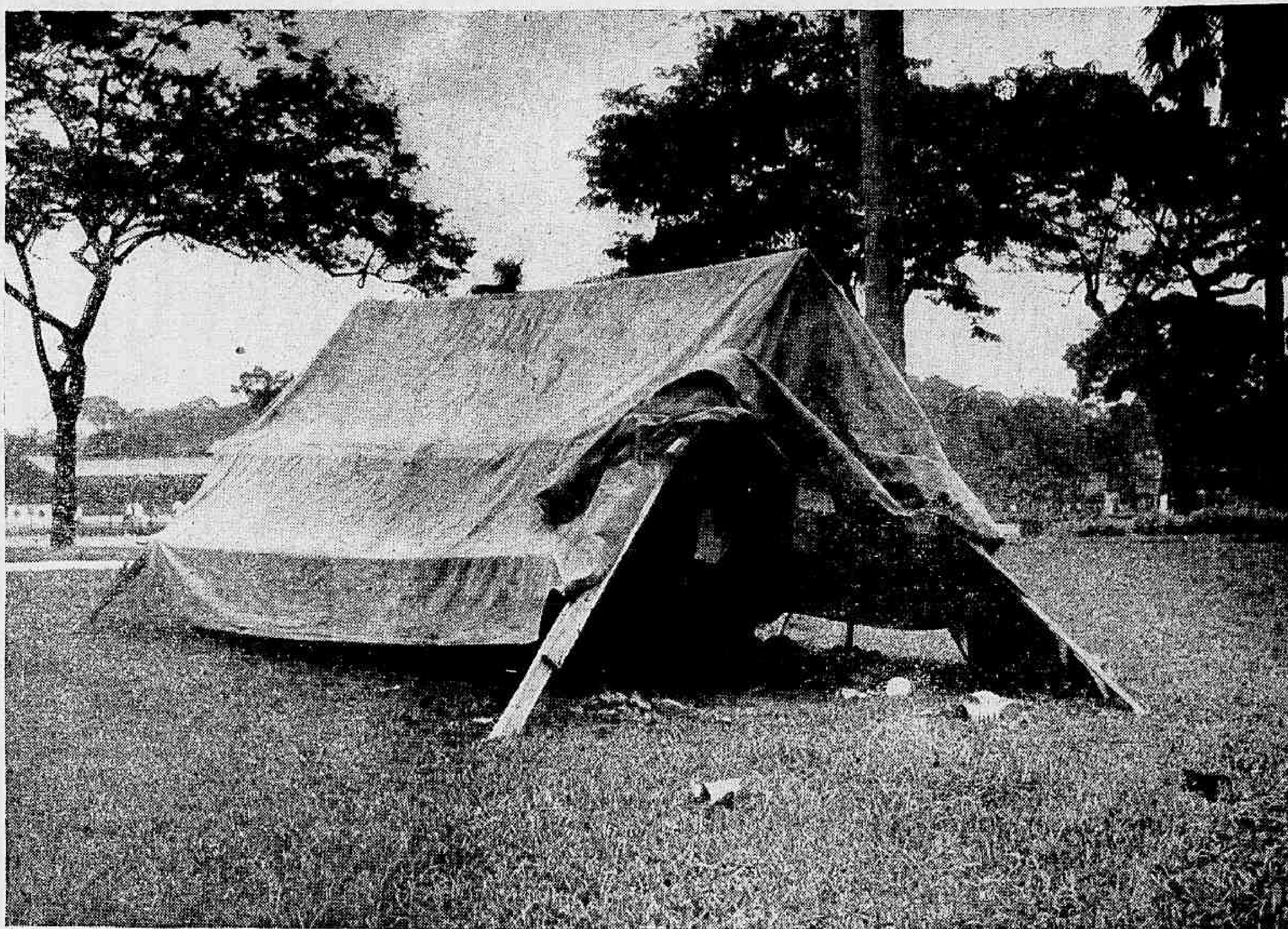
diatamente o problema agrário. Há carência de braços no campo ao passo que nos grandes centros, como Rio e São Paulo, é grande o número dos sem trabalho. Em vista disso, a lavoura sente o reflexo dêsse estado de coisas. A não ser em São Paulo e em algumas regiões de Minas, como a Zona da Mata, onde a lavoura é mecanizada, ninguém se interessa mais pela agricultura. No Triângulo Mineiro, por exemplo, 90% dos fazendeiros preferem adquirir os cereais a cultivá-los, mesmo para o gasto. Há falta de trabalhadores nas fazendas.

Paralelo ao do braço humano, está o problema do transporte. A não ser o café, nenhum outro produto pode ser guardado de um ano para outro sem o perigo de ficar bichado, apesar dos processos de engordurar o feijão e ensacar o arroz com a casca, comumente usados no interior. Não há transportes suficientes. Os poucos que possuímos são caros. E, por que existe uma "Comissão Central de Preços" para avaliar e tabelar a produção alheia, ninguém se anima a plantar feijão, nem arroz, nem tampouco batata. Daí os altos preços que êsses gêneros de primeira necessidade alcançaram ùltimamente.

Como é sabido, o único Estado que tem, realmente, uma lavoura mecanizada é São Paulo. Com o amanho da terra pelo elemento japonês, o grande Estado há produzido em abundância a ponto de suprir a sua capital, o Distrito Federal e outras regiões, inclusive a Argentina. Forçoso é reconhecer também que São Paulo é o único Estado que é cortado de Norte a Sul e de Leste a Oeste pelas rodovias e ferrovias, o que já não acontece com os Estados nordestinos. Segundo estatísticas de 1948, há no Brasil 35.451 quilômetros de rêde ferroviária em tráfego, sendo que São Paulo e Minas Gerais arregimentam a maior percentagem.

POR VÊZES OS CAMINHÕES trazem dísticos interessantes, como êste. A chapa diz claramente que o «Chevrolet» é de Campina Grande.





ESTA BARRACA fôra armada no Campo de S. Cristóvão. Debaixo dela dormiam quatro famílias quando fizemos esta foto

A SÊDE E' UM dos maiores tormentos para os viajantes nordestinos. Quando encontram água potável êles se previnem...

DA PARAÍBA AO RIO . . .

Minas Gerais é o Estado rico por excelência. Afora as indústrias que possui, tem a riqueza natural do subsolo e o cultivo da pecuária. São Paulo é o gigante industrializado. Descendo para o sul, vamos encontrar Paraná e Santa Catarina com o mate e o pinho. E, finalmente, Rio Grande do Sul, com suas indústrias de charques, lãs, etc. Os Estados do nordeste, no entanto, carecem de grandes indústrias e nêles sobra, por isso mesmo, o elemento humano. O Ceará é típico pela aclimatação tórrida. Daí ser o cearense o mais errante de todos os peregrinos brasileiros. Já fôra até cognominado o "judeu errante brasileiro". Rio Grande do Norte ainda tem a fibra do sal. Outros Estados, como a Paraíba, ressentem-se de homens. Razão por que, no campo, as mulheres passaram a fazer trabalhos grosseiros, como roçar, plantar, pegar boi, etc.

Contudo, os verdadeiros paraibanos jamais perdem a fibra. Emigram. Vêm para o Rio e São Paulo na crença de que por essas bandas ganharão o pão mais fàcilmente. Muitos se enganam e voltam imediatamente; outros não voltam, às vêzes *in continenti*, porque não podem pagar a passagem de regresso. Mas, há sempre os que pensando na família que deixaram, enfrentam tudo, até mesmo uma pedreira. Quase tôda essa gente provém do interior.

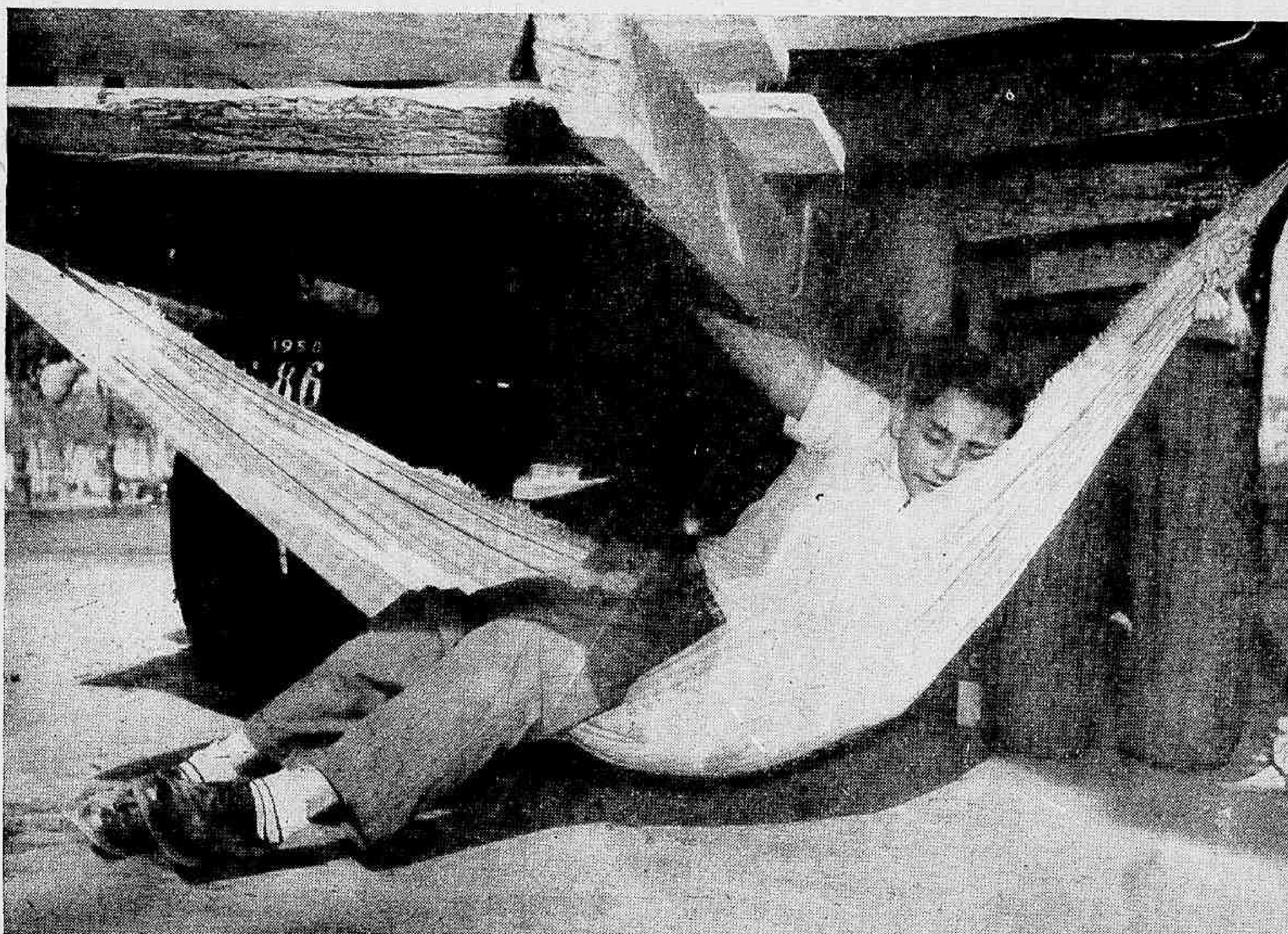
João Pessoa não é maior, nem mesmo é do tamanho de Belo Horizonte. Na capital mineira os bondes só trafegam até meia-noite. Quem estiver nos bairros de Santo André ou Santa Teresa, depois das 12 horas e quiser vir para o centro da cidade haverá de fazê-lo a carro ou à pé. De veículo gasta-se 20 minutos; a pé uns 50. Em chegando ao Rio, tanto o mineiro como o nordestino, tem que arrostar com o problema da condução, um dos mais angustiosos. Geralmente êles começam a



trabalhar em construções. E para estar às 7 horas ao pé da obra são obrigados a se levantar às 3 ou 4 horas da madrugada, se residirem no subúrbio. Muitos estranham isso. Suportam um pouco. E, assim que ganham uns cobres, arribam! Há entretanto, os que vão e voltam. Acostumam-se.

★

A viagem era feita freqüentemente pelos navios do Lloyd ou pelos barcos que trafegam no Rio São Francisco. Vinham de caminhão até o Estado da Bahia, onde tomavam o vapor rumo a Pirapora, em Minas. Daí, vinham por trem-de-ferro. Ùltimamente, com a construção da rodovia Rio — Bahia, o trajeto é feito diretamente da cidade de Campina Grande, no Estado da Paraiba, ao Campo de São Cristóvão, no Rio de Janeiro. O movimento é enorme. Chegam e saem semanalmente, em média, 12 caminhões. Quem quiser ir a Paraiba é só dirigir-se ao Campo de São Cristóvão, do lado em que fica o Mercado de Emergência. Diàriamente, há paraibanos perambulando por ali. E, aos domingos, durante o dia todo, há uma verdadeira legião de nordestinos, em sua maioria paraibanos. Os que trabalham aqui, vão até o Campo a fim de saber notícias dos parentes, amigos e conhecidos. Há um serviço de correio particular, que leva e traz cartas, encomendas e valores. Muitos trazem artigos do norte para vender: rêdes, chinelos e aves. Constantemente, chegam caminhões cheios de pássaros, principalmente papagaios amestrados e falantes. Quando acontece chegarem 4 ou 5 caminhões ao mesmo tempo, o espetáculo é deveras impressionante. Cada carro conduz sempre 48 passageiros. Ficam todos amontoados, numa promiscuidade condenável. As mulheres com crianças, muitas vêzes, ficam em si-

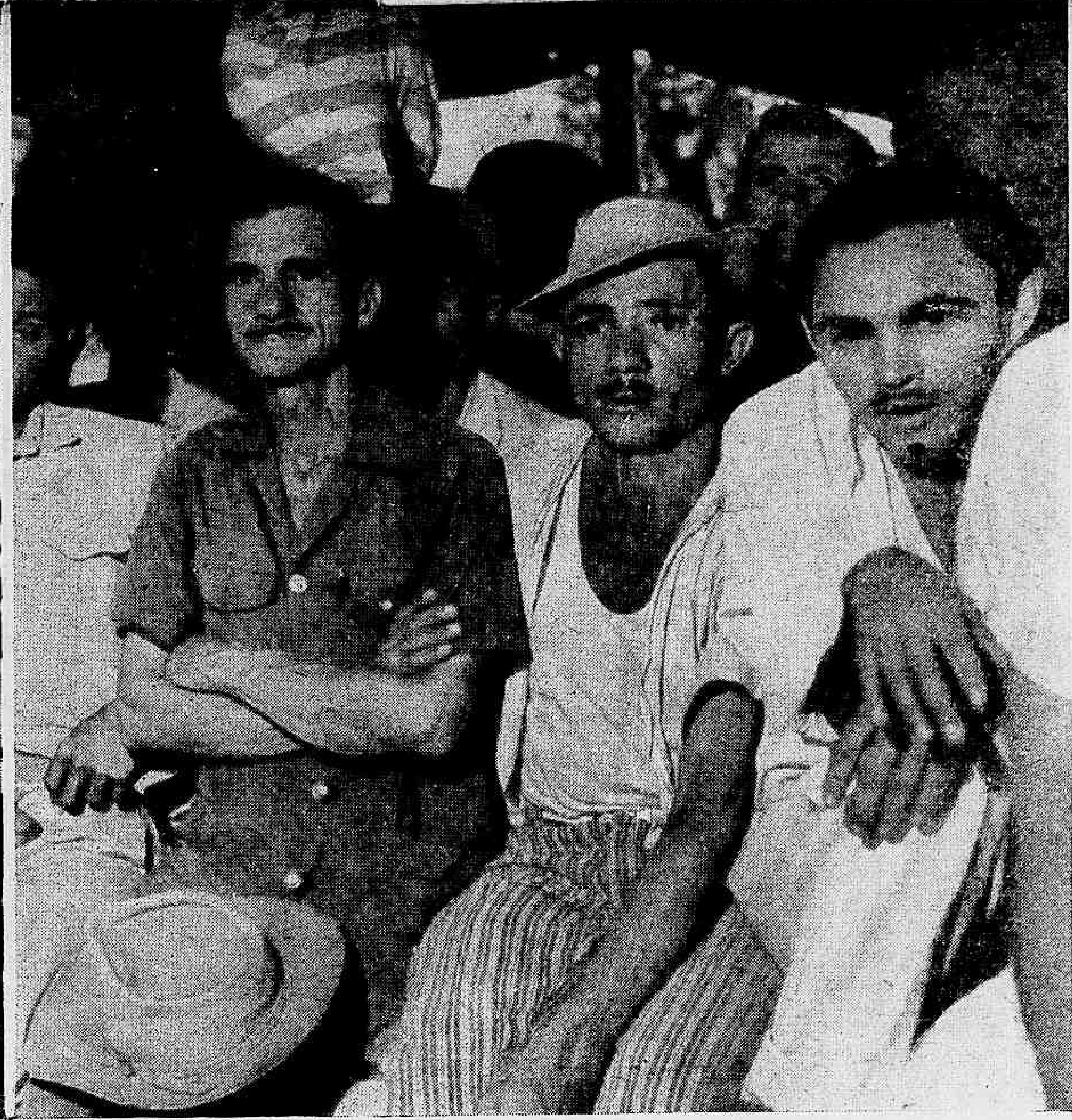


O VERDADEIRO nortista pode esquecer tudo ao improvisaruma viagem, menos a sua rêde e a sua afiada «peixeira».

UM CASAL DE IMIGRANTES com o seu casalzinho de filhos. Tempos atrás vieram para o Rio embalados pela esperança de melhores dias. Agora o chefe regressa ao seu logarejo, desiludido, doente, pior do que quando veio...







«PARAÍBA MASCULINA, muié macho, sim sinhô!» Não resta a menor dúvida: só mesmo uma sertaneja, mulher de fibra, é capaz de enfrentar um «Pau de Arara»!

TIPOS CARACTERÍSTICOS de nortistas. Homens simples que um dia trocaram a vida humilde do interior pela ilusão dos grandes centros. Agora voltam desencantados...

tuações embaraçosas. E' notório o caso de u'a moça que viajou em meio de 46 homens e passou quatro dias sem satisfazer necessidades fisiológicas. O trajeto é feito em sete dias. Acontece que havia dois motoristas. Viajavam dia e noite.

Quando um sentia sono o outro comandava o volante. E, assim, encurtaram o tempo regulamentar da viagem. A passageira sentia-se constrangida de pedir ao motorista para parar o carro. Em chegando ao Rio foi preciso que a família para a qual vinha trabalhar, a mandasse ao médico, pois a pobre moça estava sofrendo dos rins em conseqüência de tal abstinência. A sua continência fôra notada pelos passageiros que passaram a sussurrar coisas...

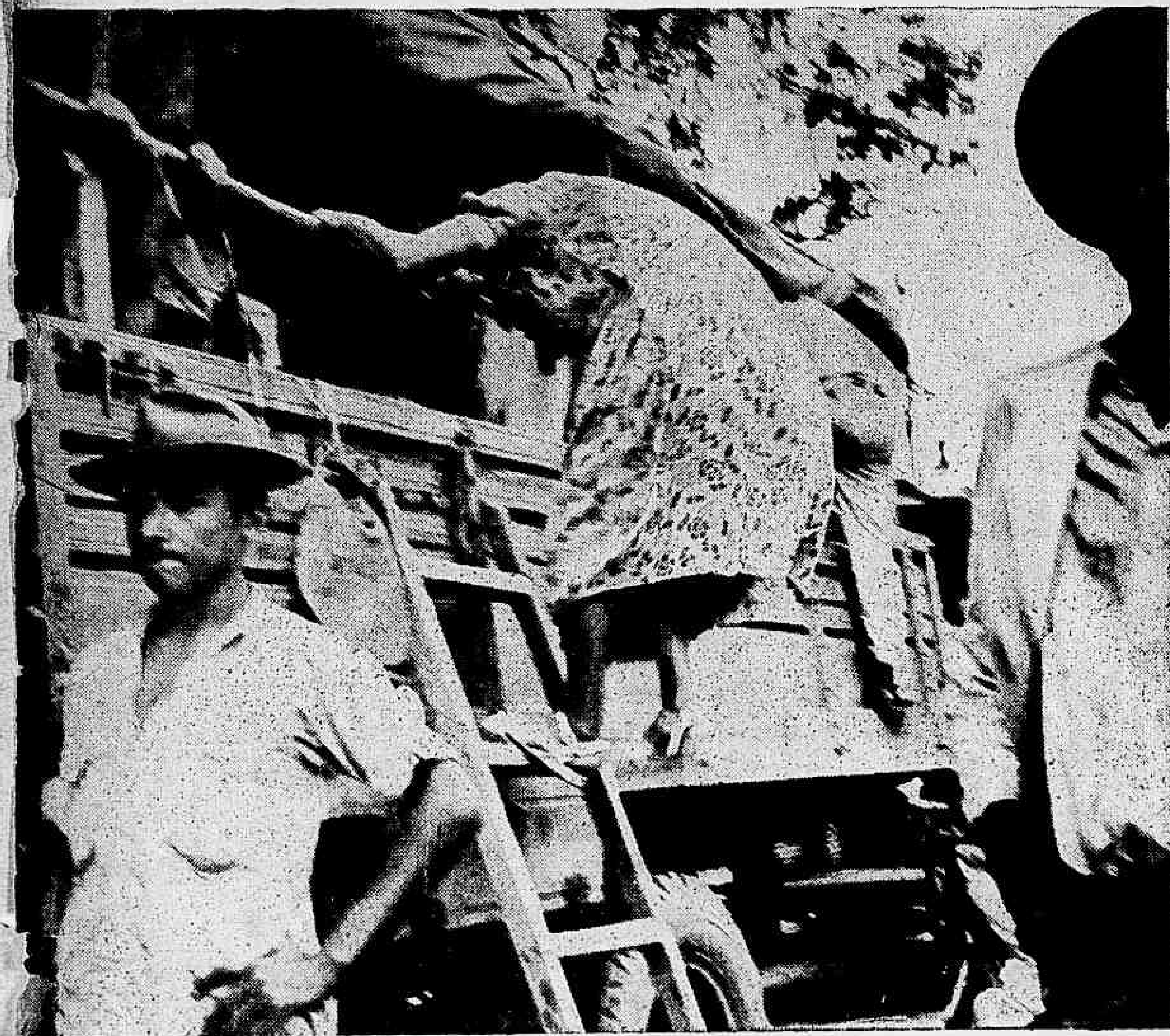
Como Campina Grande é entroncamento de estradas de rodagem, os carros partem sempre daquela cidade. Contudo, os paraibanos que chegam aqui, provêm da capital, da Areia, Patos, Cabaceiras, Tabaiana, Serra Redonda, Rio Tinto, Santa Rita, Catolé do Rocha e outras localidades. Quando acontece ficar alguém em meio da viagem, os motoristas passam a apanhar outros passageiros. A êsse respeito contaram-nos a odisséia de um casal baiano que fêz a sua viagem de núpcias num dêsses caminhões durante 15 dias. O tempo era chuvoso. As estradas estavam péssimas. Contudo, o caminhão chegou à Bahia sem novidade. Saltaram dois passageiros, ficando, portanto, duas vagas. Eram 16 horas. Os noivos haviam casado naquele dia, na parte da manhã. Precisavam vir para o Rio com urgência. Receiosos que o tempo piorasse e houvesse, por conseguinte, escassez de condução, resolveram enfrentar aquêle meio de transporte. Coitados! O "chauffeur" deu pressa. O carro ia sair. Assim, a noiva não teve tempo nem de tirar o seu vestido branco. Embarcaram. Viajaram a noite tôda. No dia seguinte trovejou muito. Quando veio a noite, veio também o "toró". O carro enguiçou. Conclusão: parando aqui e ali, só depois de 15 dias atingiram o campo de São Cristóvão.

★

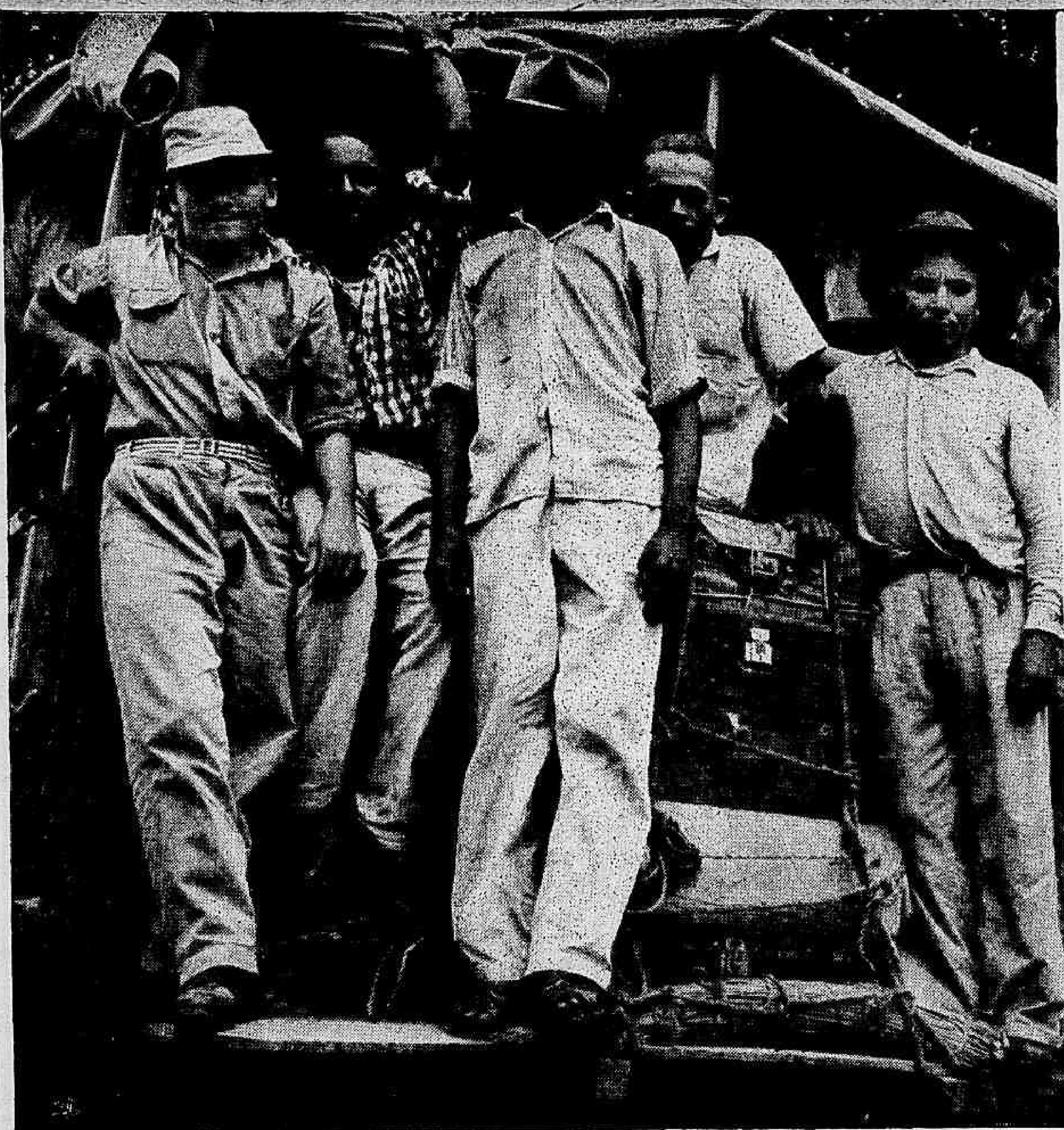
Os cariocas queixam-se da sorte quando são obrigados a tomar um *Amigo da Onça* da Praça Mauá a Vigário-Geral, viagem que é feita em 30 minutos. Que dirão, então os paraibanos, gastando 7 a 8 dias, quando não há impecilhos, da Paraíba ao Rio e vice-versa?! Ademais, os nossos *Amigos da Onça* só conduzem homens; mas os *Pau de Arara* (é como são chamados os caminhões) não só transportam homens como mulheres, crianças, bagagem, e até papagaios. Tivemos ocasião de assistir à chegada de vários dêles, em dias diferentes. Como sempre acontece, acorre grande número de curiosos. Os carros ficam empoeirados, amarelos, de uma amarelo ocre, da côr da terra das estradas. Os passageiros sujos, queimados pelo sol. As mulheres, com os filhos pequenos no colo, apertadas entre os homens. Como a passagem é barata — Cr$ 270,00 — os motoristas comprimem o pessoal ao máximo. Às vêzes, põem 52 passageiros. E, não adianta protestar, senão "fica". Há sempre gente que

PELA PRIMEIRA VEZ esta senhora pisa em terras cariocas. Veio de Rio Tinto — sertão paraibano. Juntamente com ela, vieram mais quarenta e cinco passageiros.

AOS «CHAUFFEURS» dos «Paus de Arara», pouco importa a sorte dos seus passageiros. Tanto trazem para o Rio os esperançosos, como levam ao norte, de volta, os desiludidos...







ÊSTES CHEGAM esperançosos e alegres. A penosa viagem não lhes quebranta o ânimo. E ao chegar são logo fotografados e entrevistados. Isso faz aumentar as suas esperanças...



JÁ ESTA SENHORA, com seus dois filhinhos, regressa à Paraíba, desiludida e triste, como tantos outros conterrâneos seus. Outros dias virão, e melhores! Ela está confiante!

quer viajar. Apesar de barato, o negócio é rendoso. Já existe uma linha de ônibus que cobra Cr$ 300,00 por pessoa. A maioria, entretanto, prefere o *Pau de Arara*, não só por ser mais barato como por que chega mais depressa. Os ônibus — dizem — nunca chegam antes de 10 dias. São velhos. E, quanto mais dias se gastar, mais dinheiro sai do bôlso. Cada passageiro sai de Campina Grande, geralmente, provido com 2 quilos de carne de sol, 2 pratos de farinha e 2 rapaduras.

Uma vez ou outra tomam uma pensão em meio do caminho. À noite, quando o motorista se cansa e é obrigado a parar para repousar, armam a rêde e dormem ao relento, sob a luz das estrêlas. Poderá tirar a botina, o palitó... mas nunca a sua inseparável "peixeira". E ai do cabra que se atrever... só se o sono fôr mesmo pesado!

★

Em meio às levas de aventureiros, chegam, às vêzes, elementos aproveitáveis. São marceneiros, pedreiros, gente que, trabalhando com denodo, consegue economias suficiente para mandar buscar a família. Isso, entretanto, é uma pequena minoria. Pois, para aqui aflui gente de tôda parte do Brasil e do estrangeiro. Técnicos e profissionais competentes aqui vivem em extrema pobreza, às vêzes. No interior o trabalho é menos remunerado mas, em compensação, a vida é mais barata. Trabalha-se menos e vive-se mais. E' enorme a legião dos desempregados no Rio. Apenas durante a construção do "Estádio Maracanã" houve algum trabalho. Era uma obra de urgência. Agora, há falta de cimento e de outros materiais de construção e por isso muitas obras estão pràticamente paradas. Com o advento getulista, entretanto, surge uma grande esperança: — a construção do "*Metro*". E', indubitàvelmente, uma obra de vulto, onde poderá trabalhar muita gente.

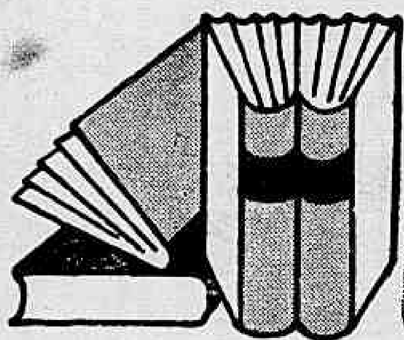
(*Cont. na pág.* 40)

HORA DE DESCANSO. Uns dormem; outros fazem planos... E há os que ficam a pensar na espôsa distante...

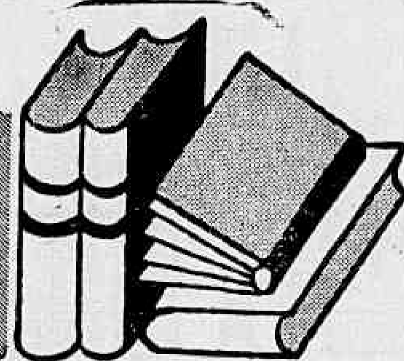


MUITOS SÃO TÃO pobres que nem mala possuem. Trazem tudo dentro de um saco. E' o caso dêsse caboclo.

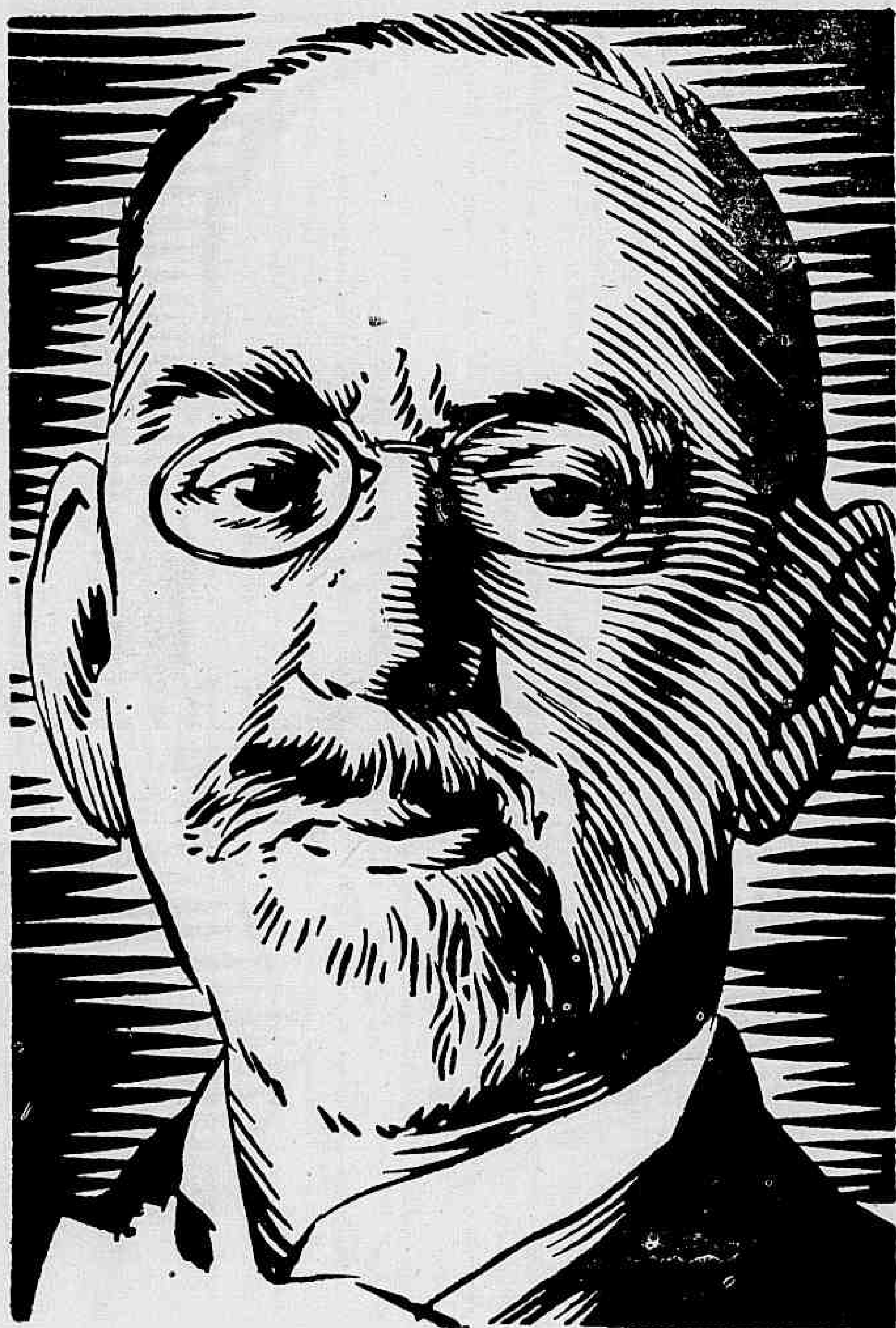




SEMANA LITERARIA



ÁLBUM DE FAMÍLIA



CARLOS DE LAET

CARLOS DE LAET foi, certamente, um de nossos mais puros escritores. O espírito combativo dêsse polemista de raça levou-o, porém, ao culto do jornalismo, impedindo que realizasse, embora produtor fecundíssimo, com uma esplêndida capacidade de trabalho que conservou até seus últimos dias, obra mais significativa e duradoura, como era justo esperar-se de tão completa organização intelectual.

Carlos de Laet — Carlos Maximiliano Pimenta de Laet — nasceu a 3 de outubro de 1847, na cidade do Rio de Janeiro. Era filho de Joaquim Ferreira Pimenta de Laet e de d. Emília C. Ferreira de Laet. Aos catorze anos, matriculou-se no primeiro ano do Colégio Pedro II. Ali fêz um curso brilhantíssimo, obtendo distinção em tôdas as cadeiras. Foi sempre considerado o primeiro aluno de sua turma, e alcançou sempre os primeiros prêmios. Laureado bacharel em letras, matriculou-se na Escola Central, hoje Politécnica. No curso de Engenharia manteve, como o fizera no Ginasial, o primeiro lugar.

Formado em Engenharia, não quis seguir a carreira. Sua vocação estava no professorado e no jornalismo, e foi para essas duas atividades que êle se voltou. Em julho de 1893 fêz concurso no Colégio Pedro II para a cadeira de Português, Geografia e Aritmética, disciplinas que formavam o primeiro ano do curso. Foi nomeado, depois das provas excelentes que prestou. Em 1915, com a reforma da instrução secundária, desapareceu aquilo que Ramiz Galvão chamou "anomalia" — a reunião de três disciplinas tão dispares numa mesma cadeira — e Laet foi então nomeado professor de Português.

Por um momento, estêve êle a pique de ser seduzido pela política. Em 1889, seus amigos monarquistas insistiram com êle para aceitar uma cadeira de deputado. Laet aquiesceu, e foi eleito, simultâneamente, por duas províncias — Mato Grosso e Paraíba. O advento da República, porém, em 15 de novembro, privou-o de sua cadeira. Fiel ao Imperador, de quem era grande amigo, fiel à Monarquia, que julgava o único regime compatível com a formação e as tradições do Brasil, Laet desde então afastou-se de qualquer partido político — a não ser, é claro, aquêle que cultuava a memória de D. Pedro II. Suas convicções monarquistas, por mais de uma vez, lhe causaram contrariedades bem grandes. Em 1890 — conta-o um dos seus melhores biógrafos, Ramiz Galvão, ao estudar a vida do seu antecessor na Academia Brasileira de Letras — deu-se um episódio que muito amargurou

EDMUNDO LYS

Fóra do prelo

VIAGEM PARA MÁLAGA — Leonardo Arroyo — José Olímpio — Rio

Êste livro de contos que se editou no fim do ano passado é um dos prêmios "Fábio Prado" de 1949. Trata-se, portanto, de obra já inicialmente recomendada por essa láurea. Independente, porém, da consagração, Leonardo Arroyo é um estreante de fôlego e seus contos se incluem entre o que de melhor temos produzido no gênero. Há, neste livro, páginas verdadeiramente antológicas como, por exemplo, êsse "Carmelito" que, sem aquela amargura e sem aquela ironia do "Gaetaninho", nos recorda o melhor da ficção urbana do grande Alcântara Machado.

Residindo na cidade de São Paulo, onde exerce o jornalismo, o autor dêstes contos é um citadino, amando a sua metrópole e encontrando os seus heróis e os seus casos no meio urbano. E a sua gente é a comum, sem raridades, nossos irmãos de todo o dia. Daí a substância humana e próxima de seus pequenos dramas, sua repercussão em nosso peito, sua comunicação conosco. Com isso, uma arte do conto, trabalhada com firmeza, dominada em todos os seus elementos literários, levantando almas e cenários com traços precisos e indeléveis, em boa linguagem, estilo muito pessoal, capacidade de reduzir em poucas linhas todo um grande drama, tôda uma grande miséria.

★

VERÃO E OUTONO — Carlos Magalhães Azeredo — Editôra Aurora — Rio

O poeta Carlos Magalhães de Azeredo, da Academia Brasileira de Letras, reuniu neste volume seus poemas selecionados entre o que produziu de 1920 a 1935. Lírico, seus versos têm, no geral, a linguagem do amor. Mas, como o poeta já se mergulhou no ambiente do outono — de que traça um sinal no título do volume — os acentos de sua lírica no geral se revestem de côres elegíacas, tocando-se de tristeza e desconsôlo, às vêzes carregando-se de pessimismo, evocativos, recordando o passado, vividas paisagens envoltas nas brumas do tempo.

O poeta é um acadêmico e, pois, um tradicionalista. Mas, muitas vêzes evade essa arte poética, foge da maneira clássica e nos brinda com poemetos mais livres e comunicativos. O volume encerra muitos momentos de poesia e, com o subjetivismo peculiar ao lírico, paisagens e criaturas exóticas, como a sua inesquecível Sulamit Rahm, a bailadeira marroquina, por certo um dos mais belos poemas do volume.

★

CONTRA-MÃO — Antônio Olavo Pereira — José Olímpio — Rio

Esta novela de Antônio Olavo Pereira foi também contemplada com o prêmio "Fábio Prado" de 1949 e, também, apareceu em fins de 1950. Estamos há muito devendo ao autor laureado êste registro, pelo que nos desculpamos, tendo determinado o atraso o fato de o livro ser remetido para um antigo enderêço. Em tempo, devemos esclarecer que os livros para esta seção devem ser enviados à redação da REVISTA DA SEMANA ou para o nosso atual enderêço — rua Sá Freire, 234, apart. 36, Copacabana.

Novela, por que novela? Sempre nos pareceu que a denominação é estranha, como gênero, em nossa literatura. Novela é como se chamam os romances, em língua castelhana. Se procurarmos definir o que seja novela, jamais chegaremos a um acôrdo. Como forma literária, nossa, passaram a ser considerados novelas os romances curtos. E não será por certo de bom critério definir um gênero pela extensão da obra. Além disso, considera-se também como novela os contos mais extensos. Tudo, como se vê, soando falto.

"Contra-Mão" é um romance curto. Uma obra que realmente conta, na mais recente ficção, pelos seus caracteres marcantes, pelo seu estilo de bom quilate, pelo mundo que nos traz, com suas criaturas e seus dramas. Antônio Olavo Pereira, poderíamos dizer, aliás rendendo-lhe homenagem aos méritos de romancista, é um discípulo de Graciliano. Sua prosa é viva, o tratamento direto, o tem de um realismo sem literatura. Por tudo isso, seu livro é de uma qualidade destacada e êle se coloca na primeira linha dos atuais ficcionistas brasileiros.

★

OUTROS LIVROS A Coleção Menina e Moça, uma das mais simpáticas e úteis iniciativas da Livraria José Olímpio Editôra, acaba de ser enriquecida com a publicação de quatro novos livros para a juventude feminina. São os seguintes os novos romances: **A Predileta, A Afilhada do Imperador, A Deusa da Tribo** e **Flor dos Bosques**, traduzidos os três primeiros por Raquel de Queiroz e o último por Vanda Murgel de Castro. Num momento em que os pais realmente ciosos da formação moral de suas filhas, pouco ou quase nada encontram de bom em matéria de leitura para mocinhas entre os 10 e os 16 anos, a existência da Coleção Menina e Moça — cuja maior recomendação vamos encontrar nos calorosos elogios que lhe dedicaram diversas figuras de projeção nos meios católicos brasileiros, entre as quais se destacam Tristão de Ataíde e Padre Álvaro Negromonte — é uma sólida garantia de bons livros para essa juventude, tão necessitada de alimento espiritual condizente com a sensibilidade feminina.

★

O Clube do Livro Selecionado, iniciativa da Livraria José Olímpio Editôra, vem de apresentar aos seus associados de todo o Brasil um novo volume desde o começo de suas atividades. Desta vez a escolha de Raquel de Queiroz, José Lins do Rêgo e Agripino Grieco recaiu no belo livro de Lloyd Douglas intitulado **O Grande Pescador** (a vida romanceada de S. Pedro), uma biografia que conquistou milhões de leitores nos Estados Unidos. Narrando a vida do primeiro chefe da Igreja Católica, numa prosa colorida e brilhante, revela Lloyd Douglas raros conhecimentos da história dos antigos judeus, ao lado de um grande poder de evocação e animação de figuras quase ciclópicas na sua sua projeção espiritual, e ao mesmo tempo tão humildes na sua grandeza, no seu sofrimento e na sua fé. A vida de Pedro, entretanto — pescador de peixes que se transforma em pescador de almas — não é o tema único dêsse esplêndido livro, que ainda nos descreve episódios da existência terrena de Jesus e de numerosos discípulos seus, entre os quais João, sacrificado aos caprichos de Salomé. Por outro lado, a tantos fatores históricos religiosos, associa ainda Lloyd Douglas ao livro um verdadeiro romance de amor entre um cristão e uma pagã, tocado de profunda beleza e realidade psicológica. Não há dúvida, pois, que **O Grande Pescador** pode ser considerado uma das escolhas mais felizes dos orientadores do Clube do Livro Selecionado.

"PRESENÇA DE ANITA" NO CINEMA

ESTÃO sendo concluidos, em São Paulo, os trabalhos de filmagem de "Presença de Anita", romance de Mário Donato, que empolgou milhares de leitores em todo o Brasil. "Presença de Anita", cuja sétima edição a Livraria José Olimpio anuncia para breve, está em filmagem pela Cinematográfica Maristela Ltda., companhia recentemente organizada na capital bandeirante. A produção está a cargo de Mário Civelli, Ruggero Jacobbi, Mário Pages, Davi Altschuler, Luis Watson, Alberto Attili e Alberto Florêncio Lamas, e a parte de interpretação aos atores Antoinette Morineau, Orlando Vilar e Henriette Morineau, a primeira no papel de "Anita" e o segundo no papel de "Eduardo" e a grande Morineau como mãe de Anita. Iniciados os trabalhos de filmagem a 22 de outubro último, os responsáveis pela produção esperam apresentá-la concluida nos primeiros dias de janeiro do ano vindouro, havendo sido orçados os gastos totais com a película em cêrca de dois milhões de cruzeiros. Mário Donato, autor do romance, também colaborou intensamente nos trabalhos, escrevendo novos diálogos ou adaptando os já existentes no livro, mostrando-se bastante entusiasmado com a iniciativa. Algumas cenas do filme foram tomadas no exterior, e uma delas, realizada a 21 de novembro findo, teve por palco a Travessa Sete de Abril, na capital paulista, às 20 horas, perante numerosos populares que assistiram curiosos e interessados ao desenvolvimento dos trabalhos. Algumas cenas de delirio e alucinação serão filmadas em Hollywood, talvez nos estúdios da Columbia Pictures, que é co-produtora e será a distribuidora do filme para o Brasil e o mundo. Foram contratados quatro técnicos argentinos para trabalhar em "Presença de Anita", cujo "script" foi elaborado por Ruggero Jacobbi, com a assistência direta de Mário Donato, que se encarregou dos diálogos. Convém registrar, ainda, que o sucesso de "Presença de Anita" continua cada vez mais vivo e, como exemplo, podemos informar que a Rádio Excélsior, da capital paulista, levará ao ar, das 21 às 22 horas, no próximo dia 1º de janeiro de 1951, uma peça radiofônica, baseada no livro e interpretada pelos protagonistas do filme, isto é, Orlando Vilar e Antoinette Morineau. Mário Donato, o vitorioso autor do romance, que tantas discussões levantou por ocasião de seu aparecimento, já concluiu seu novo romance, "Galatéia e Fantasma".

★

MINISTRO BIAS FORTES

DEPOSITÁRIO de um dos grandes nomes de Minas Gerais, o ministro Bias Fortes, titular da pasta da Justiça, vem de firmar um ato que merece registro nesta página, isto é, a liberação da peça de Nelson Rodrigues, "Senhora dos Afogados" que, afinal, vai ser apresentada ao público. O ato do ministro Bias Fortes basta para assinalar sua passagem pelo Ministério da Justiça e, ao mesmo tempo que assinala a visão esclarecida de um homem público, revê as mais ilustres tradições liberais de Minas, de que o primeiro Bias Fortes foi um dos mais lidimos cultores e que o herdeiro de seu nome sabe manter e dignificar.

Os intelectuais brasileiros festejam neste momento o ato do ilustre mineiro e os seus co-estaduanos recebem com entusiasmo a notícia desta reafirmação de respeito pela liberdade espiritual, de homenagem ao trabalho artístico, de perfeita compreensão dos altos deveres do cargo.

★

A MORTE DE DAMASCENO VIEIRA

Em dia dêste mês, faleceu nesta capital, o general Arnaldo Damasceno Vieira, ao mesmo tempo oficial distintissimo e escritor de merecimento incomum, poeta consagrado por uma obra que se situa entre o que de mais significativo contamos no principio dêste século.

Arnaldo Damasceno Vieira, seu reorganizador, exercia atualmente o cargo de presidente da Sociedade de Homens de Letras, sendo uma das figuras mais queridas de nosso meio literário, a que honrava sua presença ilustre. Sua morte foi acompanhada de sincero pesar, tanto êle se fizera querido em nossa república das Letras.

★

UM ANO DE "SEMANA LITERÁRIA"

Com o número passado da REVISTA DA SEMANA, completou um ano a seção que temos oferecido aos leitores, nestas duas páginas consagradas às atividades literárias do país e do exterior, a fim de que, de sete em sete dias, possam estar informados tanto sôbre o movimento editorial, como sôbre os acontecimentos de maior importância do mundo literário. Iniciando um ano novo "Semana Literária" se propõe a uma renovação permanente, no sentido de melhor servir aos seus leitores, assim correspondendo ao aplauso que nos têm dado e que tem sido nosso melhor estimulo.

★

FALECEU O ESCRITOR SINCLAIR LEWIS

Faleceu a dez de janeiro, em Roma, onde estava residindo, o romancista norte-americano Sinclair Lewis, que contava 65 anos de idade.

Lewis foi o primeiro norte-americano a conquistar o prêmio Nobel em 1930, e era também laureado do prêmio Pullitzer, distinção que obteve com o romance "Arrowsmith", mas seu livro mais conhecido, de sentido satirico é, sem dúvida, "Babitt".

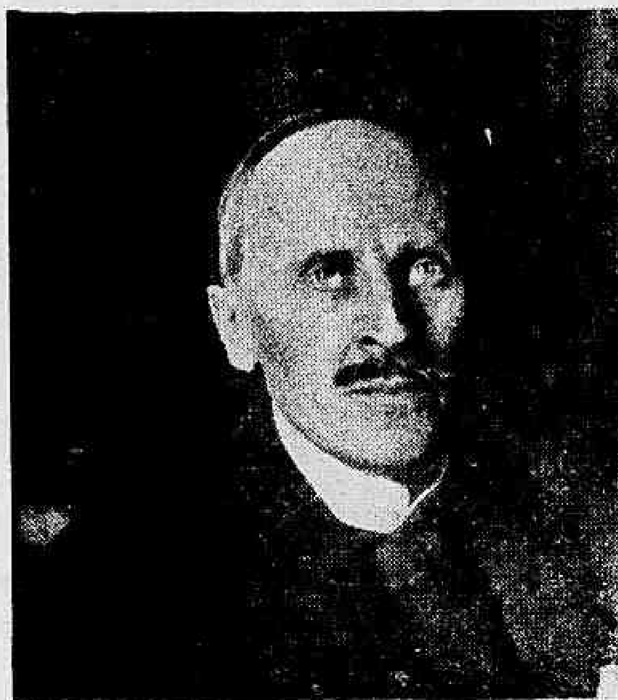
★

O SUPLEMENTO DE "JORNAL DO POVO"

O excelente suplemento literário mensal do "Jornal do Povo", de Ponte Nova, Minas, realizou uma bela edição de Natal que, tanto pelo conteúdo, como pela agradável feição gráfica, representa um dos mais louváveis esforços culturais do momento, em todo o país. A turma ponte-novense, com A. Brant Ribeiro, Jamil Santos, Mário Climaco, Olegário Lopes e Nelson Alves, está fazendo um jornal sério e significativo, que muito recomenda a cultura mineira, merecendo, pela ótima propaganda que representa, o amparo da municipalidade de Ponte Nova. Não se esqueçam os politicos de Ponte Nova de que foi o movimento da "Verde" que fêz de Cataguazes uma das mais conhecidas e prósperas cidades montanhesas.

Agradecemos a remessa do "Suplemento" e felicitamos os rapazes de Ponte Nova pelo que estão realizando através dêsse simpaticissimo mensário de literatura.

CINEMA E LITERATURA



ROMAIN ROLLAND

Pouca gente sabe que Romain Roland escreveu o argumento de um filme, "La Révolte des Machines", atualmente editado em livro.

"A Revolta das Máquinas" — ou "La Pensée Déchainée" — foi escrito em colaboração com o pintor Franz Masareel e data de 1921. A origem do filme vem dos anos da primeira grande guerra. Rolland e Masareel se encontraram na sede da Cruz Vermelha a que, então, foram oferecer seus serviços, começando ai uma amizade. O pintor ilustrou uma obra de Rolland e o escritor notou que o humor cruel do pintor combinava com seu espírito de sátira. Dai terem resolvido escrever em colaboração o argumento dessa "farsa épica para o cinema", conforme a própria definição de Rolland.

E' curioso observar que, até hoje, o filme não foi realizado. O argumento foi publicado pela revista americana "Vanity Fair" e em uma pequena tiragem de duzentos exemplares. A atual edição é também muito pequena, de mil e quinhentos exemplares. Para ilustrar êste registro, além do retrato de Romain Rolland, três desenhos de Masareel para o texto de "A Revolta das Máquinas".







Continuação de ÁLBUM DE FAMÍLIA

o espírito de Carlos de Laet. Proclamada a República, deliberou o Govêrno Provisório extinguir, tanto quanto possivel, quaisquer reminiscências do passado regime. Uma das medidas que tomou foi substituir o nome do Colégio Pedro II pelo de Instituto Nacional de Instrução Secundária. Na sessão da congregação da casa, em 2 de maio de 1890, Laet tomou a palavra e requereu fôsse feito um apêlo ao govêrno republicano, no sentido de voltar ao estabelecimento o seu nome antigo, que era o de alguém que, com o mais comovente desvêlo, tinha zelado sempre pelo progresso da casa, pelo desenvolvimento de seu nivel intelectual. Houve grande tumulto entre os professôres runidos, pois a grande maioria dêles era agora republicana, e estava inteiramente solidária com a medida do govêrno. No dia seguinte o "Diário Oficial" trazia, com a data de 2 de maio — a mesma em que Laet falara na congregação — a demissão do professor! Pouco depois, Benjamin Constant conseguia transformar o ato de demissão em aposentadoria, conservando a Carlos de Laet alguns recursos, suficientes para que êle pudesse viver. E só no govêrno de Wenceslau Braz foi êle reconduzido ao seu pôsto no magistério secundário.

Laet exerceu, desde então, até 1925, o seu cargo de professor, sendo também, durante longos anos, diretor do Internato Pedro II. Naquele ano deu-lhe aposentadoria o ministro João Luiz Alves.

Ao mesmo tempo que exercia a cátedra no Pedro II, exercia o ensino em outros estabelecimentos do Rio de Janeiro.

Quanto ao jornalista, parece que podemos fixar as suas estréias em 1876. Laet trabalhou, então, no "Diário do Rio". Dali passa, em 1878 para o "Jornal do Comércio", e nessa tribuna lavra, durante dez anos, as jóias limpidas do seu "Microcosmo". Trabalha, também, como colaborador ou como redator nas colunas da "Liberdade", do "Brasil", da "Tribuna Liberal", do "Jornal do Brasil", do "Comércio de S. Paulo" e do "O Jornal". Seus trabalhos, nessas várias fôlhas versam os mais variados assuntos, e são, às vêzes, esplêndidos ensaios sôbre matéria histórica, artistica, literária, critica de poesia e critica de costumes. Enfim, a produção dêsse grande mestre da prosa brasileira, quando reunida em volume, poderá ser alguma coisa da maior importância — alguma coisa que, pela majestade, pela ironia, pela sabedoria, será única em nossa terra.

Católico ardoroso, Carlos de Laet foi uma das grandes vozes que sempre estiveram na defesa da igreja, em nossa terra. O titulo de Conde, que pelo Vaticano lhe foi conferido, vale como o testemunho mais eloquente do quanto soube êle ser útil à igreja de Cristo em nosso país. Presidente do Circulo Católico, ali teve êle também uma atuação de chefe esclarecido, sereno e lúcido.

Por ocasião da fundação da Academia Brasileira de Letras, em 1896, foi êle escolhido para ser um dos criadores da casa. Fundou a cadeira n. 32, que tem como patrono Araújo Pôrto-Alegre. Ali foi substituido pelo Barão de Ramiz Galvão que, por sua vez, foi substituido por Viriato Correia. Na Academia, Laet recebeu sempre provas claras de aprêço e consideração dos seus companheiros. Eleito presidente em 1919, na vaga de Rui Barbosa, ali ficou até 1922, quando renunciou. Recebeu dois confrades — Dantas Barreto e D. Silvério Gomes Pimenta. Foi presidente da primeira comissão do Dicionário da Academia.

Carlos de Laet faleceu em 7 de dezembro de 1927, nesta capital.

EU VOLTEI, MINHA TERRA... EU VOLTEI!...

Novela de AFONSO CELSO DE OLIVEIRA

Ao iniciar esta história, devo dizer que Manuel Damião é nome fictício, pseudônimo de alguém da vida real. Nas mesmas condições, aqui descritas estão milhares de sêres atingidos por igual infortúnio, ou fenômeno social que feriu a uma grande classe. Portanto, aqui descrevo a vida de um Manuel, muito parecido com a de Pedro, ou a sua talvez, leitor. E' um relato quase todo verdadeiro. Menos o fim, a volta, idealizada para Damião, para mim ou para você.

Desde a noite em que auxiliei o sr. Manuel Damião a responder àquêle intrincado formulário, uma coisa não me saía mais da cabeça: escrever, tornar público tudo aquilo que descobri, tôda a tragédia encoberta sob aquela vida simples e humilde. Mas, como escrever? Minha instrução falha não era uma barreira a estancar em mim um turbilhão de idéias? Assim mesmo tentaria. Sabia que, se bem sucedido, seria um brado de alarma aos nossos legisladores; também o seria aos iludidos pelas cidades com seus esplendores externos, mas com tanta miséria latente!

"Seu" Damião, como havíamos combinado, apareceu mais ou menos às sete horas da noite em meu boteco, do qual êle era freguês e já com bastante crédito. Diante da enorme lista de perguntas, concluí não ser fácil a tarefa. Abandonei o balcão e passamos para a saleta contígua ao estabelecimento. O velho entrou bastante desajeitado e sentou-se. Começamos o trabalho. Passei os olhos pelo questionário que fôra entregue nas fábricas aos chefes de família. Serviria de base para a reforma do salário mínimo. Fui anotando tudo, fazendo perguntas e mais perguntas. Quantos filhos dependentes, gasto isto, quanto aquilo? Gastos com água, luz, feijão, arroz? Se bebe e se fuma, qual o dinheiro dispendido com isso? E pouco a pouco ia crescendo a cauda daquele rascunho disforme. De repente, embasbacamos: era onde perguntava sôbre roupas de cama e mesa, utensílios de cozinha, sabão; vestidos, sapatos, meias para mulher e... aí é que a coisa encrencou de uma vez, — responder quantos peças de roupas íntimas para mulher eram gastas, e seus valores, monetários, bem entendido. Socorro! Bradei. Logo apareceu mais alguém em casa, — minha mulher. "Triunvirato". Ia melhorando...



Tudo terminado. Vou dar o balanço final. Mas, oh! como poderia alguém viver daquele modo?! Sabemos de sobra que se um qualquer ganha três mil cruzeiros e "fumaça" e gasta dois mil, pode dizer-se no céu. Mas o inverso seria infernal e humanamente impossível. E era êste o nosso caso. Todo aquêle trabalho, para mostrar que o nosso humilde Damião vivia com gastos maiores de três mil cruzeiros, quando todo o dinheiro que entrava em casa não ia aos dois mil. Expliquei-lhe o caso. O pobre, corado, declarou: "... se a gente falar muito por baixo é capaz que êles nem acreditem... E... meu genro, de vez em quando, também me ajuda com uns cinqüenta cruzeiros para as crianços..." Assim fiquei de posse do segrêdo dêsse homem. Êle se acanhava de pôr a descoberto, em um questionário, a condição miserável em que vivia! Modifiquei tudo; fiz um corte geral. Se tinha declarado dez pares de calçados para tôda a família, descia para seis; se a mulher "gastou" quatro vestidos, punha dois apenas. E, enfim, consegui o equilíbrio necessário.

Fui, dessa época em diante, ficando mais afeiçoado a êsse amigo e a par dos trancos que a vida lhe reservara. Mas voltemos ao passado e espreitemos a família Damião, passo a passo, até ao presente:

— Bem, minha velha, creio que desta vez perderemos os nossos melhores vizinhos.

— E' isso mesmo... vai todo mundo e nós é que ficamos emperrados por aqui. Não digo por mim... você tem visto as crianças. Não falam de outra coisa, a não ser sair dêstes cafundós. E, se ficarmos... o que serão os pobrezinhos? Caipiras! Matutos como a piazada do Zèquinha.

— Ora, mulher! Não é tanto assim! Então nossos filhos não freqüentam a escolinha da D. Marta? Ela é muito boa professôra, formada e tudo. Os pequenos já lêem um pouco, não falam mal... E você pensa que se botá-los em fábricas êles vão "virar doutor"? Ficarão com o que sabem, só, só.

— Mas, se continuar como vai indo, o govêrno deixará uma escola sòmente para os nossos? Garanto que não. Qualquer dia você vai vê-la fechada, ou de mudança para a fazenda do Forte.

— Se isto acontecer, temos o grupo da vila. A Maria e o Zeca não tiraram lá o diploma? E' mais longe, me ajudarão menos aqui nos servicinhos que já podem fazer, mas...

— Só sei que, de fato, perdemos os mais queridos vizinhos: o Bope, com os dois filhos casados; mais de vinte pessoas, se contadas as "famílias" pequenas. E antes então? Já lá se foi a viúva Batista com a criançada, os Fiuza, "seu" Barnabé, o Tonico, que até fechou a venda, ali da encruzilhada, por falta de freguês... Não... não convém continuar. Resta um aqui... outro lá... Mas quem não vai nem a cacete é o "Dito Pingurra". E que emplastro! Desde que amanhece ouvimos na porta da cozinha: "Mãe mandô emprestá lume de vancê?!" Isso é de quase todos os dias, — a filha dêle vir, como sempre, pedir fogo com aquela voz de quem pede e pergunta ao mesmo tempo: Outra hora é um filho: "Pai qué u'a penada de crolina pra bitchera do tumoso". Depois sucedem-se os filhos e com êles vai açúcar, pó de café, feijão, farinha... Há por aqui muito bicho pegador de galinha. Temos irara, gato e cachorro do mato, raposa... Mas o que mais nos encabula é a "bicharada" ir quase sempre deixar as penas no quintal do Pingurra. E quem há por estas bandas, que ao desaparecer-lhe um bom frango, não se lembra logo dêsse amigo... do alheio? E irritado não diga: "Êsse Pingurra! Ah! se não tivesse aquela filharada!..."

— Um dia... ali estava o caminhão da fazenda dos Furtados, roncando, carregado com tudo o que era nosso... Saímos. Da estrada fui olhando para trás, atontado... Já não se divisava mais nada... mas eu via melhor ainda... Estava como que flutuando no ar e lá de cima, observando tudo: a aguada com o monjolo parado e triste... O pasto cercado, quieto... como a sentir falta do alazão que eu vendi. A casa sem a fumacinha branca... O paiol, o galinheiro vazio, o terreiro deserto... Mais para cima, o cafezal com ano e meio, o canavial, a restinga de mata virgem, enfim, tudo... tudo meu ali ficava... E sabem na mão de quem? Do único a se oferecer para vir, de vez em quando, "olhar tudo direitinho", para nós: o "grande amigo" Benedito Proença, mais conhecido e melhor identificado como o Dito Pingurra.

— "Fon-fon"!

A buzina trouxe-me de volta à realidade, ao caminhão. E aqui estava eu, bem empoleirado, rumando para uma cidade grande. Não podia mais conter-me... E por pouco não me apanhei chorando. Ao parar o veículo em uma porteira, o pequeno que desceu para abri-la, ao voltar, gritou: "Que cara, papai! Isto não é entêrro, é mudança. Vamos! Nada de carranca!" Pobre filho! Nunca teríamos saído se pudéssemos prever-lhe o futuro. Aqui, uma nova porteira, ali, outra; e assim, aos solavancos e paradas bruscas, fomos, até ganhar a artéria principal. A velocidade mudara bastante, com a estrada boa e pedregulhada. Já tínhamos deixado à retaguarda muitas cidades e vilas. O ar frio da tarde e a curiosidade dos novos cenários, fizeram que eu me sentisse melhor. Mas, ao avistar, lá ao longe, tôda envolta em fumo, a localidade de nosso destino, outra vez me assaltou a angústia da partida. Trocávamos um paraíso de ar respirável, puro, de constante alegria sã, por aquêle purgatório fumarento. Eis a primeira impressão tida, e que ainda perdura em mim.

Os poucos dos que deveríamos permanecer em casa de uns primos, até arranjarmos residência definitiva, foram-se alongando. Estava sendo incômoda e difícil a nossa situação. Brigas de criança, amúos de mulheres e, juntando-se as saudades do sítio querido, vinham tornar tudo, ainda mais negro e enervante. Minha mulher, às escondidas, chorava, julgando não dar a perceber. E nada de residência! As casas do vilas operárias eram inacessíveis. Dava-se o nome em uma lista enorme: "Quando chegar a sua vez..." — era o que se ouvia do encarregado. Havia um modo para se furar a fila. Mas eu não dispunha do elemento principal: bastante braços. As famílias numerosas, de onde se pudesse extrair quatro ou cinco operários para a mesma indústria, fàcilmente eram alojadas.

Hoje nos transferimos para a nova moradia: dois cômodos, e, para cozinha, um puxado coberto de lata e sem paredes. A maldição caiu sôbre nós. Pois essa miserável casa fazia parte de um grupo de doze. Cortiço... sim... cortiço; onde conhecemos e sentimos, de perto, a desgraça em todos os sentidos! Se soubéssemos o que era êsse tipo de habitação, teríamos, não gasto a última economia para nos instalarmos na cidade, e, sim, para voltarmos para o mato sob as bênçãos de Deus...

Mudamo-nos pela manhã. A' tarde, fomos testemunhas do primeiro caso degradante: Duas mulheres se engalfinharam em luta terrível. Como feras, rolavam pelo chão e se rasgavam de unhas e dentes, aos gritos e berros; e os maiores palavrões lhes saíam das bocas a sangrar. A causa: disputavam o mesmo homem. De todos os que ali residiam, a metade estava nas mesmas condições em que eu me achava. Tinham família e passavam dias e noites em procura de casa melhor. Os outros eram vítimas da fatalidade, dos vícios e misérias morais. Na primeira casa da ala esquerda, uma senhora, que à primeira vista julguei honesta, vivia dos rendimentos das noturnais, deixadas por estranhos pares, discretamente embarçados. Mais além, um cego que fazia ponto na entrada do cortiço; morava com êle um neto que lhe servia de lazarinho. Menino de maus costumes, cleptomaníaco, trazia-nos a todos em verdadeiro estado de alerta. Qualquer objeto ao seu alcance... Na última casa do lado direito, morava uma daquelas briguentas. Era amásia de um soldado, sujeito calmo e bonachão. Desdourava o fardamento que vestia, com aquela situação irregular. Ao lado dêsses, e em companhia de outra, vivia a segunda encrenqueira. Trabalhavam para fora, mas, à noite, e às escâncaras, voltavam acompanhadas de tipos, os mais esquisitos, e se recolhiam para verdadeiras orgias. Para completar, tínhamos como vizinhos, de um lado, uma batucada de mulatos pingueiros; e do outro, um casal, cuja mulher trabalhava para manter o marido, um rapaz forte, na farra e vagabundagem. Aí está onde fomos cair... E aguentamos quase um ano!...

"Casa! Casa! Arranjei casa!" "Minha mulher entrou gritando; não cabia em si de contentamento. Tinha, por fim, arranjado uma casa. E para não perdê-la, pagou adiantado. Por três cômodos, sem fôrno e com piso de tijolos, trezentos cruzeiros... Não contando ainda a distância — um arrabalde sem luz e sem água encanada.

★

Agora vivíamos relativamente felizes. Depois de muito tempo de trabalho volante, de rachar lenha, de carpir quintais e jardins, conseguiu, apesar da idade, um serviço em uma fábrica. E iludidos pela esperança de dias melhores, confortados pelo trabalho, passávamos o tempo. Mas, dois golpes, por demais cruéis, vieram modificar tudo. O germe da dissolução morava! trabalhava o espírito de minha querida filha. E a desonra entrou em minha casa... Por mais que tentássemos evitar, ali estavam as conseqüências do cortiço, da vida em con-

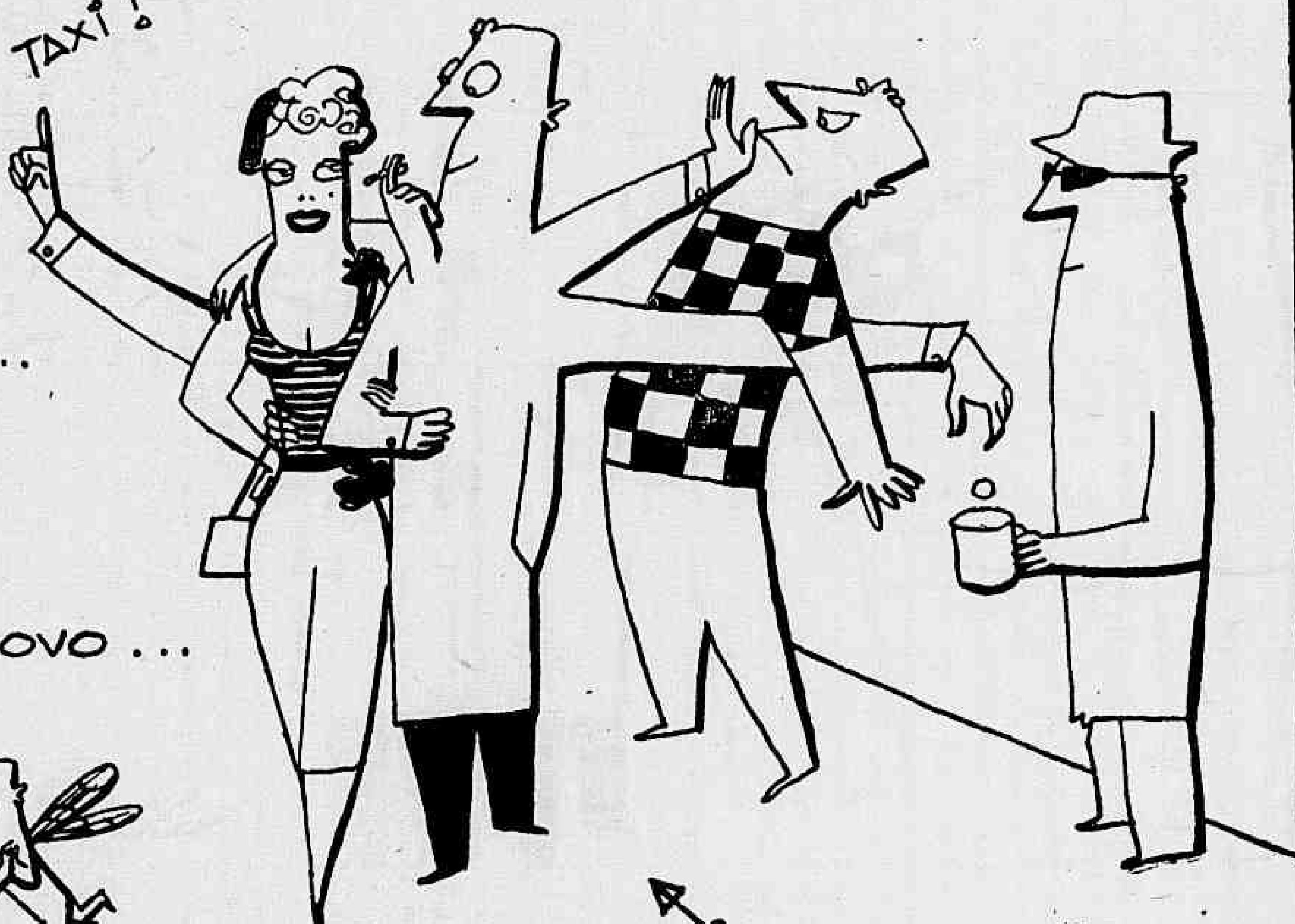
(Cont. na pág. 40)

Nicodemus DESFILA O SEU ROSARIO DOS

quem me dera



AI
QUEM ME DERA
SER A TUA
MEDALHA DE OURO,
QUEM ME DERA
SER A TUA
SANDALIA
ENFEITADA,
QUEM ME DERA
SER O TEU VESTIDO
PRA ANDAR COLADO A TI...
QUEM
ME
DERA
QUE
MULHER
BOTASSE OVO...





... E QUE EU FÔSSE
UM POLVO
SÓ PRA
TEABRAÇAR ...

... E POR TEUS LABIOS DE MEL
JA' QUE INDO TANTAS VEZES A MÔSCA AO POTE
LA' FICA, SE GRUDA PRA SEMPRE,

QUEM ME DERA ENTÃO ... SER MÔSCA !...

DIÁLOGOS SENTIMENTAIS

— Sim, já tive o grande amor da minha vida... Ah! era linda... Muito branca, muito pálida... Vira-a à noite, entre salgueiros, sob um lugar de tragédia...

— E quem era ela?

— Era, não... É... É Ofélia...

— Ofélia?

— Sim, Ofélia, de Shakespeare...

★

— Em que está pensando, meu amigo?

— Em você... Pensando onde foi que vi, antes, os seus olhos de sonho, êsse sorriso meio triste, o jeito que você tem de dizer coisas dolorosas com doçura...

— Lembra-se?

— Lembro-me, foi no "Minuit", de Julien Green...

★

— Aquêle, sim, é perfeitamente feliz, perfeitamente admirável.

— Aquêle?

— O "Pierrot Lunaire", de Schoenberg.

★

— E quando ela te abandonou, que fizeste?

— Eu?

LYSE



Vestido de linho com saia pregueada e corpo comprido, de mangas japonêsas, debruado com fazenda escura.



Modêlo simples em sêda leve, com decote em V arrematado com um laço.

ESTAMPADOS MODERNOS



Vestido juvenil com saia godé e corpo com decote redondo e mangas franzidas, cinto formando um grande laço atrás.

★

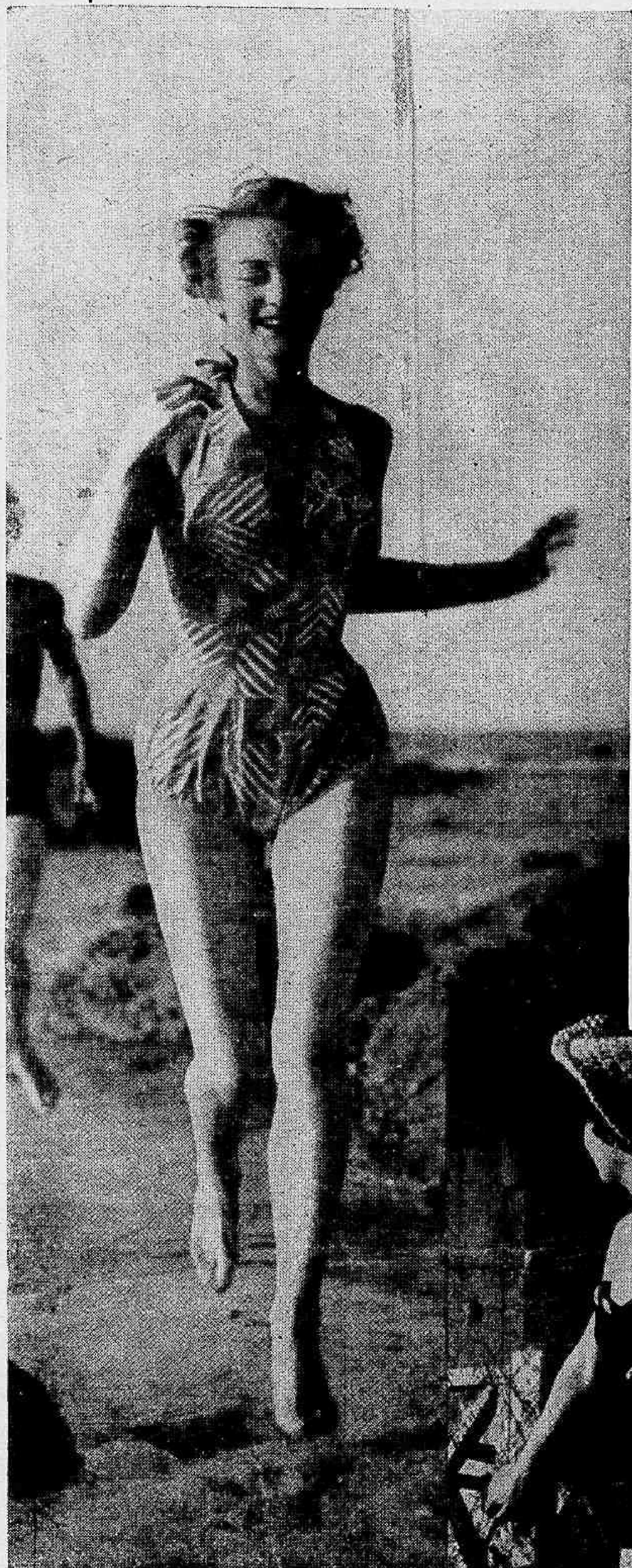
EM todos os tecidos aparecem estampados alegres e modernos, sejam êles leves ou pesados. Estas fazendas são as mais procuradas para a confecção dos trajes para as estações quentes, pois são alegres e traduzem bem as côres vivas das flôres e pássaros de tais estações.

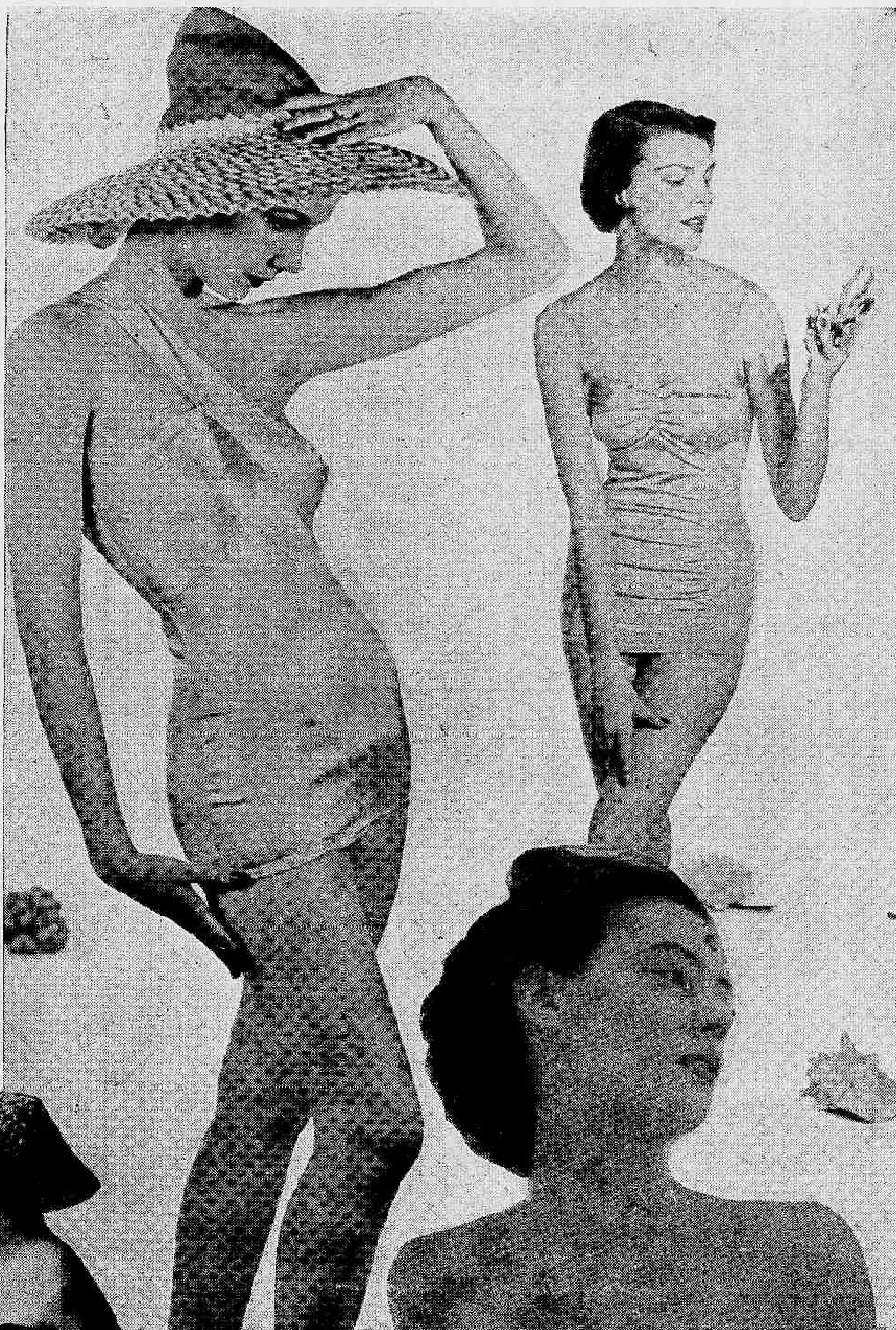
★

A característica dêste vestido está na ausência da gola, substituida por duas pontas em pé. Corpo abotoado na frente até ao meio da saia.



Mailots modernos





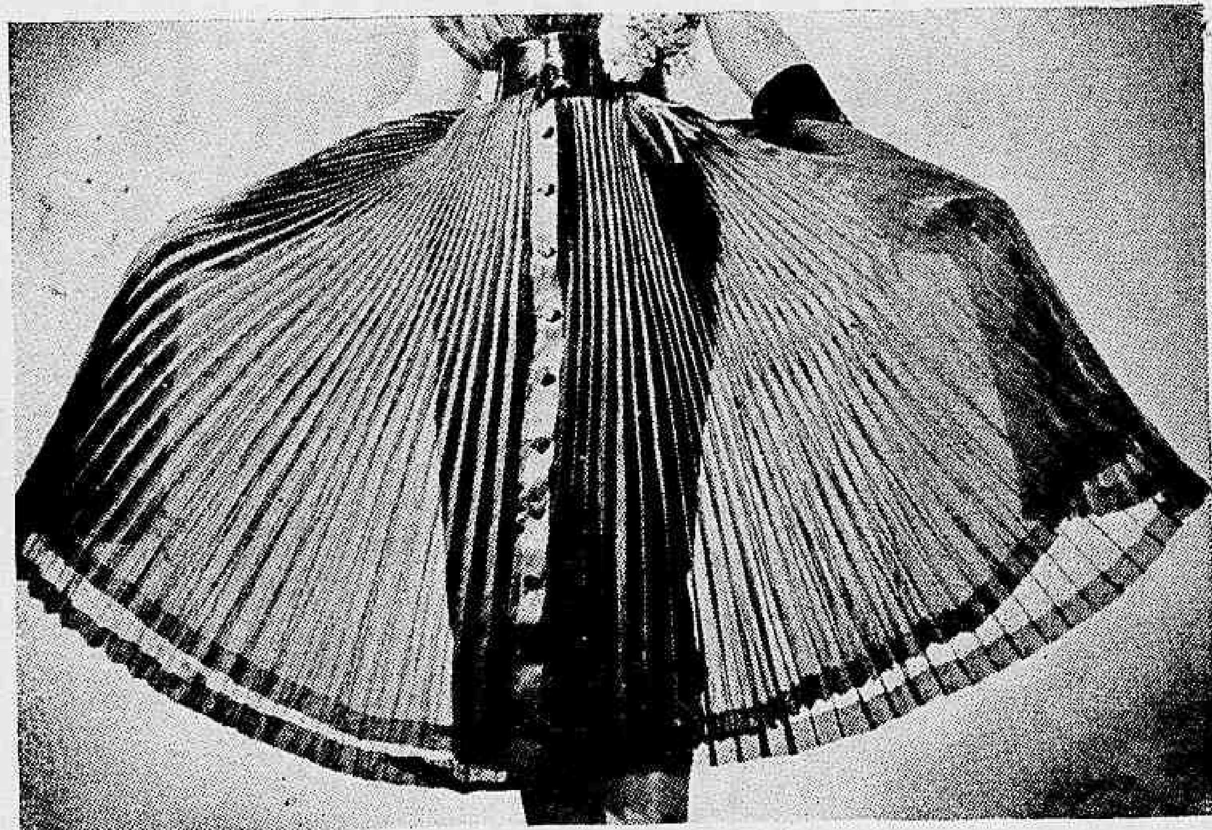




OS figurinistas ditaram para êste verão roupas de banho de uma só peça, sem dúvida mais elegantes. Os tecidos para as confecções dos trajes de banho são os mais variados, predominando o nylon, estampado ou liso. Quase todos os modelos têm as alças removíveis para facilitar o banho de sol, e evitar que se formem marcas que irão aparecer nos decotes dos modelos de verão.

Plissados





Vestido de lamé com saia justa, recoberto por uma saia de organza, aberta na frente e tôda plissada.



Êste modêlo é confeccionado em séda pesada, aberto na frente e tem uma sôbre saia também aberta, em fazenda fina, inteiramente plissada.

OS plissados continuam em grande moda nos vestidos de verão. Usam-se saias inteiramente plissadas, ou com panos soltos, e também vestidos totalmente plissados. O plissé aparece mais em fazendas finas, como gáse, organza, etc. mas há também os modelos plissados, confeccionados em tecidos pesados.

Vestido de duas peças, com saia e a túnica inteiramente plissadas. A túnica é de mangas japonêsas, com decote arredondado e debruada com fazenda lisa.



Os cavaletes e bancos foram construídos especialmente para as crianças. Nêles os artistas infantis trabalham com crayons, tintas, «pasteis» e aquarelas, dentro de sua inspiração.



Professores de arte orientam as crianças, mas cada aluno escolhe o assunto que deseja pintar. Os estúdios foram construídos dentro do critério funcional, bem modernos e amplos.

PEQUENOS GRANDES...

(Cont. da pág. 5)

parecer ao observador. A criança projeta assim uma parte de si própria. Essa realização torna-se um desenvolvimento de sua imaginação criadora, sem o qual nenhum grande trabalho será conseguido nos anos futuros. O observador adulto deve lembrar êsse aspecto e conservá-lo em mente ao examinar os esforços da criança.

Quanto mais complicada a apresentação, quanto mais complexo o delineamento, mais fértil é a imaginação. De crianças assim férteis e imaginativas nascem os grandes industriais, os inventores, os cientistas, os artistas criadores e os escritores do futuro. Por êsse motivo, a arte infantil deve ser estimulada.

Escrevendo sôbre a exposição, em março de 1950, Hester Jones, curador do Museu de Santa Fé disse:

"Foi uma das mais estimulantes de tôdas as exposições da galeria. Encorajou as escolas a planejar maior número de trabalhos de arte, com padrões mais elevados, e estimulou número extraordinàriamente grande de pais a visitar a galeria."

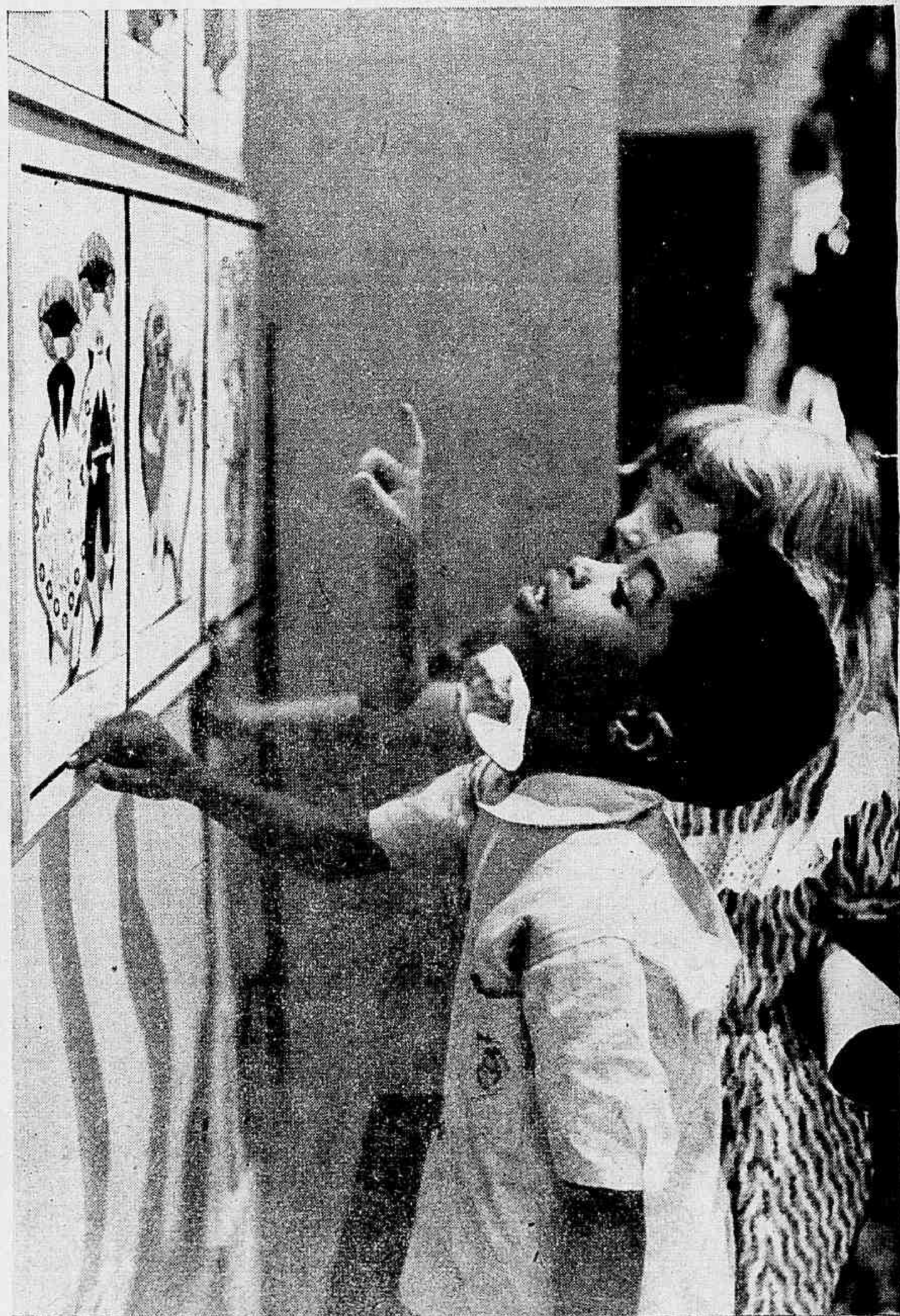
Um dos menos evidentes, embora mais importantes resultados do encorajamento da expressão e participação artística da criança é o desenvolvimento de uma geração futura possuidora de consciência artística, com compreensão da importância da arte para a vida.

Ao planejar as exposições, tanto locais como estaduais, o "Lion Clube" dividiu os escolares em quatro grupos de idade: o primário, que inclui os três primeiros anos; o intermediário, com os três anos seguintes; e o secundário, "júnior" ou "sênior", incluindo os últimos seis anos.

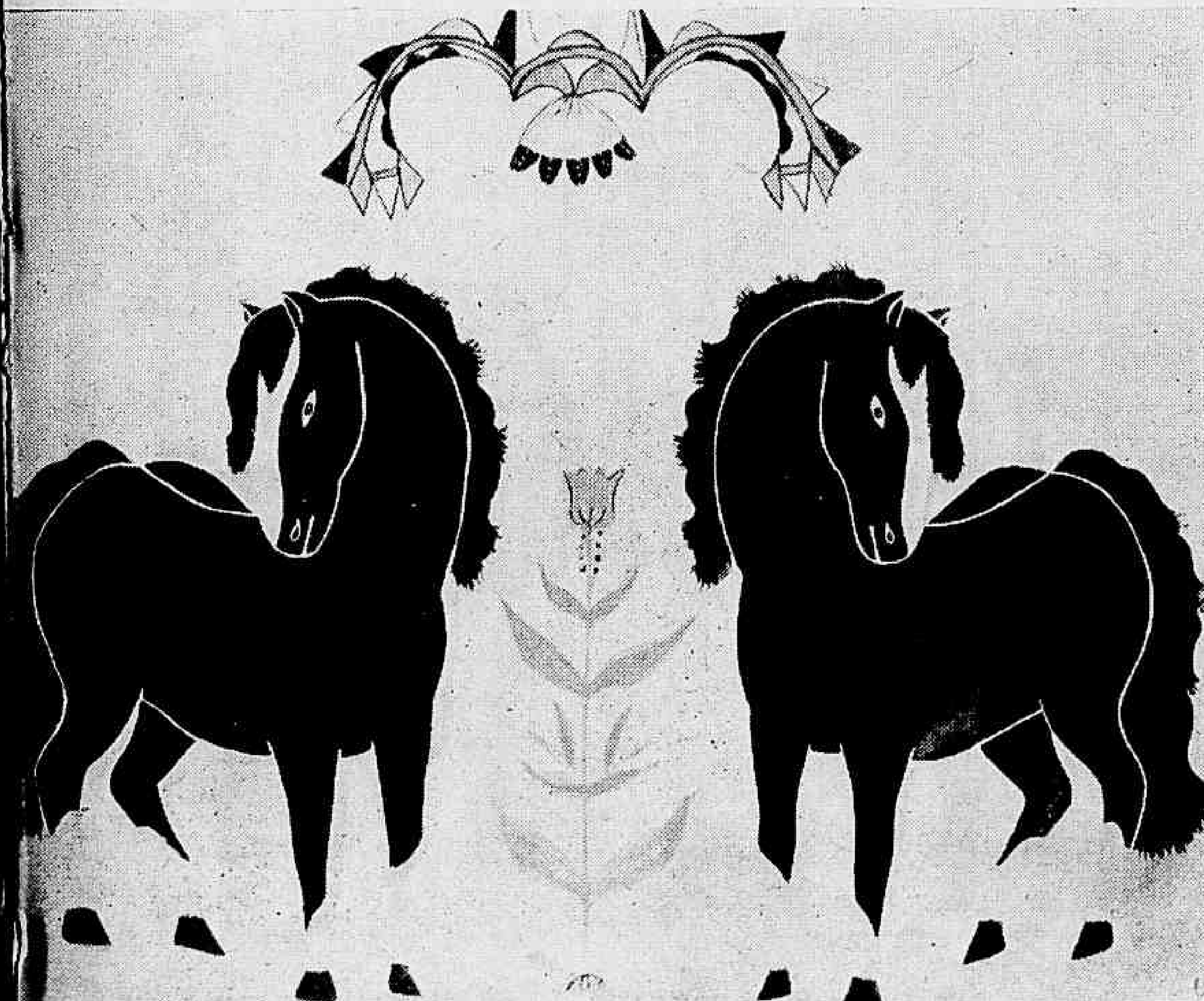
Em cada uma dessas divisões são conferidos um primeiro, um segundo e um terceiro prêmios, além de um prêmio ao mérito. Atribui-se

(Cont. na pág. 45)

Pequenos visitantes examinam os trajes típicos de outros países, inspirando-se para seus trabalhos. Sentem as crianças atração pela mostra de objetos de terras distantes.



Esta pintura de um pequeno artista de Tesuque, Estado do Novo México, é um belo exemplo dos trabalhos exibidos na mostra realizada anualmente em Santa Fé, nos EE. UU.



ALMANAQUE EU SEI TUDO

PARA 1951

Contendo entre mil e uma atrações:

A HISTÓRIA COMPLETA DO "TEMPO E A CIÊNCIA DA SUA MEDIDA". — PREVISÕES SÔBRE O FUTURO DO NOSSO PLANÊTA.

ANO:

Aeronáutico — Científico — Artístico — Esportivo — Católico — Protestante — Israelita — Muçulmano. CALENDÁRIOS — Católico — Protestante — Muçulmano — Israelita — Perpétuo das festas móveis.

E mais: — 1 comédia — 1 romance completo — Os mortos do ano — Os campeões do ano — Contos — Charadas — Adivinhações — Provérbios — Lendas — Histórias infantís e deslumbrantes páginas coloridas.

★

E, ATENÇÃO! — Além da organização católica no Brasil, o histórico completo e a organização atual das Igrejas Evangélicas na nossa terra, inclusive "Lições Dominicais" e "Evangelhos".

★

À VENDA EM TODOS OS PONTOS DE JORNAIS DO BRASIL
PREÇO: — Cr$ 20,00

★

ATENDE-SE PELO REEMBOLSO POSTAL OU MEDIANTE VALE DO CORREIO.

COMPANHIA EDITORA AMERICANA

RUA VISCONDE DE MARANGUAPE, 15 — RIO.

WEEK-END

MAL ASSADO NO FORNO

Core os bifes mais grossos que finos, raspe, não lave. Enxuguе-os bem, passe pelo sal, faça furos pequenos, onde são enfiados pequeninos pedaços de bacon. Unte os bifes com gordura e leve ao forno bem quente num tabuleiro untado com pouca gordura.

Depois de alguns instantes, vire os bifes, se fôr necessário, regue com um pouco de gordura, deixe mais algum tempo, e sirva com suco de limão, sal, cebola e salsa batidinha. Êsses temperos devem ser macerados.

ALCACHOFRAS RECHEADAS

Tome 6 alcachofras graúdas, corte-as ao meio e os cabinhos. Deixe dentro d'água algum tempo para tirar o amargo. Faça o seguinte recheio: os cabinhos das alcachofras, descascados e cortados em rodelinhas, pão ralado, queijo parmezão, cheiro verde picado com pimenta do reino, um galho de mangericão também picado, um alho esmagado, sal. Refogue tudo isso em azeite. Coloque êste recheio entre as fôlhas da alcachofra. Arrume-as numa panela, regue com bastante azeite de oliva, deixe ficar no fogo, tendo cuidado para não queimar. Quando as alcachofras estiverem fritas, junte água até um dedo de altura, não cubra, porque senão salta o recheio.

DOCE DE SANGUE

Misture 1 litro de sangue de porco, 2 pães de 40 centavos ralados, ½ kg de açúcar, 200 gr de chocolate em pó, passas, na proporção que quiser, 1 limão ralado, meio pacotinho de canela em pó, 1 pitada de sal, 1 colherinha de noz-moscada ralada, pinhões cozidos partidos em rodelas, à vontade, banha fresca de porco derretida na hora, um pedacinho pequeno. Depois de bem misturada levar ao forno brando em fôrma untada com manteiga, durante 15 ou 20 minutos.

CEBOLA RECHEADA

Limpar as cebolas, cortar as extremidades e fazer com a faca 2 cortes cruzados. Cozinhá-los com água e sal. Tirar o conteúdo, deixando só as duas ou três capas maiores. Rechear com carne passada na máquina refogada. Servir com môlho de refogado.

SOPA "PREGUIÇA DE MULHER"

Mistura-se numa tijela um ou dois ovos com um pouco de leite, farinha de trigo, uma colher de manteiga, duas de queijo ralado e se faz um mingau bem desmanchado, despeja-se no caldo da sopa, deixando ficar meio talhado. Não se deixa ficar creme, propositadamente. Mexe-se um pouco e serve-se antes que as bolas que se formaram se desmanchem.

GELÉIA DE MOCOTÓ

Cozinham-se 4 pés de vaca muito bem, até ficar desmanchados. Côa-se e deixa-se descansar até o dia seguinte. Tira-se-lhes com muito cuidado o azeite, se ainda sobrar algum, tira-se com uma fôlha de papel pardo. Juntam-se 24 gemas, 1 cálice de vinho do Pôrto, 3 garrafas de leite. Vai ao fogo para dar o ponto.

NUVENS

6 claras, 8 xícaras de leite, 4 gemas, açúcar à vontade. Bate-se muito bem as claras sem açúcar. Depois de batidas, cozinham-se, deitando bocados com a colher dentro do leite fervendo. Vai-se arrumando numa cremeira, até terminarem as claras. Faz-se uma gemada com as gemas, o leite e uma colher de açúcar. Depois de pronta, despeja-se na cremeira, onde já se acham as nuvens cozidas. E' um doce ligeiro, bom e econômico.

PUXA—PUXA

Com 24 rapaduras escolhidas, que não sejam muito sêcas, faz-se uma calda com um litro de água. Põe-se uma colher de leite para limpar, espuma-se e côa-se. Vai novamente a ferver com bastante fogo, numa vasilha grande, para não derramar. Dá-se o ponto de bala, mais dura do que para redinar, experimentando na água fria. Tira-se do fogo e derrama-se numa vasilha untada com manteiga. Ainda quente, tira-se para sovar Corta-se e enrola-se em papel encerado. Para fazer com côco, dá-se ponto mais alto.

LICOR DE BERGAMOTA

Casca de bergamota à vontade, 1 litro de caninha ou álcool de 40 graus, 1 kg de açúcar.

Com uma faca bem afiada, tora-se a parte branda da casca da bergamota, que se deixa em fusão de 4 a 8 dias. Faz-se uma calda em ponto ralo com o açúcar. Côa-se e filtra-se.

TORTINHAS DE MANTEIGA

30 gr de manteiga, 1 colher de sopa de rum, 100 gr de açúcar, 100 gramas de farinha de trigo, 2 ovos, 1 pitada de sal e 1 colherinha de fermento em pó.

Com a manteiga, o açúcar e os ovos bate-se um creme espumoso e junta-se o rum, o sal, a farinha e o fermento. Untam-se e polvilham-se as forminhas com farinha de pão e põe-se a massa até 3/4 de altura. Assa-se em forno quente por espaço de 15 a 20 minutos. Depois de frias, polvilha-se as tortinhas com açúcar e cobre-se com Chantilly ou com creme de manteiga.

GROPPEN

250 gr de açúcar, 3 ovos, canela, 180 gr de farinha de trigo. Batem-se as gemas com o açúcar e juntam-se os outros ingredientes, formando-se uma massa. Faz-se pãezinhos do tamanho de 6 a 7 cm, põe-se em assadeira untada, pincela-se com ovos batidos, leva-se a assar em forno quente e corta-se em fatias enquanto quentes.

MELÃO RECHEADO

1 melão maduro, 1 banana grande, 1 xícara de morangos ou amoras vermelhas, 3 a 4 abricós.

Corta-se uma tampinha do melão e retira-se de dentro os fios e as sementes.

Com uma colher, tira-se de dentro um pouco da polpa do melão, corta-se em pedacinhos e mistura-se com açúcar. Enche-se então com os morangos açúcarados, bananas em fatias e abricós picados (de compota).

Coloca-se as frutas em camadas, misturadas com a polpa do melão. Tapa-se, então, com a parte que se cortou do melão e deixa-se 1 hora em geladeira.

NA COZINHA

CREME DE CAFÉ

½ litro de leite, 5 gemas, 100 gr de açúcar, 1/2 xícara de creme Chantilly. Bate-se as gemas com o açúcar até obter-se um creme espumoso e junta-se ao leite quente e ao café, desmanchando-se bem. Põe-se no fogo e mexe-se até pouco antes de ferver, passa-se pelo passador e bate-se até esfriar. Ao servir mistura-se bem o creme Chantilly, a baunilha e um pouco de licor.

MIOLOS À MILANESA

Tome 3 miolos, lave em diversas águas, tire tôdas as peles sangrentas e deixe de môlho para clarear.

Ferva água e sal, cheiro, jogue dentro os miolos e retire-os, logo que ficarem firmes. Corte em fatias de 1/2 cm de grossura, passe em ovos batidos, depois em pó de pão torrado bem claro. Calque com a palma da mão, endireite com a faca, frite em banha quente. Escorra e deite a secar sôbre papel pardo. Arrume os miolos no centro de um prato e as batatinhas ao redor.

CREME ARGENTÉE

Faça 2 ½ litros de caldo claro de carne ou de galinha e incorpore 100 gr de sagu, pôsto de môlho durante umas duas horas. Depois de cozido, ligue com 2 ou 3 gemas, desmanchadas em 1 xícara de leite e ½ colher de manteiga. Não deixe ficar demasiado espêsso para que se distinga do creme as pérolas prateadas de sagu.

SANDUICHES EM CORAÇÕES

Tome fatias de pão de fôrma e com o cortador próprio recorte em pequenos corações. Passe por cima da metade uma camada de maionese com pedacinhos de claras e de camarões cozidos cobertos com alface. Cubra com a outra metade, deite um pouquinho de manteiga no centro e aplique 2 folhinhas de agrião e um montinho de gemas esfareladas, a fim de imitar mimosas.

PRESUNTINHOS DE AMÊNDOAS

Com 450 gr de açúcar, faça uma calda em ponto de pasta, junte 400 gramas de amêndoas moídas e leve ao fogo, sempre mexendo, até largar o fundo do tacho. Tire a metade para um prato, junte à outra 2 paus de chocolate ralado e leve ao fogo por alguns momentos e despeje noutro prato. No dia seguinte, faça pequenos presuntos, a parte de cima com pasta de chocolate e a debaixo com a simples, para imitar a gordura. Arrume num tabuleiro e leve à estufa ou à bôca do forno por uns instantes. Depois, deixe esfriar e enfie, à guisa de cabos, pedaços de palitos guarnecidos de papel picado, como se enfeita o presunto. Também se pode fazer tôda a pasta sem chocolate e, depois de prontos, mergulhar em glacê de chocolate só a parte de cima. Assim é mais perfeita a imitação.

MARGARIDINHAS DE MARZIPAN

Marzipan é uma pasta de amêndoas, com a qual os alemães fabricam doces lindos, imitando animais, flores e objetos. Também serve para enfeitar tortas. Pele ½ quilo de amêndoas e lave bem em água fria para ficarem claras. Depois de bem sêcas, passe na máquina duas vêzes, junte 400 gr de açúcar socado e peneirado perfume com água de flor ou essências, e leve a fogo fraco, mexendo sempre, até despegar do fundo da panela. Calque a pasta com uma colher molhada, e, se não pegar, está no ponto. Despeje numa tijela, cubra com um pano úmido e guarde para o dia seguinte. Tome a pasta, deite sôbre um mármore polvilhado de açúcar, achate, polvilhe por cima também, estenda com o rôlo até 1 cm de espessura. Com um cortador pequenino de 5 pétalas, corte as margaridas, ou modele com os dedos. Tinja um pouco de pasta de amarelo e com ela imite os centros das flores. Arrume em tabuleiro forrado de papel impermeável e leve a secar na bôca do forno. Se as amêndoas não ficarem bem moídas soque no pilão.

BROINHAS DE AVEIA

Duas xícaras de farinha de trigo, 2 xícaras de aveia, 125 gr de manteiga, 1 xícara de açúcar, 2 colheres-de-café de baunilha ou casca ralada de limão, 2 colheres-de-café de fermento em pó, 6 a 9 colheres de sopa de leite.

Amolece-se a aveia no leite durante 1 hora; bate-se a manteiga, bem espumosa, adiciona-se o mingau de aveia juntamente com os outros ingredientes e mistura-se aveia juntamente com os outros ingredientes e mistura-se tudo muito bem. Fazem-se montículos desta massa, põem-se em assadeira untada e assam-se em forno moderado.

BISCOITOS DE COLÔNIA

Batem-se 6 claras em neve e misturam-se 130 gr de açúcar, um pouco de açúcar de baunilha, 35 gr de maizena, e 35 de farinha. Põe-se esta massa em um cartucho de papel, fazem-se montículos sôbre papel untado, polvilham-se com açúcar e assam-se devagar.

CAPUZINHOS DOURADOS

Seis colheres de sopa de farinha de trigo, ½ litro de vinho branco, 100 gr de açúcar, 5 claras, uma pitada de sal. Mistura-se e bate-se bem o açúcar, a farinha, o sal, e o vinho branco, juntando-se por último as claras batidas em neve. Põe-se a massa em funil e deixa-se escorrer em gordura quente. Deve-se tomar uma caçarola bem pequena porque êstes capuzinhos devem ter o tamanho de um pires pequeno mais ou menos. Assim que estiverem fritos, escorrem-se e deitam-se sôbre um rôlo de madeira para ficar curvos. Polvilha-se depois com açúcar.

CARNE SEPULTADA

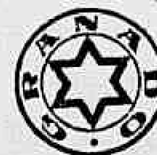
Escolhe-se um bom pedaço de carne, como para churrasco, tempera-se bem. Faz-se um buraco no chão, de pouca profundidade, nêle se introduz a carne, dentro de uma assadeira tapada. Cobre-se a vasilha com terra e sôbre esta faz-se fogo. Depois de duas horas, experimenta-se se a carne já está satisfatòriamente assada. Em caso contrário, torna-se a tapar a panela, cobrir de terra e por sôbre esta as brasas ardentes. Êste sistema é muito usado para o assado com couro, deixando-se, naturalmente, a parte do couro para cima.



MUITÍSSIMO
MELHOR

é a proteção da pele do bebê com um produto medicinal, cientìficamente preparado, a um simples talco boratado!
Proteja o seu bebê contra os incômodos do calor (brotoejas, assaduras) com o inimitável...

Polvilho Antisséptico



GRANADO

UM PRODUTO CREDENCIADO PELO SÍMBOLO DE CONFIANÇA



"As crianças são as vítimas"...

... porque apanham piolhos de seus próprios companheiros.



Nêste caso, friccione logo NEOCID em pó e os piolhos morrerão em pouco tempo... Aplique o pó, que não irrita a pele e é absolutamente inofensivo.

Contra qualquer espécie de piolhos – use a latinha de NEOCID em pó

NEOCID

QUER SER ESCRITOR

Inscreva-se no CURSO DE LITERATURA ESTILÍSTICA E PORTUGUÊS por correspondência, sob a direção de RENATO DE ALENCAR. Cartas para Av. Rio Branco, 117 — Sala 305, para remessa do programa e bases do Curso.



A BELEZA DOS SEIOS

BÉL-HORMON

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.

BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil: Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro



Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de "BÉL-HORMON" nº

NOME ....

RUA .... Nº ...

CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

A SAÚDE DO BEBÊ

VESTES DO RECÉM-NASCIDO

DR. SABOIA RIBEIRO

COSTUMES muito arraigados fazem ainda com que, na adoção das roupinhas da criança que vem de nascer, lancem mão de métodos impróprios, no intuito de protegê-la, acontecendo, então, que, visando proteção contra o frio, aquecem-na em demasia, trazendo os processos de maceração da pele, além de outros inconvenientes.

E' bem certo que o recém-nascido perde muito calor em virtude mesmo da extensa superfície da pele que lhe cobre o corpo, e, por outro lado, seus centros reguladores da temperatura são ainda imperfeitamente desenvolvidos, de modo que há uma certa necessidade de resguardá-la do excesso do frio-ambiente quando baixa a temperatura.

As fazendas más condutoras do calor devem ser as preferidas nas épocas de frio, ou sempre que, eventualmente, baixa a temperatura de brusco nos dias quentes; as flanelas, os agasalhos de lã.

Evidentemente, porém, as vestes frescas, os envoltórios de algodão (melhor que o linho) devem ser os usados pela estação calmosa ou sempre que o dia se mantenha cálido e abafado.

Na verdade, a roupinha da criança deve variar muita vez com o correr das horas, pois muito comum é que, começando o dia friorento e carregado de vapores úmidos, se vá aquecendo com o correr das horas, de modo que os agasalhos impostos pelas horas da manhã, já não se justificam pelas da tarde, quentes e sem ventilação.

Há, portanto, a necessidade de adaptar a *fazenda* da criancinha às próprias temperaturas que se vão desenrolando no curso do dia, o que vale dizer que o enxoval do bebê tanto deverá comportar as vestes de flanela ou lã como as confeccionadas com cambraia ou semelhante.

A propósito do aquecimento regrado da criança é preciso acentuar também que a escolha do aposento dela deve consultar os mesmos cuidados, de modo que não fique ela em local de alta temperatura (quartos pouco arejados, ou sem janela), ou muito expostas às correntes do ar frio, devendo-se proceder às mudanças de local, às vêzes, como para as roupas, de acôrdo com as circunstâncias ambienciais.

Seja, porém, qual fôr o pano, uma coisa há que ser observada no arranjo das roupinhas da criança.

Estas devem ser confeccionadas de maneira sempre a evitar tôda a construção ao corpinho da criança.

Era do ritual antigo, e muitas ainda o praticam mesmo hoje, o sistema de enfaixarem a criança com muitas e muitas voltas de pano, de modo a transformá-las numa espécie de cartucho, imóveis de todo!

Nada mais errado. A criança gosta do movimento e o mexer espontâneamente com os membros, não raro em ritmo acelerado, constitui para ela um exercício como outro qualquer que não deve ser tolhido com os tais apertos que a reduzem à impotência!

Nessas condições, sucedem muita vez urinar sem que dêm conta do sucedido. Ou suam demais. Numa ou noutra hipótese a prejudicada é a criancinha. A fralda enxarcada de urina macera a epiderme, produz erosões e infecções da pele, já na região anal, já na região genital, que podem trazer outras complicações.

Uma peça que já teve grande voga no passado, e que hoje não entra mais no vestuário do bebê, são os barretes ou gorros de lã ou de meia.

Com êles, procuravam-se corrigir certos defeitos da ossatura da cabeça da criancinha, deformada pelo trabalho do parto ou de outras práticas no curso dêste.

Entretanto, nenhuma influência exerce o seu uso sôbre tais deformidades.

De fato, sem necessidade de compressões, a cabeça do bebê eventualmente deformada no ato parturitivo, adquire em pouco tempo a sua forma arredondada e simétrica.

Ao contrário de seus benefícios, o gorro de meia é prejudicial, impedindo a evaporação do suor, que empasta no couro cabeludo, formando uma como pasta de matéria sebácea, verdadeira crôsta que adere à cabecinha do bebê.

Para proteger esta, nos momentos de passeio, bastará uma touca, sendo defeso em casa qualquer outra peça para resguardo da cabecinha da criança.

No seu interessante livro de Puericultura, o prof. Gesteira assim descrimina o Enxoval do recém-nascido:

36 fraldas, simples quadrados de pano, com 0,80 x 0,80.
6 cinteiros para umbigo, de preferência de crepe Valpeau.
6 camisinhas de cambraia ou nanzouk, com mangas largas, abertas atrás.
3 casaquinhos de lã para o frio.
3 corpinhos de algodão de boa qualidade.
12 quadrados de tecido esponja, com 0,40 x 0,40 para o fundo das fraldas.
3 cueiros de flanela para o frio.
6 vestidinhos leves, de preferência brancos.
6 babadores.
12 sapatinhos de lã.
2 toucas para sair.

CORRESPONDÊNCIA DAS MÃES

E. F. (Nesta) — Mesmo tendo muito leite, deve, entrado o sétimo mês, iniciar as sopinhas de legumes. No oitavo, duas sopinhas. Intervalo entre as refeições, 3 1/2 — 3 1/2 horas.

Sòmente se o bebê estiver a sofrer de qualquer distúrbio ou se o desmame coincidir com época de grandes calores, deverá retardar um pouco mais o início do regime misto.

T. R. (Nesta — Pode usar compressas: uma parte de água e duas de álcool, sôbre as mamilas, duas vêzes ao dia, renovando durante algum tempo as compressas em cada seção. Com o emprêgo dêsse recurso nos últimos meses da gravidez, terá evitado as desagradáveis rachaduras dos seios.

D. L. (Colatina) — Não é fácil dizer, assim de longe, por que o seu filhinho sua tanto. Dê-lhe vitamina D (1 colherinha diàriamente), com fósforo, como na fórmula a seguir: Fosfato tribásico de cálcio, 10 gramas. óleo de fígado de bacalhau, 10 gramas.

Nota: — Qualquer correspondência sôbre a saúde de seu bebê, dirigir para REVISTA DA SEMANA, R. Visc. de Maranguape, 15, Rio, seção A Saúde do Bebê.

DA PARAIBA AO RIO...

(Cont. da pág. 29)

A Usina Hidrelétrica de Paulo Afonso é outra obra que precisa ser acelerada, pois, conforme acentuou, em declarações feita à imprensa, o sr. Alves de Souza, presidente da Companhia Hidrelétrica do São Francisco, cinco Estados serão beneficiados: — Bahia, Sergipe, Alagoas, Pernambuco e Paraiba, quando estiverem concluídas as obras já em andamento para o Sul, até Salvador, na Bahia, passando por Aracaju e outra para o norte, até Recife, passando por Maceió, João Pessoa e Campina Grande.

— "A capacidade da Cachoeira de Paulo Afonso, que é atualmente de 540.000 kw, poderá ser futuramente elevada para novecentos mil, com um sistema de barragem do Rio São Francisco. As possibilidades econômicas da região são imensas. E' grande e tende a aumentar cada vez mais a produção de matérias-primas que, com a energia elétrica abundante e barata, poderão ser ali mesmo industrializadas. Assim, poderá aquela região tornar-se próspera, beneficiando cêrca de 12 milhões de brasileiros que ali vivem."

Levar avante, portanto, a grande emprêsa é industrializar o Brasil e evitar a emigração nordestina para os grandes centros.

EU VOLTEI, . . .

(Cont. da pág. 32)

taminação, em promiscuidade, no lôdo... E não havia remédio. O canalha era casado. E para escapar à justiça e ao escândalo, tentou subornar-nos com dinheiro. Era rico, poderia comprar a dignidade alheia julgara êle...

Eu já não mais ficaria na cidade. Voltaria para o sítio. Mesmo que fôsse para voltar só. Mas, uma desgraça nunca vem sòzinha. Fui chamado com urgência a um hospital. Meu filho, o mais velho dos que estavam comigo, fôra acidentado. Não pude acreditar no que vi. Aquêle filho querido, tão alegre e trabalhador; o mesmo que a sorrir, certa vez, lá na estrada, tentou animar-me seria para sempre um quase inútil, um aleijado... Perdera um braço!... Fui obrigado a mudar todo o meu plano. O rapaz se negou a voltar:

— "Que irei eu fazer lá no sítio? Como trabalhar? Serei um estôrvo!..."

E deu-se à bebida.

Por mais autoridade que eu tivesse, não podia ser enérgico demais. Sabia eu da confusão mental que o aleijão lançara naquela cabeça forte e resoluta. E a ingestão de grandes doses de álcool por alguém não viciado, aos poucos, tinha de refletir violentamente. Sobrevieram ataques nervosos. Mas um dia... o bom senso venceu a batalha:

— "Papai, eu deixei de beber. Já estou trabalhando em uma casa de rádios. Faço entregas, e, nas horas de folga, também trabalho no laboratório. Até soldas tenho feito!"

Que momento! Quanta alegria! Novas esperanças brotaram em mim... Aquêle filho jamais seria um inútil como a princípio julguei.

Por alguns conhecidos, soubemos da morte de Dito Pingurra. Morrera pouco tempo depois da nossa partida. Foi por Deus: não ficaria do que era meu, uma cêrca ou parede em pé. Iria tudo para o fogo. E a viúva, corajosa e forte, conseguiu pôr os filhos em bom caminho. Eram meeiros em uma fazenda de café e estavam amealhando economias para adquirir um pedaço de terra.

Os preparativos para o retôrno recomeçaram e estavam no fim. E quem mais se mostrava animado era o consertador de rádios. Fazendo proezas com a mão que lhe sobrara, comprou um gerador de fôrça bastante estragado, e consertou-o.

— "Teremos luz elétrica lá na roça, papai. E, também, rádio; logo que as coisas melhorem, montarei um. E a minha pequena aposentadoria vai ser "mão na roda", não acha?

A filha infelicitada voltaria conosco. Pude, por fim, compreender e perdoar-lhe. Fui rude para com ela. Todo o tempo que estêve internada em um abrigo, — por ordem do sr. Juiz, pois era menor, — não fui vê-la. Agora estava em casa e com um bacuri a rolar pelo chão, ensaiando os primeiros passinhos.

....

Hoje recebi a primeira carta do meu velho amigo Damião. Conta-me êle coisas mara

(Cont. da pág. 44)

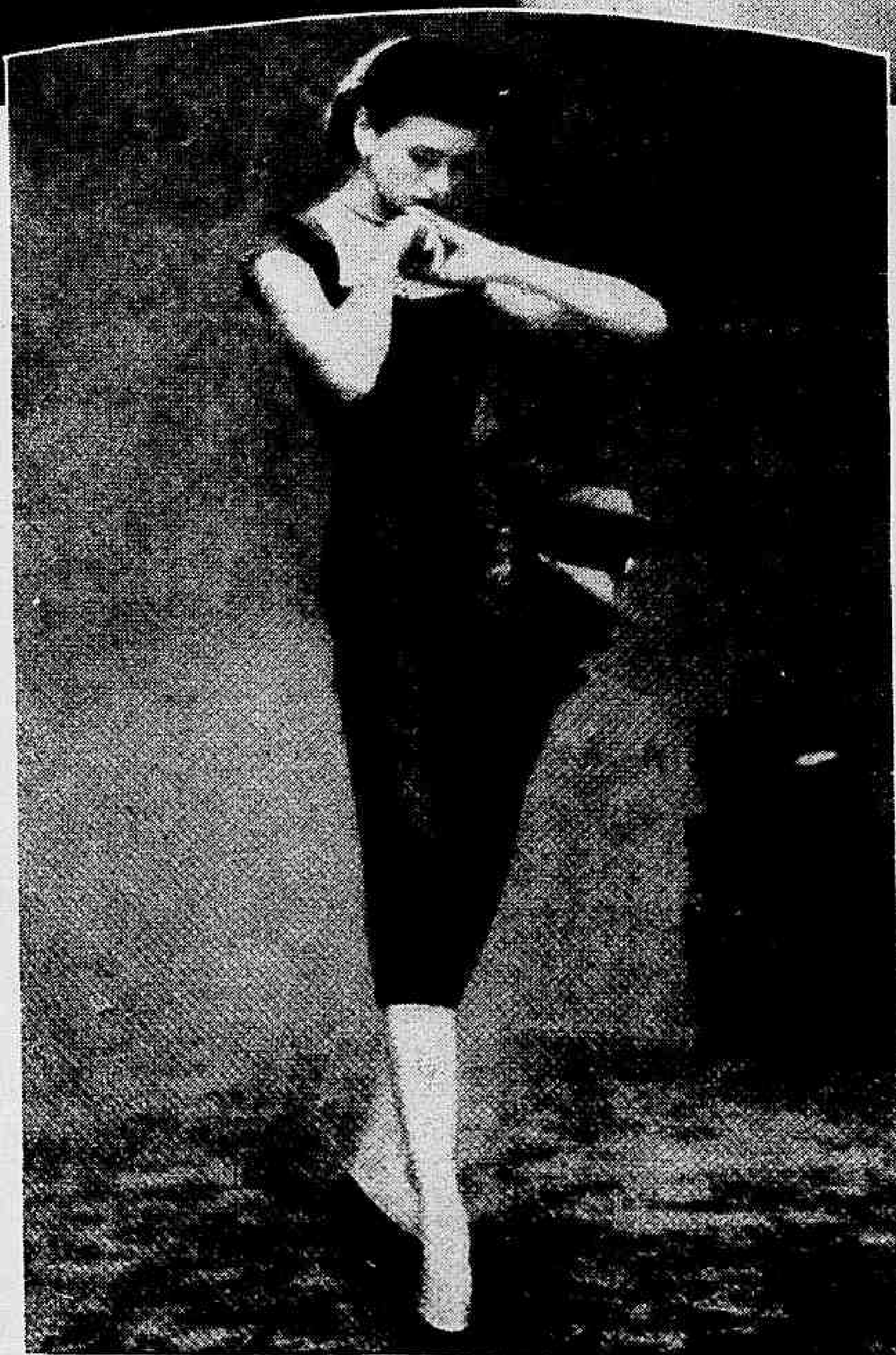
Em tafetá





Vestido de alças com saia bem justa e grande laço na parte de trás da saia. O corpo tem uma parte interior em lamé.

Modêlo exótico sem alças. Saia bem justa e corpo enfeitado com rendas. Uma sôbre saia formada por dois panos soltos, indo até aos pés, forma no corpo duas grandes abas.





Vestido sem alças com o corpo e a saia franzidos. O modêlo pode ser usado com uma estola com grandes bolsos ou com o bolero fechado, de mangas japonêsas

Amplo decote quadrado e saia justa franzida nas cadeiras com uma aba godé franzida são as características do vestido em tafetá prêto.



Modêlo em linho escuro com saia justa e corpo de mangas japonêsas. A saia e parte do corpo são bordados com linha branca. O mesmo bordado aparece também nas luvas.



Vestido para tarde em linho com aplicações de côres diversas na parte da frente da saia.



Vestido para noite, sem alças, em faile. O corpo e a saia são inteiramente bordados a fio de ouro, formando originais desenhos.



A MODA E OS BORDADOS

Blusa simples, em sêda branca, cujo único ornamento consiste num bordado aberto, em uma só côr, na parte da frente.





FANTASIAS de CARNAVAL



PALHAÇO



DOMINO'



ANJINHO!



JOÃO PAULINO



CORREIO DO CZAR



TARZAN



CHINA NA PONTA DO PE'



CAPETA

ACABA DE SAIR

ANUÁRIO DE PUBLICIDADE DE 1950

AS MELHORES CAMPANHAS DE PUBLICIDADE FEITAS NO BRASIL
Resultados das mesas redondas promovidas entre técnicos de publicidade em S. Paulo e no Rio de Janeiro, para escolha dos anúncios mais bem feitos do ano. As campanhas de publicidade vistas e discutidas sob os pontos de vista de: **a**) concepção, **b**) redação, **c**) "lay-out", **d**) arte-final e **e**) produção tipográfica.

COMO OBTER SUCESSO COM O USO DE BRINDES
As 16 ofertas básicas de brindes e quando devem ser feitas — Análise de 400 oferecimentos de prêmios e brindes feitos nos Estados Unidos. Processos inéditos de propaganda com brindes, utilizáveis no Brasil. O brinde como meio de promoção de venda e manutenção de freguesia.

COMO OS ANUNCIANTES BRASILEIROS DISTRIBUEM SUAS VERBAS DE PUBLICIDADE
2.000 questionários enviados aos grandes anunciantes de todo o Brasil mostram os setores da publicidade onde as verbas aumentaram ou diminuíram, qual o meio de publicidade (jornais, rádio, revistas, cartazes, propaganda direta) que produz melhores resultados; quanto por cento o anunciante brasileiro dedica de suas verbas aos vários veículos de publicidade. Diferenças entre o anunciante "local" e o anunciante "nacional".

O MERCADO BRASILEIRO ATRAVÉS DAS ESTATÍSTICAS OFICIAIS
As principais praças do país segundo o poder aquisitivo das populações. 300 bilhões de cruzeiros são gastos anualmente no Brasil em mercadorias e serviços. Canais de distribuição e número de estabelecimentos comerciais existentes em cada Estado. Os estabelecimentos comerciais segundo o ramo de negócios. Cidades onde se localizam famílias mais ricas. Os milionários no Rio de Janeiro e em São Paulo.

A POPULAÇÃO ALFABETIZADA DO BRASIL
As quotas de alfabetização nos diversos Estados brasileiros. Poder aquisitivo, meios de publicidade e índice de alfabetização.

O VOLUME DE PUBLICIDADE NO BRASIL
Quanto se gasta anualmente em publicidade? A Imprensa, o Rádio e a propaganda direta. Aumento de quase 100% no volume de publicidade nos três últimos anos. O volume de publicidade no Rio de Janeiro e em S. Paulo. Relação dos jornais, emissoras e revistas que possuem maior volume, com cifras exatas de faturamento.

O VOLUME DE PUBLICIDADE NOS ESTADOS UNIDOS
Quanto gastaram os americanos em jornais, revistas, rádio, propaganda direta, cartazes e televisão.

O VOLUME DE PUBLICIDADE NA FRANÇA
A Imprensa, as "edições publicitárias", o cinema, o rádio e outros veículos.

O VOLUME DE PUBLICIDADE NA INGLATERRA
O espetacular aumento da publicidade inglêsa em 1950. Percentagem que cabe aos veículos no total da publicidade na Grã-Bretanha.

COLETÂNEA COMPLETA DE LEIS, DECRETOS, REGULAMENTOS, PORTARIAS FEDERAIS, ESTADUAIS, MUNICIPAIS (Rio e São Paulo) SÔBRE PUBLICIDADE NO BRASIL
Realização de concursos de propaganda e distribuição de prêmios — A propaganda em face dos dispositivos da Municipalidade da Capital da República (anúncios, letreiros, vitrinas e outros meios de propaganda) — Vendas e Consignações no que se aplica à publicidade — Registro da propriedade literária e artística, no que toca à publicidade — Lei de salário-mínimo para funcionários das emprêsas de propaganda — O impôsto de licença para exibição de anúncios — Painéis e cartazes nas rodovias federais — Isenção de sêlo em contratos de propaganda.

RELAÇÃO DAS AGÊNCIAS DISTRIBUIDORAS DE PUBLICIDADE NO BRASIL
Em 58 páginas seguidas, estão relacionadas tôdas as agências de publicidade do Brasil, com lista completa de seus clientes, nome dos diretores, endereços e demais indicações.

EMPRÊSAS DE CARTAZES, PAINÉIS E LUMINOSOS
Relação dos meios de publicidade ao ar livre em todo o Brasil. Emprêsas do Rio de Janeiro e de São Paulo. Publicidade em bondes, trens, plataformas, árvores de arborização pública.

Indispensável ao anunciante, às agências de publicidade, emissoras e demais veículos de propaganda, o Anuário de Publicidade está à venda à Av. Rio Branco, 117 — sala 323. Preço Cr$ 50,00 (mais Cr$ 10,00 pelo reembolso postal).

ANUÁRIO DE PUBLICIDADE

Tôdas as informações importantes sôbre a publicidade no Brasil e no mundo

À Editôra Publicidade & Negócios Ltda., C. Postal 3748 — Rio de Janeiro. Peço enviar-me pelo preço de Cr$ 50,00 (mais Cr$ 10,00 de taxa de reembolso) um exemplar do ANUÁRIO DE PUBLICIDADE recém-editado.

Meu nome ....

Endereço: ....

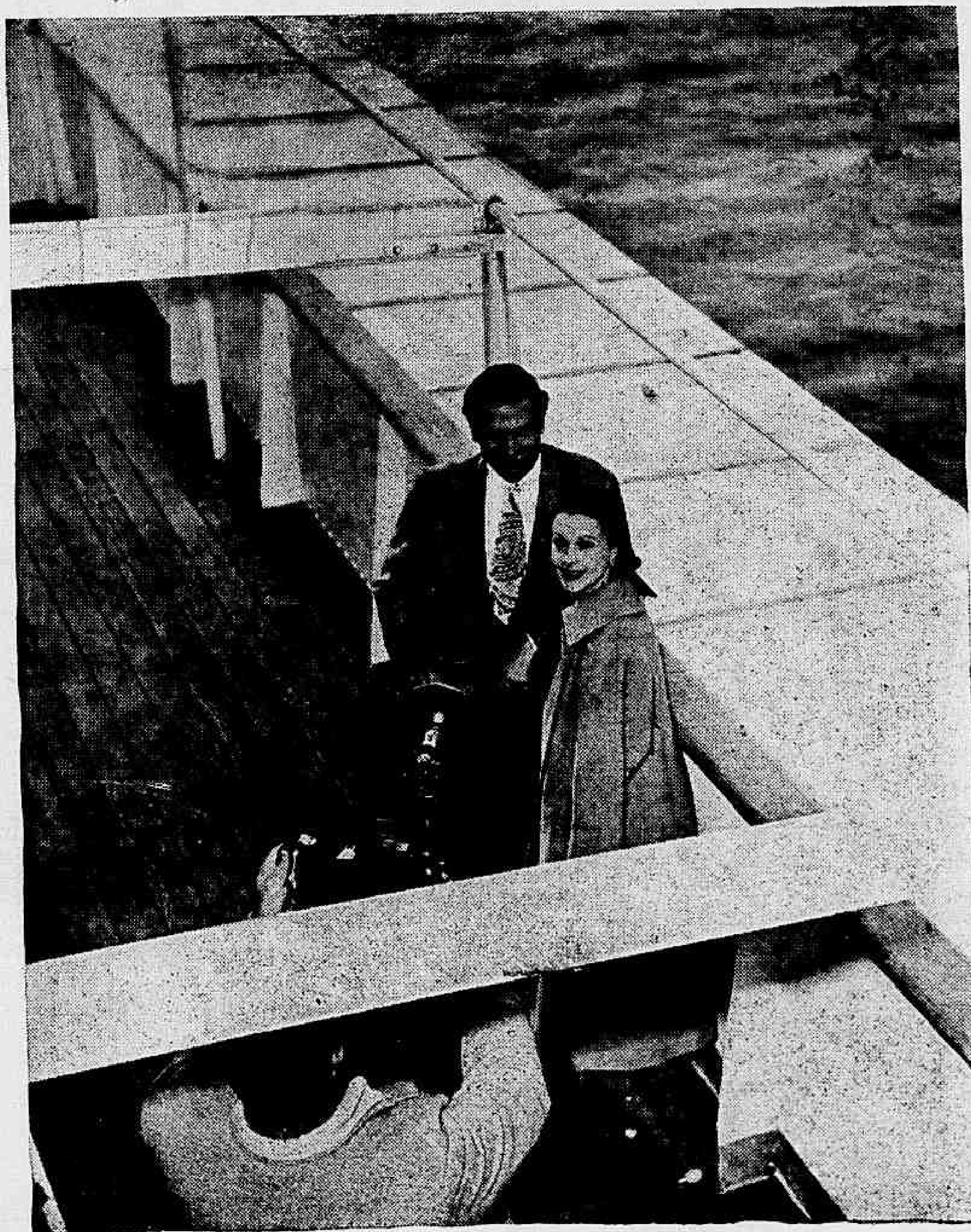
Cidade: .... Estado: ....



Os novos casais românticos de Hollywood estão conquistando seu lugar ao sol; aqui temos um dêles, formado por Steve Cochran e Gaby Andre, protagonistas de «The Two Million Dollar Robbery», da Warner Bros. Ambos moços e ávidos de popularidade...

GRÁFICAS DE HOLLYWOOD

Vivien Leigh e seu espôso Laurence Olivier quando regressavam aos Estados Unidos, da Inglaterra. Ela posou «Uma rua chamada pecado», que Morineau apresentou em teatro no Rio, e êle estrelou «Carie», respectivamente para a Warner e a Paramount.



O "MANDA-CHUVA" DE MARCO

(Cont. da pág. 10)

vacum. E, como o Rio Grande do Sul é mais próximo de S. Paulo do que o nordeste, talvez seja conveniente que tais experiências se realizem mesmo no sul...

O que Frederico De Marco deseja é que seu trabalho seja encarado como coisa séria. O auxílio que êle pleitea é para melhor se aparelhar, poder pesquisar sem os entraves que a burocracia, especialmente a militar, costuma antepor a qualquer manifestação particular em prol da evolução científica. Ùnicamente graças a êsse obscurantismo é que hoje o Brasil não conta com a pilha-atômica, por exemplo, como acontece com a França.

— A ciência é feita para o bem da humanidade e não para constituir segredos militares — diz-nos o prof. De Marco. — Outro será o aspecto da face da terra quando os fenômenos meteorológicos puderem ser governados pelo homem, e se nesse campo o Brasil fêz alguma coisa, dê-se a César o que é de César. O país poderá contar sempre com a minha participação desinteressada.

Enquanto isso, o que faz o govêrno a favor de algo que poderá solucionar o problema da produção em determinadas regiões? Veja-se a negativa de auxílio para o Centro de Pesquisas Atômicas e compreenda-se o resto.

Quanto à experiência sôbre raios cósmicos, por nós realizada, conforme já descrevemos, com moedas e chapas virgens lacradas numa caixinha, deixando tudo no alto de um edifício de 22 andares, exposta ao tempo durante uma semana, deu o seguinte resultado: revelada a chapa demonstrou absoluta ausência de penetração por parte de raios luminosos, que teriam marcado a superfície gelatinosa; marcas perfeitamente visíveis das moedas, notando-se seus cortornos desenhados. Não comentamos, apenas registramos, publicando as imagens obtidas.

LUSTRES DE CRISTAL
de 26 das melhores fábricas européias para todo o Brasil

Nilo Ribeiro seleciona cuidadosamente, para sua importação diréta o que de mais moderno, elegante e artístico a Europa produz em lustres de cristal fino para ornamentar a sua residência.

VENDAS A VAREJO POR PREÇO DE ATACADO
— FACILITA-SE O PAGAMENTO —

Não comprem sem visitar nossa exposição, onde encontrarão técnicos para qualquer orientação.

EXPOSIÇÃO DAS 8 ÀS 22 HORAS

DEPOSITO E EXPOSIÇÃO:
GALERIA SÃO PEDRO
AV. PRINCÊSA ISABEL, 126-D ★ FONES 37-1200 E 37-3428
JUNTO AO TÚNEL NOVO

PEQUENOS GRANDES...

(Cont. da pág. 13)

também outro prêmio ao melhor trabalho da exposição. Êsse sistema foi obedecido em cada uma das escolas participantes, assim como na exposição estadual, na qual se exibiram apenas os trabalhos premiados em cada cidade.

Apesar dessa seleção e do pequeno número de cidades de New México que se fizeram representar, a exposição estadual foi interessante e variada, com quase 75 quadros, em aquarela, "crayon" colorido, óleo e tempera.

Os "Lions Clubes" de New México, orientados pelo clube de Santa Fé, o primeiro a promover exposições de arte infantil, planejam iniciar mais cedo os trabalhos de 1951, esperando que dêles participe maior número de cidades e resulte uma exposição estadual melhor.

Autoridades escolares das cidades orientais de Boston e Nova York, que visitaram a exposição, ficaram tão impressionadas com sua importância que planejam criar um movimento de arte infantil em suas escolas.

SERPENTINAS

(Cont. da pág. 17)

Fazendo o que? Seu pai está doente, quase morrendo. Precisa ir chamar o médico, depressa, ligeiro.

Seria bom se encontrasse o Neco e o Mateus, ou mesmo o estúpido do Fernandinho. Onde será que êles se meteram? Na certa estão a se divertir, juntando confete, recolhendo os tubos vazios de lança-perfumes. Que bom se os encontrasse. Mas seu pai está doente... tem de ir chamar o médico. Chamar o médico, chamar, chamar, chamar — rouqueja a cuíca. Vai morrer, morrer, morrer — berram os apitos e pandeiros.

Não mais o susto e a estupidez estão com êle. Agora, o espetáculo lhe delicia a vista e a música, não fôsse aquela caceteação, o relembrar contínuo do seu dever, seria quase uma carícia para os seus ouvidos. E' o carnaval, é diversão, é brincadeira, é alegria. "Teu pai está morrendo! Teu pai está morrendo! Teu pai está morrendo! Mas não pode arredar o pé da soleira da porta. Então, já não quer fugir, fascinado e atraído pela desordem tecnicolorida, pela gritaria da multidão. Contudo, sabe que não pode ficar olhando, que não pode intrometer-se na barafunda. Tem de ir chamar o médico. Deve ir, deve ir.

Alguém deixa caír um pacote de serpentinas. O guri se precipita para apanhá-lo. Seus dedos apalpam os rolos, através do papel ralo do envólucro. Adivinha que é um pacote sortido: há serpentinas verdes, amarelas, vermelhas e azuis. Terá com que brincar no dia seguinte. Já antevê o efeito brilhante e festivo do quintal todo ornamentado — árvores e cêrcas enfeitadas com as compridas tiras de côres berrantes, de colorido vivo. Os companheiros levarão montões de confete, ajuntados nas ruas, de mistura com a poeira e o lixo das sargetas. Encherão de água os vidros vazios dos lança-perfumes. Terão a sua paródia de carnaval, animada com muita algazarra e bater de latas. Seu pai está doente, seu pai vai morrer. O médico, depressa...

Amanhã será um dia bonito. Árvores e cêrcas vistosas, enfeitadas com as fitas longas, bonitas, pendentes, esvoaçantes... Um rôlo de serpentinas.

EU VOLTEI, ...

(Cont. da pág. 40)

vilhosas, assim: "Minha família foi na frente, encarapitada no caminhão de mudança. Fiquei na vila para fazer umas comprinhas e procurando reatar os meus antigos créditos. Tudo deu certo". E mais adiante: "Estamos salvos! Grande parte do cafezal, mesmo no mato, resistiu, e está com ótima carga. E, pelo preço atual, vou apurar um bom dinheirinho. Frutas, também, vão dar para ser vendidas; o pequeno canavial agüentou e vai fornecer garapa. Servirá para o café, enquanto não sobrar tempo para se fazer açúcar." Depois descreve a chegada; êle foi a pé ao sítio. Aquêle retôrno... Quando transpôs a porteira de varas e viu, maravilhado, a casinha... a fumacita branca dando-lhe vida...

Já não leio mais. A emoção apoderou-se de mim. E a carta é uma tela em que se desenrola o epílogo: vejo Damião, ao pôr do sol, pisar em seus domínios. Sua sombra colossal invade dominadora o terreno. Depois, encurta bruscamente, porque o corpo que lhe dava forma cái de joelhos. Com as mãos cheias de terra, elevando-as como em oferenda, fita o céu azul e exclama: obrigado, meu Deus!... E caindo de bruços, beija o solo querido... murmurando em pranto: eu voltei, minha terra... eu voltei!...



A CASA CRISTALINO
APRESENTA O MAIS SUNTUOSO SORTIMENTO DE
CRISTAIS DA BOHEMIA
Louças, Porcelanas finíssimas, Faqueiros de prata e rica variedade de artigos para presente e objetos de arte
CASA CRISTALINO
A RAINHA DOS PRESENTES
-- URUGUAIANA, 35 E 37 --

SUPLÍCIO DO AMOR













SERA' QUE JERRY VAI ILUDIR DIANA?

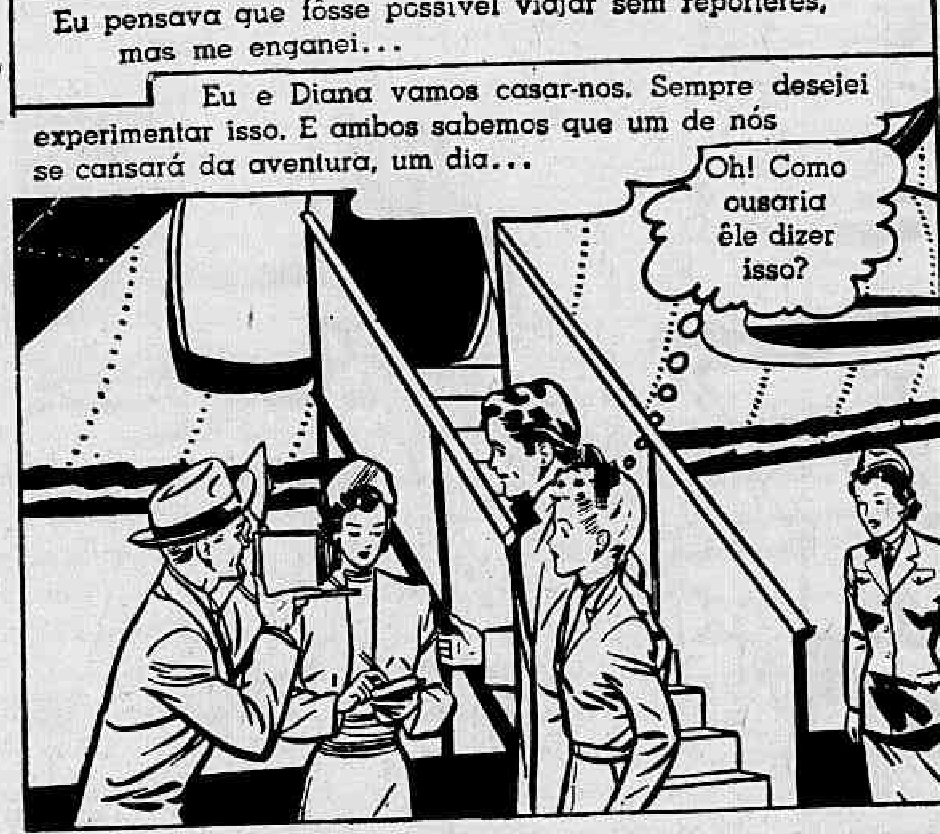








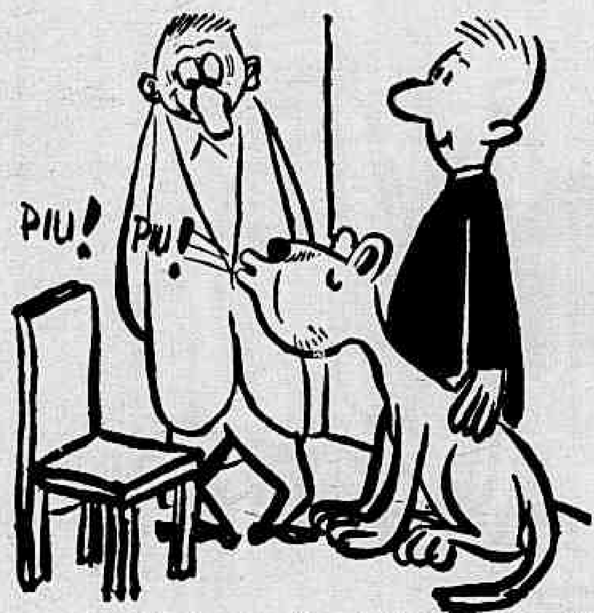






Tudo isto aconteceu

UM MONSTRO



NA cidade de Coral Gables, na Flórida, Estados Unidos, houve tremendo reboliço entre a população. Uma certa noite, muitas famílias foram despertadas por rugido feroz de animal desconhecido que ameaçava, especialmente, as crianças.

Mas, como se chegou a tal conclusão? Se o bicho, o monstro antediluviano ainda nem houvera aparecido para mostrar a focinheira, como já se dizia que o novo "Frankenstein" gostava de comer crianças?

E' que a imaginação humana é de uma fertilidade espantosa, e vai aumentando à proporção que os dias passam. Mas, voltando aos rugidos da fera sôlta, sucedeu que, um belo dia, compareceu à sede da Sociedade Protetora dos Animais de Coral Gables um cidadão de aspecto modesto e declarou que fugira de sua casa um animalzinho chamado" jaguarondi", comprado por êle quando estivera em Maracaibo.

A Sociedade Protetora dos Animais, inclusive daquele inexperiente felino maracabano, providenciou imediatamente a captura do coitadinho, até que o capturaram. Foi então que se explicou a história do animal feroz que estava a dar urros medonhos nos fundos dos quintais das famílias da cidade.

Mas, o dono do fujão explicou que, absolutamente o seu "jaguarondi" não dava urros de tal espécie, nem é capaz de atacar ninguém, pois só se alimenta de pequenos pássaros e gatos, sendo amigo dos homens e de sua prole. A inimizade dêle é apenas contra outros animais. E, quando está satisfeito, emite um pio semelhante ao de certas aves; quando está assustado, solta um silvo característico, mas nada de berros ou urros assustadores. E, para provar, fêz uma carícia ao "Didi", e êste a correspondeu: pio... pio...

E, assim, se acabou a lenda do lobisome da Flórida.

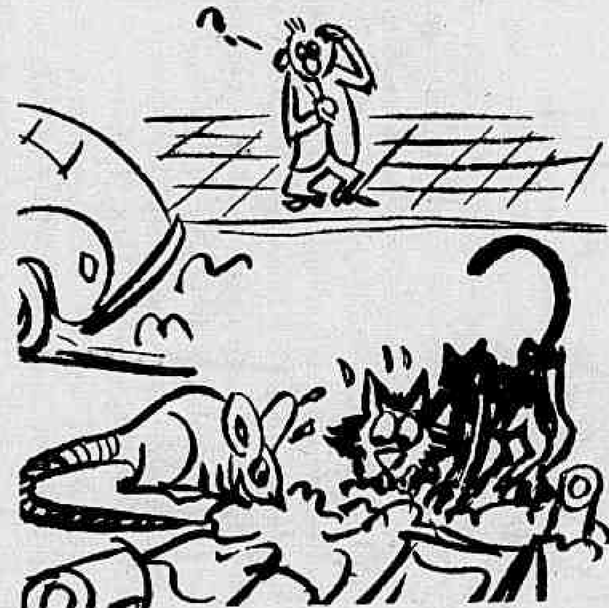
OS ANIMAIS SE ENTENDEM

NÃO faz muito, comentamos aqui o fato inédito de um cão caçador de feras na mata, quando colocado diante de um gato selvagem, ter-se aproximado do mesmo e com espanto dos presentes passou a fazer-lhe carícias, lambendo-lhe o focinho, amabilidades que foram correspondidas pelo gato do mato.

Os homens que promoveram o duelo sangrento ficaram desapontados com o instinto de paz dos dois inimigos irreconciliáveis. Como explicar-se o fenômeno? Um aviso do Céu? Uma prova de que até os chamados irracionais estão dispostos a viver em paz? Uma coisa ou outra, o fato é que nem o cão "boxer" atacou o gato, nem êste se mostrou atemorizado com a presença do figadal inimigo.

Mas, isso já foi comentado aqui mesmo. Agora, vamos dar nova edição sôbre a evolução dos animais em matéria de civilização. Há poucos dias, um trabalhador do cais desta capital, ao passar perto de uma das ruas próximas ao "Pharoux", viu enorme rato a farejar detritos junto a um esgôto.

O homem teve vontade de apanhar um rebôlo e jogar no guabiru; mas, se deteve. Na mesma direção do roedor vinha descendo grande gato prêto, que, pelas aparências, estava com fome. O gato, vendo o rato, a uns vinte passos (passos de gente...), estacou, ergueu a cabeça como quem procura conhecer o "semelhante" quadrúpede que estava a lutar pela vida lá adiante.



O trabalhador torceu pela luta que se ia travar em instantes. Mas o gato prosseguiu a caminhada até chegar a meio metro do ratão. Êste continuava a comer qualquer coisa que encontrara no solo, sem dar a menor atenção ao inimigo tradicional. Dentro em pouco, ambos, juntos, agachadinhos, roíam detritos do mercado, na maior harmonia... Que belos exemplos de solidariedade na desgraça!



ESTAS CRIANÇAS ESTÃO NUMA FARRA AQUÁTICA e são netinhas do sr. René Pleven, Presidente do Concelho do Govêrno Francês. Êle passa tempos na sua vivenda de Senlis, no Aumont, e a garotada se delicia, não sòmente com a paz ambiente, como porque o vovô se esquece de suas altas funções políticas e fica de quatro, recebendo na lombada os netinhos em alvorôço. Depois da brincadeira, vão os garotos para a banheira, onde continuam a farra em gritarias e exclamações de festa emprestando ao lar do sr. Pleven, um alegria que ficará permanentemente na memória de todos: vovós e netinhos. Na outra foto, o casal feliz, e mais feliz porque há seis netos...

RECORDE DE VELOCIDADE



UM cidadão qualquer de uma cidade qualquer da Inglaterra teve necessidade de escrever uma carta a outro de Longhborough, também na Inglaterra. Estávamos nos fins de 1904 e aquêle digníssimo súdito de S. M. Britânica achou que devia mandar parabéns de fim de ano com desejos de Boas-Saídas e melhores Entradas em 1905, ao seu fiel amigo de infância, Mr. Smith.

Mr. Brown pegou da pena e escreveu frases delicadas que iriam levar um pouco do antigo afeto que o ligava ao outro desde os belos tempos dos oito anos a correr pelas campinas atrás das borboletas azuis.

Passaram-se os dias, as semanas, os meses e os anos. Nada de o destinatário acusar o recebimento da mensagem do tradicional "Merry Xmas", como já dizem os norte-americanos para economizar letras. Que haveria acontecido? Nada se soube até 7 dêste mês de janeiro de 1951.

A carta de Mr. Brown para Mr. Smith sòmente agora chegou a Longhborough, gastando apenas 45 anos de viagem! E' claro que o destinatário não pôde recebê-la pelo simples e natural fato de já estar enterrado no cemitério local. Por sua vez o remetente, o delicado Mr. Smith também nada mais poderá reclamar à Administração dos Correios da Inglaterra, pela razão simples e naturalíssima de também estar morto e continuar nesse estado de inércia.

O caso provocou comentários entre os vivos, gente sempre dada a mexericos e a querer desvendar, sem pagar nenhum impôstó, os mistérios da vida, da morte e dos Correios de qualquer parte do mundo. E o melhor é ficar essa mensagem sem resposta, pois, de lá para cá, foi que o Mundo entrou numa anarquia dos diabos!

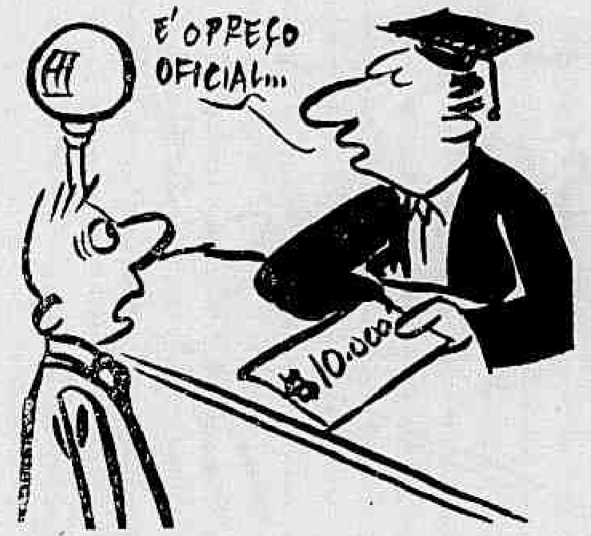
O PREÇO DE UMA LUA DE MEL

QUE faria o leitor se fôsse Juiz e tivesse de dar sentença num caso de perturbação de lua-de-mel? E que faria se fôsse parte nessa lua-de-mel, como noiva ou como noivo, segundo o sexo de quem nos lê? E que faria, ainda, se estivesse hospedado num hotel e, no quarto vizinho os noivos, em plena lua-de-mel, não o deixasse dormir sossegadinho, com gritos e gemidos intoleráveis?

Pois foi isso que sobreveio ao Tribunal de Nova York, há poucos dias. Um hotel daquela cidade estêve em desassossêgo com êste episódio inédito:

Um casalzinho de noivos alugou um dos quartos da casa. A certa hora da noite, porém, vários hóspedes procuraram a gerência para fazer uma queixa: ninguém podia dormir com os ruídos impertinentes e estranhos que vinham do quarto dos noivinhos.

Um dos queixosos chegou mesmo a supor que um crime hediondo estava a dar-se no quarto da curiosidade. Ou ambos os nubentes estavam trocando facadas, ou um dêles matando o outro. Ainda uma terceira hipótese: a sogra teria aparecido e entrado em ação. Ou ambas as sogras...

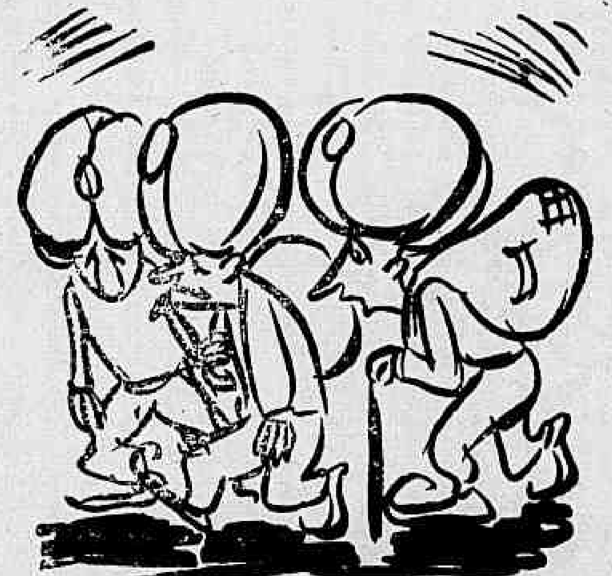


Chamou o gerente os detectives do estabelecimento e lhes deu ordem para averiguar o que sucedia. Os "sherlocks" penetraram no quarto e não encontraram vestígio de crime. Os noivos propuseram uma ação criminal, com fundamentos na perturbação de seus direitos de lua-de-mel, tendo o Tribunal condenado o hotel em dez mil dólares, preço oficial de lua-de-mel interrompida...

A VEZ DOS MARAJÁS

NINGUÉM ignora que os famosos Maharajás, ou simplesmente Marajás da Índia, são uns fidalgos riquíssimos. Há mesmo um dêles, o de Kapurtala, que é considerado o mais rico homem dêste planêta. Nem Rottschild, nem Henri Ford, nem Rockefeller, ninguém o vence em riqueza, em ouro, pedraria preciosíssima, em criadagem.

Pois meus senhores, os Marajás indianos já estão a queixar-se das aperturas desta vida. Era o que faltava! Quem nos diz isso é um telegrama procedente de Bombaim. Segundo essa notícia, o Marajá de Baroda declarou que o tratamento indigno do govêrno indiano reduziu os antigos príncipes de sua pátria à categoria de exilados errantes.



Para contrabalançar a dureza da vida atual, o Marajá de Baroda e outros príncipes fundaram a "União dos Governantes". Estão êles todos dispostos a contrapor argumentos ao govêrno que os forçou a abandonar seus lares e a vagar ao léu, como exilados. De quem a culpa? O Marajá de Baroda aponta: as autoridades administrativas nomeadas pelo atual govêrno da Índia.

Estão, pois, os príncipes marajás a passar mal. As queixas e a lista de sacrifícios por que estão passando desde que a pátria adquiriu a independência em agôsto de 1947, é grande e impressionante. Acusa o govêrno de não ter cumprido a promessa feita solenemente aos Marajás, quando foi unificado o país num só Estado soberano.

E a gente que ficava a imaginar coisas das Mil e Uma Noites quando se ouvia falar em Marajás da Índia! Os pobrezinhos estão sem um barraco para morar...



ESTA NOTÍCIA É DEDICADA às nossas elegantes: exibiu-se em Paris o mais belo modêlo de vestido de 1950, desenho de célebre costureiro da Cidade Luz. Eis aqui a jovem que o apresentou no salão de exibição de modas. Trata-se de um modêlo para estréias de óperas, de bailes de gala e outros motivos altamente sociais e mundanos. Sua originalidade consiste em possuir duas saias. A primeira é estreita e tubular, de côr branca, enquanto a segunda tem a côr branca exteriormente e o fundo negro, de «chiffon», conforme vemos na gravura. O corpete é branco com irregulares enfeites negros, tudo combinando com o cinto e as luvas.

TAMBÉM A ESPADA



TÔDA a Inglaterra ainda está interessada em localizar o esconderijo da "Pedra da Coroação", recentemente subtraída da Abadia de Westminster por um adepto da autonomia da Escócia. Como todos sabem, o furto dessa "Pedra" foi sensacional e interessou o mundo inteiro pelo seu ineditismo e pelos motivos políticos que encerra o episódio.

Ainda não estava terminado o assunto, quando nova proeza acaba de verificar-se em Londres, com outro assalto a objetos históricos. A sete dêste mês de janeiro de 1951, alguém subiu ao pedestal da estátua da Britânia e de lá retirou a espada de bronze com a respectiva bainha.

O monumento contém ainda a estátua de Lord Clyde, herói do Motim da Índia, situado na praça de Waterloo. Que conexão haverá entre êste furto com o da famosa "Pedra do Trono"? A polícia londrina não vê nada que ligue uma coisa à outra; mas, indiscutivelmente, há algo entre os dois fatos.

Todo mundo sabe que não se pode vencer uma batalha apenas com boas maneiras ou desejos de vencer. Se já está em poder dos patriotas escoceses a "Pedra da Coroação", é claro que não há quem possa realizar a autonomia da Escócia apenas pela posse um tanto clandestina da "Pedra". Além dêsse objeto tradicional e sôbre o qual os escoceses consagravam os seus reis, é indispensável que haja armamentos também tradicionais e históricos. Os escoceses são supersticiosos, como todo mundo neste planêta maluco. Se Jacob teve o seu grande sonho da escada quando dormia com a cabeça sôbre aquela pedra famosa, ora furtada da Abadia de Westminster, nada mais natural que surripiar-se a espada da Britânia, pois, sem ela, como poderá a Inglaterra enfrentar os escoceses? São precavidos, êsses revolucionários...

UMA NOVA RELIGIÃO



MUITA gente não se mostra satisfeita com as religiões ora existentes neste mundo ingrato e não falta quem imagine uma seita à moda da casa. E' verdade que um novo Profeta ou Messias há que recorrer a certos aspectos tradicionais dos emissários de Jeová, isto é, usar uns mantos compridos e deixar crescer a barba a ponto de impressionar os que rapam cabeça e rosto.

Foi pensando num mundo melhor que o norte-americano chamado Francis Pancovic fundou sua religião, a "Fonte do Mundo". Belo nome para um filme revolucionário ou puramente contemplativo. Mas, Pancovic, que a si mesmo deu o majestoso nome de "Krishna Venta" (para nós essa Venta foi que estragou a estética do Krishna...), não estava disposto a fazer poesias e meteu mãos à obra da redenção mundial pela "Fonte" que instalou.

Como nos Estados Unidos se lê muito a Bíblia, e ninguém viu ali qualquer referência a êsse novo Salvador, não foi o profeta Krishna Venta muito feliz em suas pregações. Diante da ingratidão dos seus conterrâneos, largou-se para Costa Rica. Mais uma vez se confirmavam as palavras do Velho Testamento: "Ninguém é profeta em sua terra". Do Velho ou do Novo, não estamos bem certos, mas que há isso na Bíblia, há.

A sede da nova religião é na Califórnia, em Gecoge Park, ou George Park, não está bem claro na notícia que vem de lá. O profeta californiano chegou a S. José da Costa Rica e iniciou os seus ofícios divinos. Sua longa e basta barba profética, impressionou os ouvintes. Mas, o govêrno do país não gostou daquela visita e lhe deu 48 horas para deixar o país. Quanto à profissão que figura no passaporte de Pancovic, passou a ser de "vagabundo", disse um funcionário na venta do Krishna Venta...





O CINEMA TEM SIDO O GRANDE

veículo para mostrar ao mundo as Rainhas da perfeição física, as ditadoras da moda feminina, as perturbações de corações. Aqui vemos duas dessas soberanas: Maria Felix, jóia do cinema mexicano, dona dos mais belos olhos do mundo. Em seguida, a fascinante Hedy Lamarr (Hedy Kieslerova), filha da bela Viena, seguindo depois para a Tchecoslováquia, sagrando-se no cinema com o filme «Extase». Em 1938, com vinte primaveras, chegou a Hollywood, onde «abafou a banca». E' hoje a depositária do verdadeiro conceito de beleza feminina, ofuscando a Garbo e a Harlow.

NESTE NÚMERO

REPORTAGENS

Pequenos grandes artistas.. 4/ 5
O «manda-chuva» De Marco (Sabino Canalini) 8/11
A Lapa está voltando a ser a lapa (Daniel Caetano).... 18/23
Viajando num «Pau de Arara» (Abdias Rodrigues)... 24/29

LITERATURA

Serpentinas (Guido Wilmar Sassi) 17
Semana Literária (Edmundo Lys) 30/31
Eu voltei, minha terra... (Afonso Celso de Oliveira) 32

SEÇÕES PERMANENTES

A Semana em Revista...... 6
Personagem da Semana..... 6
Puxe pelo cérebro.......... 7
Palavras Cruzadas 24
A Saúde do Bebé............ 40
Tudo isto aconteceu........ 47/49

HUMORISMO

Fantasias (Théo) 43
Quem me dera (Nicodemus) 35

CINEMA

Os gaúchos fazem cinema 12/13
Gráficos de Hollywood.. 14/15/44

FEMININAS

Estampados modernos 34
Maillots modernos 35
Plissados 36
Week-End na Cozinha...... 38/39
Em tafetá 41
A moda e os bordados...... 42

FOLHETIM

Os suplícios do amor........ 46

ATUALIDADES

Mesmo que chova........... 3
Um templo budista em Jabaquara 50

FOTOS

Sabino Canalini — Scliar — Walter Morgado — USI — Avulsas.

BONECOS

Rafael

NA CAPA:

Ivone De Carlo

(Foto Universal - International)

UM TEMPLO BUDISTA EM JABAQUARA

JABAQUARA é aqui pertinho, logo ali em São Paulo, nos arredores da capital. Um dia dêstes, o repórter dava um giro pelas redondezas, quando teve a atenção chamada para uma vistosa tabuleta espetada no jardim de um bangalô último tipo. A tabuleta, em caracteres nipônicos, dizia na tradução ao lado, em letras latinas, apenas isto: "Igreja Koyasan". Sem demora o repórter pôs-se em campo, à busca de pormenores. Sim, aquilo era exatamente um templo budista, uma igreja com todo o ritual nipônico, da Seita Shingon. E não tardou a ser feita a reportagem que o tema inspirava. Mas não foi muito fácil obter permissão para colher o material fotográfico necessário, porque o local é privilégio dos fiéis — e no fim de contas, o prédio não foi construído para a prática de orações de nenhuma espécie: o prédio vem a ser uma casa residencial adaptada para o serviço religioso. Exteriormente, só aquela tabuleta com dizeres redigidos nos dois idiomas, dá a perceber o seu destino verdadeiro — mas lá dentro, encontra-se tudo de imprescindível para satisfazer a um filho do Oriente, na prática de suas orações. Altares em estilo budista, gongos, livros de orações, perfumes para serem queimados, tímpanos de prata com os quais são acompanhados os cânticos sagrados, macetes forrados de feltro para percutir o gongo, frutas simbòlicamente oferecidos — e velas acesas, tudo se encontra no templo dedicado a um dos doze grandes discípulos de Buda: Odaishi-Sama.

Dentro daquelas paredes, respirando o "clima" budista por excelência, afigurava-se ao repórter estar longe do Brasil, talvez no mosteiro do Monte Koya, ou no monte Hiei, bem perto de Kioto, em pura terra japonêsa. E no entanto, aquilo tudo existia — ou melhor, existe — nos arredores da capital paulistana, em plena rua das Perobas, no bairro do Jabaquara.

Daremos no próximo número, o resultado dessa produtiva incursão da reportagem da REVISTA DA SEMANA, em São Paulo. Na gravura, o "bonzo" Ryucho Shimba, numa reverência bem oriental, perante o altar maior do templo budista em honra de Odaishi-Sama.

Respostas ao teste

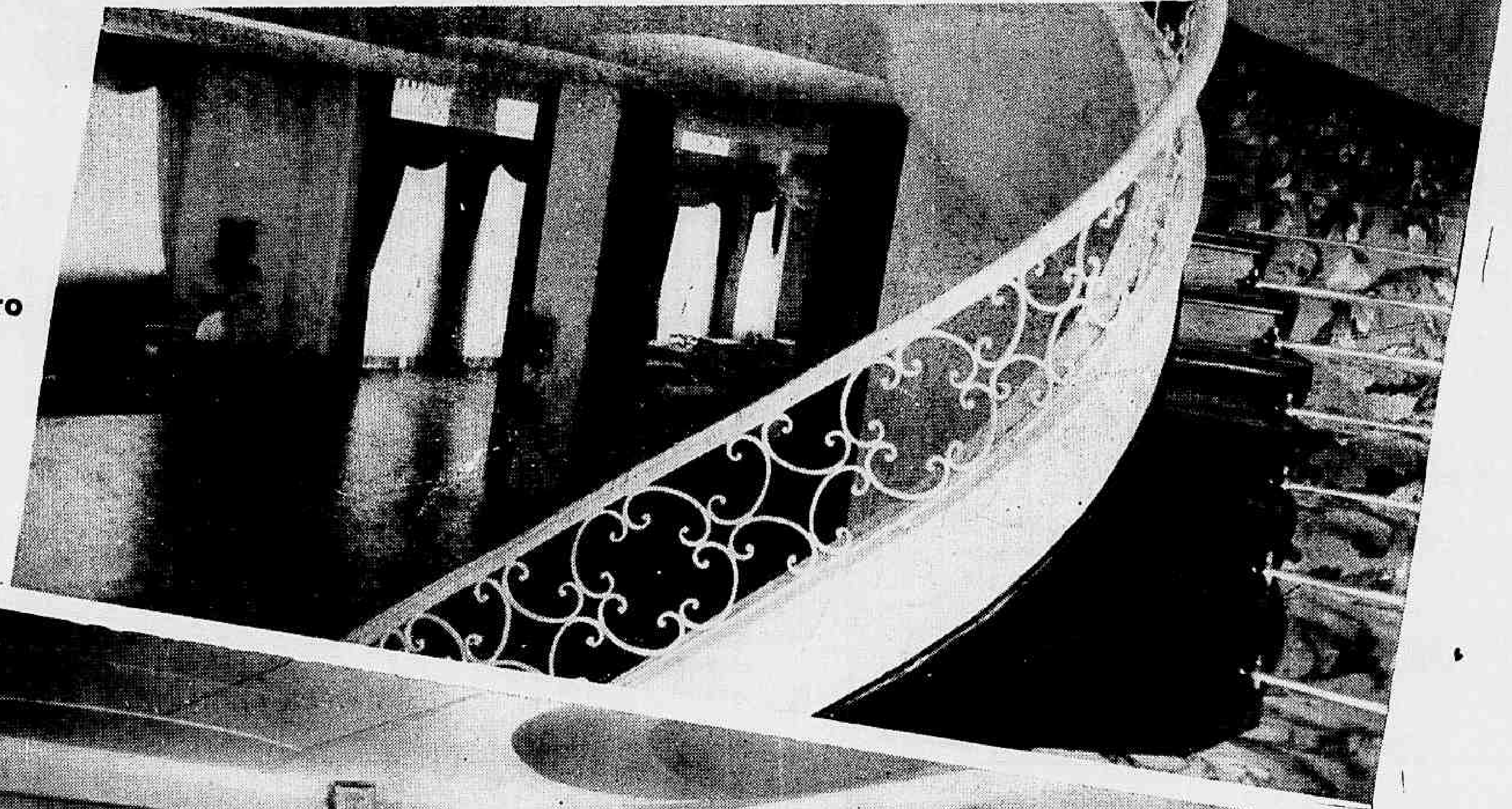
(Vide página 7)

1—Bromeliácea
2—Abada
3—Lucivelo
4—Um dos casos da declinação latina
5—Têrmo de magia
6—Fora de uso
7—Nome de uma árvore
8—Acardíaco
9—Acatisia
10—Sem cabeça
11—Acrófobos
12—Quiromancia
13—Deslexia
14—Erudir.
15—Na ilha de Santa Helena
16—Escabroso
17—Gitano
18—Maquinaria (paroxítono)
19—Grua
20—Granívoras

CLUBE CURITIBANO -- CURITIBA -- PARANÁ



Hall do 1.° pavimento



Escadarias e Hall do 2.° pavimento



Boite Mignon

MÓVEIS E DECORAÇÕES
Projeto e execução da CASA NUNES — Rio de Janeiro





A coerência é um atributo das pessoas de bom gosto. Quem sabe apreciar uma sonata de Beethoven, um prelúdio de Debussy, também dá valor a um bom cigarro... Por isso Hollywood é hoje uma tradição da sociedade brasileira. Tabacos finos, rigorosamente escolhidos, harmoniosamente combinados, deram a Hollywood esta posição ímpar. Hoje, Hollywood conta com mais fumantes que todas as outras marcas da mesma categoria combinadas — e você, como pessoa de bom gosto, também aprecia Hollywood.

cigarros

Hollywood

uma tradição de bom gosto

um produto SOUZA CRUZ

H-88.066